



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: CULTURA,
EDUCAÇÃO E LINGUAGENS – PPGCEL

RODRIGO RIBEIRO DOS SANTOS

**O que contam de mim: análise comparativa entre narrativas de
vida de/sobre Herbert Daniel**

Vitória da Conquista- Bahia

2026



RODRIGO RIBEIRO DOS SANTOS

**O que contam de mim: análise comparativa entre narrativas de
vida de/sobre Herbert Daniel**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus Vitória da Conquista, como exigência final para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Literatura e Interfaces

Orientador(a): Prof. Dr. Marcus Antônio Assis Lima

Vitória da Conquista- Bahia

2026



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
CULTURA, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS



UESB



Governo do
Estado da Bahia

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Recredenciada pelo Decreto Estadual
Nº 16.825, de 04.07.2016

ATA DE DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM LETRAS: CULTURA, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS DA UESB.

Aos vinte e cinco dias do mês de fevereiro de 2026, por meio digital/virtual, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, os membros da Banca Examinadora constituída pela Prof.^a Dr.^a Maryllu de Oliveira Caixeta (PPGCEL/UESB), Prof. Dr. Daniel Mazzaro Vilar de Almeida (PPGEL/UFU), e pelo Prof. Dr. Marcus Antônio Assis Lima (PPGCEL/UESB) orientador, reuniram-se para julgar a dissertação “*O que contam de mim: análise comparativa entre narrativas de vida de/sobre Herbert Daniel*”, de autoria de Rodrigo Ribeiro dos Santos. Depois da apresentação pelo candidato e arguição pela banca, deliberou-se pela APROVAÇÃO, condicionando-se o efeito legal desta ata, para o fim específico de emissão de diploma de Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, Linha de Pesquisa: Literatura e Interfaces, à entrega de versão definitiva da dissertação até 30 dias decorridos da data de defesa, conforme preconiza artigo 62, capítulo XXIV – Da Versão Final da Dissertação, da Resolução Consepe Nº 38/2020 – que aprova o Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens. Nada mais havendo a ser tratado, a comissão examinadora encerrou a sessão pública de defesa, da qual lavrei a presente ata que, após a sua leitura, será assinada por mim, pelos demais membros da banca e pelo candidato ao título de mestre.

Vitória da Conquista, 25 de fevereiro de 2026.

Campus de Vitória da Conquista

(77) 3424-8695 | ppgcel@gmail.com

Campus de Itapetinga
Praça da Primavera, 40
Bairro Primavera
CEP 45.700-000
PABX.: (77) 3261 - 8600

Campus de Jequié
Rua José Moreira Sobrinho, s/n
Bairro Jequiezinho
CEP 45.200 - 000
PABX.: (73) 3528 - 9600

Campus de Vitória da Conquista
Estrada do Bem Querer, km 4
Bairro Universitário
CEP: 45031 - 300
PABX.: (77) 3424 - 8600



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
CULTURA, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS



UESB



Governo do
Estado da Bahia

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Recredenciada pelo Decreto Estadual
Nº 16.825, de 04.07.2016



Documento assinado digitalmente
MARCUS ANTONIO ASSIS LIMA
Data: 25/02/2026 13:28:11-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Orientador – Prof. Dr. Marcus Antônio Assis Lima



Documento assinado digitalmente
MARYLLU DE OLIVEIRA CAIXETA
Data: 25/02/2026 21:31:10-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Examinadora Interna – Prof.^a Dr.^a Maryllu de Oliveira Caixeta



Documento assinado digitalmente
DANIEL MAZZARO VILAR DE ALMEIDA
Data: 25/02/2026 14:56:29-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Examinador Externo - Prof. Dr. Daniel Mazzaro Vilar de Almeida



Documento assinado digitalmente
RODRIGO RIBEIRO DOS SANTOS
Data: 12/03/2026 21:22:48-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Mestrando – Rodrigo Ribeiro Dos Santos

Campus de Vitória da Conquista

(77) 3424-8695 | ppgcel@gmail.com

Campus de Itapetinga
Praça da Primavera, 40
Bairro Primavera
CEP 45.700-000
PABX: (77) 3261 - 8600

Campus de Jequié
Rua José Moreira Sobrinho, s/n
Bairro Jequezinho
CEP 45.200 - 000
PABX: (73) 3528 - 9600

Campus de Vitória da Conquista
Estrada do Bem Querer, km 4
Bairro Universitário
CEP: 45031 - 300
PABX: (77) 3424 - 8600

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação aprovada em 25 de fevereiro de 2026, pela banca examinadora composta por: Prof. Dr. Marcus A Assis Lima (Orientador) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Prof.a Dra. Maryllu de Oliveira Caixeta (Examinadora Interna) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e Prof. Dr. Daniel Mazzaro Vilar de Almeida (Examinador Externo) – Universidade Federal De Uberlândia (UFU).

S238q

Santos, Rodrigo Ribeiro dos.

O que contam de mim: análise comparativa entre narrativas de vida
de/sobre

Herbert Daniel / Rodrigo Ribeiro dos Santos, 2026.
109f.

Orientador (a): Dr. Marcus Antônio Assis Lima.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa
de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagem, Vitória da Conquista,
2026.

Inclui referência F. 106 - 109

1. Daniel, Herbert. 2. Narrativas de vida. 3. Semiologia. 4. LGBTQIAPN+.
I. Lima, Marcus Antônio Assis. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagem III. T.

Catálogo na fonte: Karolyne Alcântara Profeta – CRB 5/2134

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

"A luta pela liberdade e pelos direitos humanos dos negros e dos gays não é apenas sobre quem amamos ou sobre como nos identificamos. É sobre quem somos em nossa essência, sobre o direito de existirmos como seres humanos plenos, sem sermos definidos por nossa aparência, por nossas preferências ou por nossa sexualidade.

A opressão que enfrentamos como pessoas negras ou como pessoas LGBT não é apenas um reflexo do ódio, mas também do medo. O medo do que é diferente, o medo do que não pode ser controlado. A luta por nossa liberdade é a luta por nossa humanidade, por um mundo onde cada um de nós possa ser quem somos sem medo, sem vergonha, e com o direito de viver com dignidade."

James Baldwin

Todo enunciado está, repleto de potencialidades de sentido, de possíveis Interpretativos que o sujeito analisante faz emergir da diversidade semântica. Isto aproxima-nos do ponto de vista de Nietzsche e da hermenêuticas pós-moderna, que diz que a interpretação é plural, e de fazer desse processo de interpretação um 'processo ilimitado'. Isso também está de acordo com o que Umberto Eco diz sobre literatura: '[...] o receptor seleciona a mensagem e introduz nela uma probabilidade que certamente está lá, mas entre muitas outras, respeitando uma liberdade de escolha' (Charaudeau, 2025, p. 285).

Dedicatória

Dedico esta obra a toda à comunidade LGBTQIAPN+, que, diariamente, enfrenta discriminação, violência e o estigma de um mundo que muitas vezes se recusa a aceitá-la em sua totalidade. A todos que, com coragem e resistência, continuam a lutar por visibilidade e respeito, e a todos nós, que fazemos parte dessa luta, de diferentes formas.

Dedico também às vítimas da homofobia e da violência motivada pelo ódio, que perderam suas vidas de maneira brutal. Aos que sucumbiram, vítimas de ataques covardes, mas cujas lembranças e legados permanecem vivos, como: **Dandara dos Santos, Marielle Franco, Edson Neris** e tantos outros cujos nomes, embora nem sempre reconhecidos, são símbolos de resistência. E aos que pereceram à epidemia do HIV, como **Herbert Daniel, Cazuza, Renato Russo e Cláudia Wonder**, cujas perdas ainda reverberam na luta pela saúde e pelos direitos da comunidade.

Que cada um desses nomes e histórias inspirem em mim e em todos nós ações concretas de justiça, igualdade e dignidade para todos, em qualquer lugar, em qualquer tempo.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus, fonte de toda força, sabedoria e luz que me sustentou durante essa jornada. Foi Ele quem me deu coragem nos momentos de incerteza e me abençoou com a paciência e determinação necessárias para chegar até aqui. Sem a Sua orientação divina, nada disso seria possível.

Aos meus pais, minha mãe **Celenilza Ribeiro**, por seu amor incondicional, que foi a base de tudo o que sou. Mãe, você sempre foi minha rocha, a fonte do meu acolhimento e da minha força. Em cada gesto seu, no seu sorriso, nas suas palavras, encontrei o que me impulsionou a seguir em frente, mesmo nas dificuldades. A sua fé e dedicação me ensinaram o verdadeiro significado do amor, e é com elas que sigo, sempre com gratidão e reverência.

Ao meu querido pai, **Írisvaldo Oliveira**, (*In memoriam*), cuja presença física sinto falta a cada momento, mas que continua a viver em cada pensamento meu, em cada escolha, em cada passo dado. Pai, sua sabedoria e seus ensinamentos não saem do meu coração, e sei que o que conquistei é fruto de sua orientação e amor. A saudade é profunda, mas a sua luz segue a me guiar, em cada conquista que celebro, em cada vitória que alcanço.

Aos meus irmãos, **Nicácia Ribeiro** e **Romário Ribeiro**, que estiveram ao meu lado em cada passo me apoiando, inspirando e me mostrando o que é amor verdadeiro. **Nicácia**, minha irmã, meu apoio constante, minha parceira de vida. Em você, encontrei uma força que me motivou a seguir, mesmo nas horas mais difíceis. O amor que você sempre me ofereceu, sem pedir nada em troca, é algo que guardo com muito carinho em meu coração. Sua presença é uma bênção, e sua dedicação é uma das maiores fontes da minha motivação.

Ao meu sobrinho **Kelvin José**, que trouxe alegria e motivação para a minha vida de uma maneira única. À minha tia **Enilta Ribeiro**, minhas primas **Regiane Ribeiro** e **Erilma Ribeiro** que sempre estiveram ao meu lado, não só em momentos difíceis, mas também nas alegrias, celebrando cada conquista comigo.

Ao meu primo **Gildemar Rocha**, que, com seu carinho e sua amizade, fez dessa caminhada ainda mais especial.

Ao meu professor e orientador, **Prof. Dr. Marcus Lima**, um amigo querido, cuja orientação foi fundamental para a realização deste trabalho. Sua sabedoria, paciência e dedicação me guiaram com uma clareza única. Sou grato pelos ensinamentos e pelas palavras de apoio, que foram além do papel de orientador.

Expresso minha profunda gratidão aos integrantes da minha banca, **Prof.^a Dr.^a Maryllu Caixeta** e **Prof. Dr. Daniel Mazzaro**, cuja presença, leitura atenta e contribuições rigorosas foram fundamentais tanto no processo de qualificação quanto na defesa deste trabalho. Agradeço pela generosidade intelectual, pelas provocações teóricas que ampliaram meu olhar e pelo compromisso ético com a pesquisa. Cada sugestão, crítica e orientação oferecidas contribuíram de maneira decisiva para o amadurecimento da minha investigação e para o fortalecimento do caminho acadêmico que escolhi trilhar.

A todas as minhas amigas, **Angélica, Celenilza, Cleide, Vanessa, Gabriela Santos, Gabriela Chaves, Gabriela Souza, Tamires, Jeniffer, Diana, Geisa, Luana** e **Laís**, por todo gesto de carinho, por toda palavra de incentivo e pelo apoio incondicional. A **Amanda Luana**, minha amiga e irmã, que sempre me apoiou com carinho e dedicação, sendo uma presença constante de força e afeto.

Às minhas eternas professoras, **Edineia Cerquera, Jilvanete Matos, Simone Da Macena** e **Jirlane Souza**, que marcaram minha vida de forma indelével. O que aprendi com vocês vai além dos livros, foi um ensinamento de vida que carrego comigo em cada passo.

Por fim, agradeço imensamente a toda a minha família, pela compreensão, pelo amor e apoio irrestritos, que foram fundamentais para minha perseverança. A todos que, **direta ou indiretamente contribuíram** para que este sonho se tornasse realidade, minha eterna gratidão. Cada palavra de apoio, cada gesto de carinho e cada pensamento positivo, mesmo sem ser expresso, foram fundamentais para minha caminhada. Não há palavras suficientes para expressar minha gratidão a cada um de vocês.

Esta conquista é nossa, de todos vocês. Cada um teve seu papel nessa trajetória, e é a força do amor e da união que me trouxe até aqui.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	16
1.1 Estrutura de análise -----	25
CAPÍTULO 2: Perspectivas discursivas na construção das narrativas de vida: subjetividade e contextualização histórica -----	34
2.1 O deslocamento enunciativo na organização das narrativas de vida -----	36
2.2 O eu enunciador e a escrita de si na narrativa de vida de Herbert Daniel -----	38
2.3 A narrativa de vida de Herbert Daniel na abordagem acadêmica de James Green -----	42
CAPÍTULO 3: Os narradores na narrativa de vida “Meu Corpo Daria um Romance” de Herbert Daniel: uma análise dos sujeitos narrativos -----	44
3.1 Entre a repressão e a epidemia: a persistência da comunidade LGBTQIAP+ -----	48
3.2 Resultados em perspectiva: implicações e reflexões -----	53
CAPÍTULO 4: Capítulo 4: Os Narradores na narrativa de vida “Revolucionário e Gay” De James Green: uma análise dos sujeitos narrativos -----	78
4.1 Cores de resistência: a luta LGBT em tempos de chumbo e a realidade recente do Brasil -----	79
4.2 Implicações dos resultados -----	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	100
REFERÊNCIAS -----	106

Resumo

Esta dissertação propõe uma análise comparativa entre duas narrativas centrais sobre Herbert Daniel, intelectual, militante político, ativista pelos direitos humanos, pioneiro na luta LGBTQIAPN+ e figura fundamental no enfrentamento à epidemia de HIV/AIDS no Brasil: a narrativa de vida *Meu Corpo Daria um Romance* (1984), escrita pelo próprio Herbert, e a biografia *Revolucionário e Gay: A Vida Extraordinária de Herbert Daniel* (2018), de James Green. O estudo desenvolve-se a partir de um aporte teórico-metodológico interdisciplinar, fundamentado na Semiologia de Patrick Charaudeau (1997, 2006, 2008, 2019) e nas contribuições de Ida Lucia Machado (2015, 2016, 2020) sobre narrativas de vida e subjetividade discursiva. A pesquisa parte da concepção de que a narrativa de vida é uma prática discursiva que não apenas relata fatos, mas constrói sentidos, identidades e projeções de si, operando como espaço político e simbólico de disputa pela memória. Ao examinar *Meu Corpo Daria um Romance*, observa-se uma escrita de si fragmentada, marcada pela sobreposição de tempos narrativos, ruídos enunciativos, deslocamentos subjetivos e uma composição estética que tensiona as fronteiras entre vida, ficção e testemunho. A divisão da narrativa em seções, “memória”, “matéria” e “dissertação” revela um projeto discursivo que oscila entre confissão, ensaio político e experimentação literária, evidenciando a insurgência de um corpo e de uma voz que recusa enquadramentos normativos. Já a narrativa escrita por James Green apresenta uma construção discursiva assentada na linearidade histórica, na investigação documental e na perspectiva historiográfica, que recompõe a trajetória de Herbert Daniel no contexto da ditadura civil-militar, do exílio político, da reorganização dos movimentos sociais no processo de redemocratização e da emergência da crise produzida pela epidemia de HIV/AIDS. A narrativa de vida enfatiza a complexidade política e afetiva do militante, guerrilheiro, intelectual, ambientalista, homem gay e ativista soropositivo, situando sua atuação em redes transnacionais e demonstrando a relevância de sua voz como articuladora de agendas democráticas, sanitárias e sexuais. A partir dos quadros de situação comunicativa de Charaudeau, acrescidos das adaptações propostas por Machado e Mendes, a análise revela que ambas as obras operam com diferentes configurações dos sujeitos discursivos, sujeito comunicante, enunciador, destinatário ideal e sujeito interpretante, evidenciando como a construção narrativa envolve diversas camadas de intencionalidade, projeção e recepção. Em Herbert, observa-se um sujeito que se autorrepresenta e simultaneamente se reinventa, insurgindo-se contra o silenciamento imposto pela ditadura, pela heteronormatividade e pela epidemia que marcou as décadas de 1980 e 1990. Em Green, identifica-se o esforço de converter essa experiência fragmentada em memória coletiva, conferindo-lhe continuidade histórica e legitimidade social. Os resultados apontam que a leitura comparativa das duas obras não apenas ilumina a pluralidade de Herbert Daniel, sujeito político, corpo dissidente, escritor sensível, intelectual crítico e ativista de cuidado, mas também demonstra como diferentes regimes narrativos constroem imagens distintas sobre uma mesma trajetória, revelando os entrelaçamentos entre memória, narrativa e poder. A narrativa de Herbert, marcada pela performatividade da dor, do afeto e da resistência, mostra a potência do testemunho como prática emancipatória. A narrativa proposta por Green, por sua vez, reforça a importância do trabalho historiográfico na preservação da memória LGBTQIAPN+ e no enfrentamento da violência simbólica e do apagamento histórico. Assim, a dissertação contribui para o campo dos estudos discursivos ao demonstrar que narrar uma vida, sobretudo uma vida dissidente, é um gesto político que produz subjetividade, agencia memória e reivindica existência. A análise evidencia que Herbert Daniel permanece figura imprescindível para compreender as interfaces entre literatura, política, sexualidade, saúde pública e direitos humanos no Brasil contemporâneo. Além disso, reafirma o papel das narrativas de vida como tecnologias de si e instrumentos de resistência, sobretudo em contextos marcados pelo autoritarismo, pela censura e pela estigmatização social.

Palavras-chave: Herbert Daniel; Narrativas de vida; Semiologia; LGBTQIAPN+;

Ditadura militar; Autobiografia; Biografia; Memória; Discurso; AIDS.

Abstract

This dissertation proposes a comparative analysis between two central narratives about Herbert Daniel, an intellectual, political militant, human rights activist, pioneer in the LGBTQIAPN+ struggle, and a fundamental figure in confronting the HIV/AIDS epidemic in Brazil: the life narrative *Meu Corpo Daria um Romance* (1984), written by Herbert himself, and the biography *Revolucionário e Gay: A Vida Extraordinária de Herbert Daniel* (2018), by James Green. The study is developed from an interdisciplinary theoretical-methodological framework grounded in Patrick Charaudeau's Semiolinguistics (1997, 2006, 2008, 2019) and in the contributions of Ida Lucia Machado (2015, 2016, 2020) on life narratives and discursive subjectivity. The research is based on the conception that the life narrative is a discursive practice that not only reports facts but also constructs meanings, identities, and self-projections, operating as a political and symbolic space for the dispute over memory. When examining *Meu Corpo Daria um Romance*, a fragmented autofictional writing is observed, marked by the overlapping of narrative times, enunciative noise, subjective displacements, and an aesthetic composition that challenges the boundaries between life, fiction, and testimony. The division of the narrative into the sections "memory," "matter," and "dissertation" reveals a discursive project that oscillates between confession, political essay, and literary experimentation, evidencing the emergence of a body and a voice that refuse normative frameworks. The narrative written by James Green, in turn, presents a discursive construction based on historical linearity, documentary investigation, and a historiographical perspective, reconstructing Herbert Daniel's trajectory within the context of the civil-military dictatorship, political exile, the reorganization of social movements during the process of redemocratization, and the emergence of the crisis produced by the HIV/AIDS epidemic. The life narrative emphasizes the political and affective complexity of the militant, guerrilla fighter, intellectual, environmentalist, gay man, and HIV-positive activist, situating his actions within transnational networks and demonstrating the relevance of his voice as an articulator of democratic, health, and sexual agendas. Based on Charaudeau's communicative situation frameworks, supplemented by the adaptations proposed by Machado and Mendes, the analysis reveals that both works operate with different configurations of discursive subjects, communicating subject, enunciator, ideal addressee, and interpreting subject, showing how narrative construction involves multiple layers of intentionality, projection, and reception. In Herbert's work, one observes a subject who self-represents and simultaneously reinvents himself, rising up against the silencing imposed by the dictatorship, heteronormativity, and the epidemic that marked the 1980s and 1990s. In Green's work, an effort is identified to convert this fragmented experience into collective memory, granting it historical continuity and social legitimacy. The results indicate that the comparative reading of the two works not only illuminates the plurality of Herbert Daniel, as a political subject, dissident body, sensitive writer, critical intellectual, and activist of care, but also demonstrates how different narrative regimes construct distinct images of the same trajectory, revealing the intertwinements between memory, narrative, and power. Herbert's narrative, marked by the performativity of pain, affection, and resistance, shows the power of testimony as an emancipatory practice. Green's narrative, in turn, reinforces the importance of historiographical work in preserving LGBTQIAPN+ memory and in confronting symbolic violence and historical erasure. Thus, the dissertation contributes to the field of discursive studies by demonstrating that narrating a life, especially a dissident life, is a political gesture that produces subjectivity, mobilizes memory, and claims existence. The analysis shows that Herbert Daniel remains an indispensable figure for understanding the interfaces between literature, politics, sexuality, public health, and human rights in contemporary Brazil. Furthermore, it reaffirms the role of life narratives as technologies of the self and instruments of resistance, especially in contexts marked by authoritarianism, censorship, and social stigmatization.

Keywords: Herbert Daniel; Life narratives; Semiolinguistics; LGBTQIAPN+; Military dictatorship; Autobiography; Biography; Memory; Discourse; AIDS.

Lista de Ilustrações

Figuras

Figura 1- Capa do livro Meu Corpo Daria um Romance (1984) -----	20
Figura 2- Capar do livro Revolucionário e Gay: A Vida Extraordinária de Herbert Daniel (2018) -----	20
Figura 3- Figura 3 – Capa da primeira edição do jornal Lampião da Esquina –	51

Quadros

Quadro 1- QUADRO DE SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO POR PATRICK CHARAUDEAU (1983a, 2019b) -----	26
Quadro 2- QUADRO DE SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO POR MACHADO E MENDES (2013) -----	30
Quadro 3- QUADRO DE SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO POR PATRICK CHARAUDEAU (1983a, 2019b) APLICADO À NARRATIVA DE VIDA MEU CORPO DARIA UMA ROMANCE (1989) -----	59
Quadro 4- QUADRO DE SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO POR PATRICK CHARAUDEAU (1983a, 2019b) APLICADO À NARRATIVA DE VIDA REVOLUCIONÁRIO E GAY (2018) -----	86
Quadro 5- QUADRO DE SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO POR MACHADO E MENDES (2013) APLICADO A NARRATIVA DE VIDA REVOLUCIONÁRIO E GAY (2018) -----	87

INTRODUÇÃO

Todo discurso, seja oral ou escrito, tem como objetivo dar forma a um pensamento do emissor e compartilhá-lo com o receptor. Esse processo pode ser comparado a um rio que percorre diferentes trechos até alcançar seu destino, enfrentando obstáculos como pedras e desvios que influenciam seu curso. Da mesma maneira, em um ato de linguagem, entendido como uma interação comunicativa entre dois interlocutores (Charaudeau, 2006), ocorre um intercâmbio de informações que pode ser afetado por diversas interferências. Para que a mensagem chegue ao seu destino, assim como um rio que depende do terreno por onde passa, o discurso também sofre a influência de outros sujeitos e de diferentes identidades comunicativas. Essas interferências são essenciais para a construção e validação do discurso. Assim, na comunicação entre dois sujeitos falantes, estabelece-se um fluxo abstrato que se entrelaça com outras vozes e perspectivas no momento em que um ato de linguagem se concretiza. Como destaca Ida Lucia Machado, “o texto se constrói assim por uma série de elos que vão se juntando uns aos outros, como se fizessem parte de uma malha. Cada ponto conta e coopera para a coerência dos ditos e escritos” (2016, p. 61).

Dito de outro modo, “dentro de um ato de linguagem ocorre a aceitação e interação discursiva entre os sujeitos, o que, por sua vez, acentua o processo de semiotização do mundo” (Charaudeau, 2006, p.11), o qual diz respeito à construção de múltiplos sentidos, influenciados e intencionados pela língua, cultura e sociedade, do discurso produzido. Nessa perspectiva, conforme argumenta a analista do discurso Ida Lucia Machado, é possível identificar a presença desses outros sujeitos participantes do discurso no interior de textos literários, sobretudo nas “narrativas de vida” (Machado, 2016; 2022). Esse tipo de texto caracteriza-se por um estilo de escrita em que o autor relata uma experiência de vida, recortada do seu passado e que apresenta acentuado valor sentimental para ele, por meio de correção e/ou agregamento de artifícios narrativos utilizados como estratégia discursiva, persuasiva e emotiva para provocar, no leitor, o valor do que se narra. Ou seja, como bem demonstrado na analogia ilustrativa do rio que percorre diferentes trechos, dentro de uma

narrativa de vida também há a construção de trechos comunicativos, sobretudo entre os sujeitos escritor e leitor, o que, por consequência, estabelece o surgimento de novos sujeitos languageiros em meio a essa relação autor-leitor.

Amparado na abordagem semiolinguística de Charaudeau (2008, 1997, 2019), consideramos igualmente essencial examinar a figura do autor da narrativa de vida sobre Herbert Daniel (James Green) e as motivações para o lançamento da obra em 2018, a fim de melhor contextualizar e interpretar os fatos apresentados na narrativa. Para realizar a análise comparativa entre a narrativa de vida de Herbert Daniel e a narrativa de vida escrita por James Green sobre trajetória e ativismo político de Daniel, o processo foi cuidadosamente estruturado, garantindo o rigor e a relevância da pesquisa.

No que se refere ao termo “narrativa de vida”, é importante esclarecer por que optamos por essa nomenclatura em substituição a de “autobiografia”. Essa escolha se deve ao fato de que o próprio autor (Herbert Daniel), no início do livro, não classifica sua obra como uma autobiografia, mas sim como um romance autoficcional. Embasados na concepção de Ida Lucia Machado, argumentamos que a vida de um indivíduo pode ser narrada de diversas formas, não necessariamente seguindo os formatos canônicos do gênero biográfico ou autobiográfico. As histórias de vida podem ser contadas de maneira espontânea, muitas vezes sem que o narrador perceba esse fenômeno, ocorrendo tanto na modalidade escrita quanto na oralidade.

Machado (2020) defende que as narrativas de vida podem se manifestar em gêneros diversos que extrapolam os formatos clássicos. Elas podem estar presentes em poesias, músicas, prefácios, posfácios, apresentações antes de palestras ou rodas de conversa, entre outras formas de expressão oral e escrita. Lejeune (1980) amplia essa perspectiva ao incluir a entrevista como um dos modos possíveis de produção de narrativas de vida, destacando a importância da história oral na recuperação de memórias de pessoas comuns. Dessa maneira, narrativas de vida podem ser encontradas em romances e até mesmo em obras de ficção, como é o caso de um dos livros analisados neste estudo. Machado (2020, p. 33) afirma.

Narrar uma parte de sua vida está situado em um determinado local e tempo; logo, ainda que tente falar de si, está também referindo-se à sociedade que o envolve. E a narrativa de vida pode aparecer em fragmentos narrativos fora de um livro autobiográfico: o narrador de si pode surgir em meio a uma entrevista de jornal, durante uma conversação e, também, acreditamos, em escritos ou relatos onde o ficcional se confunde com o factual (romances, filmes, documentários e outros).

A análise do discurso proposta por Ida Lucia Machado defende a inclusão das narrativas de vida como objetos de estudo da análise do discurso, argumentando que estas vão além de simples relatos, revelando estratégias discursivas, intenções do sujeito-comunicante e construções identitárias. Para ela, uma “narrativa de vida pode ser considerada como uma das novas materialidades discursivas que já fizeram sua aparição nas últimas décadas, no âmbito dos estudos discursivos” (Machado, 2015, p. 96). Nesse sentido, a pesquisadora argumenta que a narrativa de vida, como materialidade discursiva, reflete a realidade social e cultural, ao mesmo tempo em que se apresenta como um espaço de criação e de subversão de normas e valores por meio da linguagem.

Ao analisarmos essa narrativa de vida, pode surgir o questionamento sobre a veracidade dos discursos neles presentes. Afinal, até que ponto a narrativa de vida retratada é verdadeira? Sobre essa questão, Machado (2020, p. 36) acrescenta que, “Ainda que libertadoras, as palavras são sempre uma representação da verdade e, muitas vezes, no caso da psicanálise, provêm de desejos ou sonhos não realizados, que poderiam ter acontecido, etc.”.

Dessa forma, compreendemos que Herbert Daniel pode ter utilizado figuras de linguagem e outros recursos estilísticos para enriquecer sua maneira de contar sua própria história. Essa liberdade narrativa configura o que se chama de “estilística do autor”, ou seja, a marca única de cada indivíduo ao relatar suas experiências, sejam elas factuais ou não. Nesse sentido, White (*apud* Arfuch, 2010, p. 117) argumenta que “o critério comum é que tanto a história quanto a ficção se nutrem mutuamente e que, evidentemente, há tanto realidade e verdade da vida na literatura quanto invenção histórica”.

Leonor Arfuch, em *O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea*, também reforça a ideia de que as narrativas de vida não estão restritas ao campo canônico das biografias e autobiografias. Tradicionalmente,

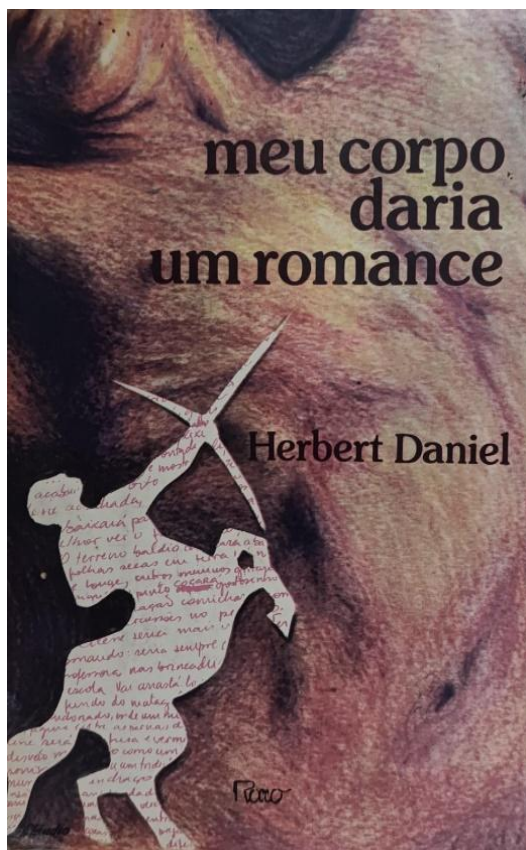
esses gêneros são utilizados para evidenciar personagens considerados importantes ou heróis nacionais, mas Arfuch argumenta que as histórias de pessoas comuns também podem ser narradas e estudadas. Segundo a autora, essas narrativas podem ser encontradas em jornais, sites e até mesmo em perfis pessoais na internet. Ela afirma.

A internet conseguiu, assim, popularizar novas modalidades das (velhas) práticas autobiográficas das pessoas comuns, que, sem necessidade de mediação jornalística ou científica, podem agora expressar livremente e publicar os tons mutantes da subjetividade contemporânea (Arfuch, 2010, p. 150).

Observamos, portanto, que Arfuch expande ainda mais o conceito de narrativa de vida defendido por Machado, ao considerar as redes sociais como espaços legítimos para o registro dessas histórias. Esse pensamento rompe com a noção tradicional de que narrativas de vida devem estar restritas a um gênero específico.

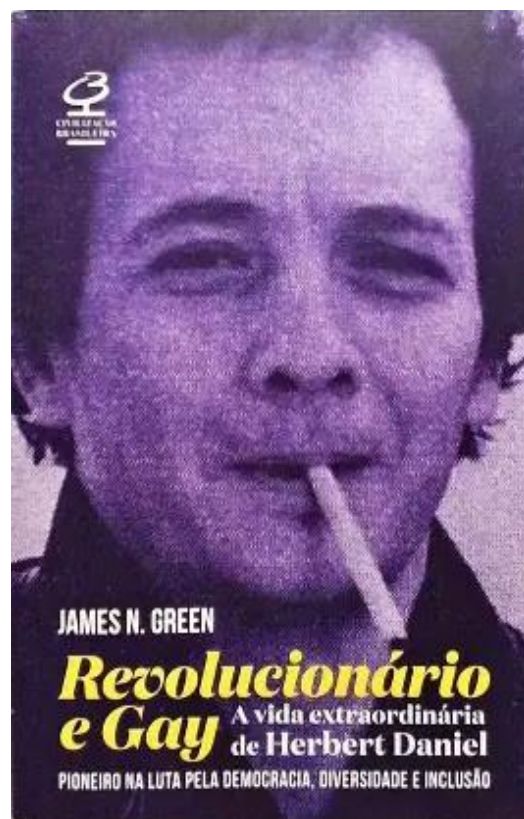
Assim, propomos nesta pesquisa uma análise comparativa entre os sujeitos apresentados na narrativa de vida escrita por Herbert Daniel, em *Meu Corpo Daria um Romance* (1984), e a biografia dele escrita por James Green, em *Revolucionário e Gay: A Vida Extraordinária de Herbert Daniel* (2018); para tanto, abordaremos a trajetória de vida e o ativismo de Herbert Daniel em defesa do meio ambiente, dos direitos humanos, das mulheres e da comunidade LGBTQIAPN+. O objetivo geral é evidenciar os diferentes sujeitos da linguagem engendrados tanto na narrativa de vida escrita por Herbert e na interpretação dessa mesma vida por James Green, a fim de oferecer uma visão mais acurada do modo como os textos fazem os sujeitos falarem, ou seja, interessa-nos “quem o texto faz falar” e não exatamente “quem fala o texto”.

**Figura 1 – Capa do livro
Meu Corpo Daria um Romance (1984)**



Fonte: Autoria própria

**Figura 2 – Capa do livro
Revolucionário e Gay:
A Vida Extraordinária de Herbert Daniel (2018)**



Fonte: Autoria própria

Em sua narrativa de vida, Herbert Daniel proporciona uma perspectiva íntima de sua trajetória, revelando suas motivações, emoções e experiências pessoais na luta contra o preconceito. Ele descreve desde os primeiros anos de vida, a entrada na militância política, até os desafios enfrentados ao longo de sua jornada. A narrativa é marcada pela subjetividade, conferindo um tom confessional à narrativa de vida. Herbert Daniel ocupa uma posição de destaque na história política do Brasil, na luta contra a discriminação à comunidade LGBT+ e na literatura nacional, tendo desempenhado um papel crucial na resistência à ditadura militar. Sua narrativa de vida oferece um relato direto e autorreferente de sua experiência. Em contrapartida, a biografia escrita por James Green, baseada em uma pesquisa minuciosa, contextualiza a trajetória de Herbert dentro de um cenário mais amplo da política Brasileira da época.

A análise dessas duas fontes também permitirá uma compreensão mais profunda de sua vida e ativismo, destacando o impacto de sua luta e legado.

Como enfatizado por Ida Lucia Machado, “narrar é um prazer e uma arte que permite ao outro, seja ouvinte ou leitor, a habilidade de construir histórias” (2015, p. 4). Desse modo, a pesquisa não se limita a examinar diferentes modos de narrar a vida de Herbert Daniel, mas se propõe a analisar os distintos sujeitos que se constituem e se atualizam nas variadas situações enunciativas que atravessam o *corpus*. Parte-se do pressuposto de que o sujeito do discurso não é uma instância homogênea ou estável, mas uma construção discursiva que se reorganiza conforme as condições de produção, os contratos comunicativos e os papéis assumidos no processo enunciativo. Assim, ainda que determinados conteúdos narrativos possam aparentar certa estabilidade ou recorrência, cada configuração enunciativa engendra posições de sujeito específicas, produzindo efeitos de sentido singulares. Esses deslocamentos incidem diretamente sobre os modos de significar a trajetória de Herbert Daniel, reconfigurando sua relevância histórica, política e social, bem como os sentidos atribuídos à sua atuação no espaço público.

A metodologia aplicada para esta análise comparativa combina as ferramentas da narrativa de vida, elaboradas por Machado (2020, 2022), com o apoio da semiolinguística (Charaudeau, 2008, 1997, 2019). Essa abordagem foi cuidadosamente planejada para assegurar rigor e relevância na análise entre a narrativa de vida de Herbert Daniel e a narrativa de vida elaborada por James Green, que focaliza a trajetória de vida e o ativismo político de Herbert desenvolvido ao longo de sua existência.

Como afirma Charaudeau, “dentro de um ato de linguagem ocorre a aceitação e interação discursiva entre os sujeitos, o que, por sua vez, acentua o processo de semiotização do mundo” (Charaudeau, 2006, p. 11). Todo discurso é composto de múltiplos sujeitos, os quais, como demonstrado na analogia do rio que percorre diferentes trechos, entrelaçam sua comunicação em meio ao contrato social — isto é, conforme o autor, no momento em que dois ou mais sujeitos, participantes do discurso, estabelecem uma comunicação com alguém que se almeja. Nesse processo, é possível identificar diferentes níveis de atuação dos sujeitos no discurso: o sujeito empírico, que corresponde ao indivíduo concreto que fala ou escreve; o sujeito discursivo, que ocupa um lugar discursivo definido pelas regras da situação de comunicação; o sujeito de enunciação, que assume a responsabilidade do dizer; e o sujeito representado,

que aparece como imagem projetada no discurso. Levando em conta essas características interativas, o discurso exprime novos sentidos por intermédio de outras vozes discursivas, além do que era esperado na relação primordial entre autor e leitor.

Nesse mesmo sentido, o autor ainda observa que

Quem pretende expressar uma opinião pessoal esquece ou nega que outros opinaram e que ele próprio não faz mais do que expressar uma opinião compartilhada por outros e à qual ele adere talvez sem sabê-lo. Paradoxo que se deve aceitar: quando se acredita ser o único a falar, fala-se habitado por outras vozes. Platão também diz isso através do mito da caverna: ele vê a si mesmo e ouve sua voz repercutida pelo eco; sua voz não é sua, ela é a do eco dos outros, e é através desse concerto de vozes que cada um procura sua própria voz (Charaudeau, 2006, p. 36).

Assim, todo discurso envolve a relação entre um **EU comunicante** e um **TU interpretante**, sendo o EU atravessado por múltiplas identidades discursivas e sociais, que se atualizam conforme as diferentes situações de comunicação das quais participa. À maneira da metáfora da **boneca russa** (Machado, 2013), cada uma dessas identidades mobilizadas pelo sujeito produz discursos que não são originários, mas constituídos pelo entrelaçamento de outros discursos e outras vozes socialmente disponíveis. Desse modo, no caso de Herbert, seu discurso se constrói em diálogo com formações discursivas diversas, como a médica, a literária e a política, que atravessam e sustentam seu projeto de fala, mais do que pela emergência de identidades discursivas distintas no texto.

Nesse sentido, a análise do discurso e a semiolinguística, particularmente, desempenham um papel central na interpretação das duas fontes, considerando que ambas se inserem em contextos narrativos distintos. A narrativa de vida de Herbert Daniel é uma expressão direta de sua identidade e perspectiva pessoal. Segundo Charaudeau (*apud* Machado 2016, p. 47), trata-se do “duplo eu” ou “duplo sujeito-narrador”. Em contrapartida, a narrativa de vida escrita por James Green representa uma narrativa acadêmica que busca objetividade. Por meio dessa lente teórica, examinaremos como as narrativas são estruturadas, os sujeitos da linguagem engendrados nas obras e como essas diferentes abordagens afetam a interpretação dos eventos.

Aplicada às narrativas de vida em especial, a semiolinguística pode ser utilizada para compreendermos como os textos literários comunicam significados através da linguagem e de que maneira os elementos linguísticos contribuem para a interpretação das obras. Esse enfoque permite desvelar os aspectos semióticos e comunicativos das obras literárias, proporcionando uma compreensão sobre como a linguagem é empregada na construção de sentidos. Além disso, a semiolinguística nos leva a considerar não apenas os aspectos linguísticos, mas também os extralinguísticos, situando o sujeito em seu contexto e analisando seus fatores culturais, políticos e sociais. Esse olhar mais amplo possibilita compreender por que determinados fatos ocorreram e como foram retratados na escrita desse “EU” comunicante, que deseja transmitir uma mensagem para o “TU” interpretante. Como destacado por Machado (2015, p. 97), “no domínio da análise do discurso, sabe-se que nenhum ato de linguagem é aleatório e todos contêm um fim comunicativo preciso”.

A narrativa de vida, como materialidade discursiva, reflete a realidade social e cultural, ao mesmo tempo em que se apresenta como um espaço de criação e de subversão de normas e valores por meio da linguagem. No caso de Herbert Daniel, sua obra transcende as normas tradicionais do gênero canônicos, sendo intitulada por ele mesmo como um “romance autoficcional”, o que marca a primeira grande diferença entre a narrativa de vida feito pelo próprio Herbert Daniel e o de James Green.

A pesquisa teve início com a revisão bibliográfica, leitura integral da obra escrita por Herbert Daniel, com o propósito de promover a familiarização com sua narrativa de vida. Essa leitura inicial, de caráter exploratório, possibilitou a compreensão da estrutura textual e dos temas centrais que organizam a narrativa. Em um segundo momento, realizou-se uma releitura mais aprofundada, orientada pela seleção e pelo recorte de excertos que constituem o *corpus* de análise. Esses excertos foram destacados a partir da leitura interpretativa do texto e analisados à luz do conceito de narrativa de vida. Tal conceito é compreendido como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, dando destaque à sua vida individual e, em particular, à história de sua personalidade” Lejeune (*apud* Machado, 2020, p. 32). Configura-se assim um procedimento analítico de caráter *a posteriori*, no

qual as categorias emergem do material discursivo em articulação com o referencial teórico mobilizado.

O segundo passo consistiu na revisão bibliográfica da obra de James Green, um texto acadêmico denso e bem estruturado. Após essa familiarização, foi realizada uma releitura atenta, identificando e selecionando os excertos que correspondiam aos sujeitos narrativos delineados por Machado em seus estudos. Em seguida, os excertos selecionados foram analisados minuciosamente à luz do contexto histórico, social e político.

Este trabalho está organizado em Introdução, três capítulos e alguns possíveis interpretativos à guisa de conclusão: na Introdução, apresenta-se a estrutura de análise que orienta a pesquisa; o primeiro capítulo, *Perspectivas discursivas na construção das narrativas de vida: subjetividade e contextualização histórica*, dedica-se à análise comparativa das duas narrativas, reunindo-as em um mesmo espaço discursivo a fim de evidenciar diferenças, semelhanças e pontos de complementaridade entre elas. Nesse momento do trabalho, busca-se aprofundar a discussão teórica e analítica iniciada anteriormente, preparando o terreno para as reflexões desenvolvidas nos capítulos subsequentes. O segundo capítulo, *Os Narradores na narrativa de vida “Meu Corpo Daria um Romance” de Herbert Daniel: Uma Análise dos Sujeitos Narrativos*, e o quarto capítulo, *Os Narradores na Narrativa de Vida “Revolucionário e Gay” de James Green: Uma Análise dos Sujeitos Narrativos*.

A organização do segundo e do terceiro capítulos se deu por dois motivos principais. Primeiro, ela permite apresentar as narrativas em uma sequência cronológica da publicação dos livros, facilitando a observação dos fatos e acontecimentos que compõem a trajetória de Herbert Daniel. A divisão é didática, para melhor apreensão dos distintos sujeitos narrativos em cada narrativa de vida, evitando confusões quanto à análise dos sujeitos narrativos em cada narrativa. Além disso, essa separação possibilita uma contextualização mais ampla do espaço-tempo, pois,

“Cada palavra”, diz Bakhtin, “evoca a profissão, o gênero, a tendência, o partido, a obra particular, a pessoa particular, a geração, a idade, o dia e a hora. Cada uma evoca o contexto e os contextos nos quais ela viveu sua vida socialmente intensa; todas as palavras e todas as formas são habitadas por intenções” Bakhtin (*apud* Charaudeau, 2025, p. 109).

Por fim, as considerações finais retomam os principais resultados alcançados ao longo da dissertação, sintetizando as análises desenvolvidas e destacando as contribuições do estudo para os campos das narrativas de vida, da análise do discurso e dos estudos sobre memória e identidade. As referências reúnem as obras teóricas, metodológicas e literárias que fundamentaram a pesquisa, assegurando o rigor acadêmico e o diálogo com a produção científica mobilizada ao longo do trabalho.

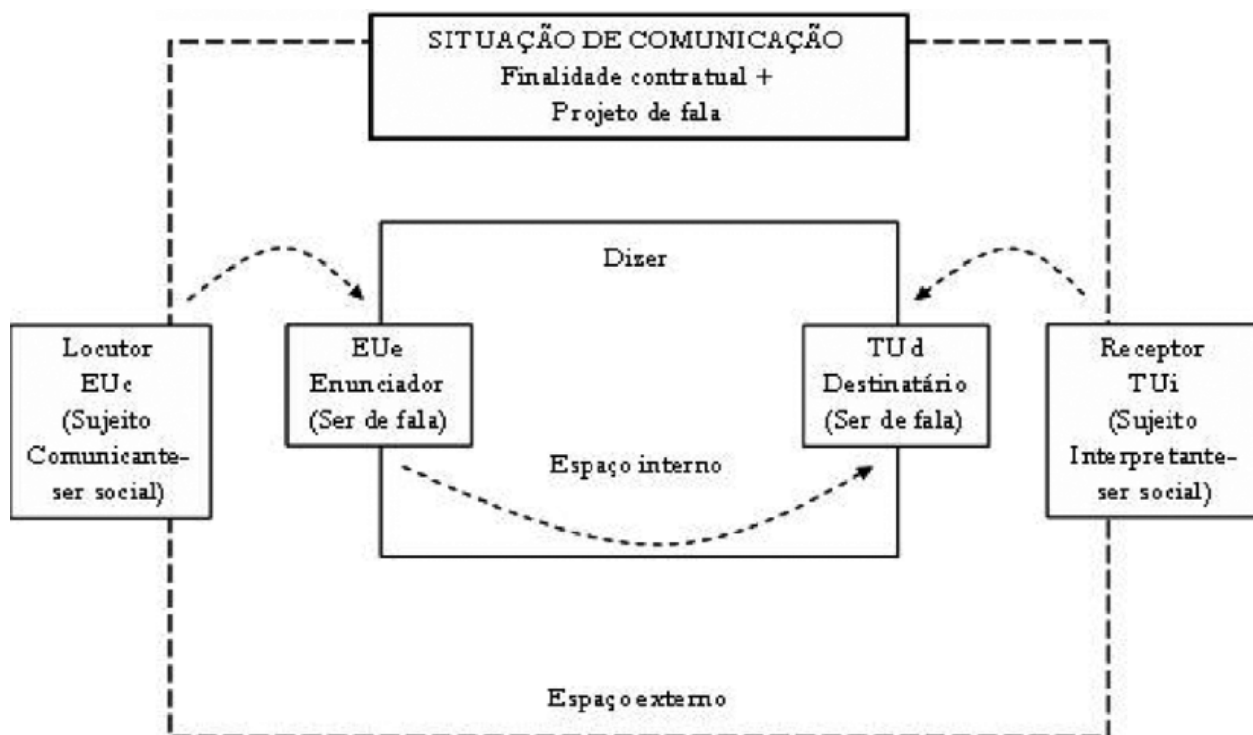
1.1 Estrutura de análise

Diante desse arcabouço teórico, ancoramos nossa análise na abordagem semiolinguística de Patrick Charaudeau, a fim de compreender melhor a construção e a significação da narrativa de vida de Herbert Daniel. Figura de grande importância na luta pela igualdade social, pelos direitos LGBTQIAPN+ e pelos direitos humanos, Daniel elaborou sua história dentro de um contexto discursivo complexo. Nesse sentido, a operacionalização da análise exige o recurso às categorias fundamentais propostas pela teoria semiolinguística, uma vez que tais categorias permitem articular a dimensão individual da enunciação com os condicionamentos sociais e discursivos que a estruturam.

A teoria semiolinguística propõe que, para que ocorra um ato de comunicação, há um contrato discursivo que envolve quatro sujeitos: EUc (**sujeito comunicante**), EUe (**sujeito enunciador**), TUd (**sujeito destinatário**) e TUi (**sujeito interpretante**). Essa situação de comunicação é dividida em dois espaços: o externo, onde se estabelece o projeto de fala, e o interno, onde ocorre o ato do dizer.

Para compreender como esses sujeitos do discurso operam no contrato de comunicação elaborado por Charaudeau (2019), analisaremos, a seguir, o quadro situacional que ilustra a interação entre esses elementos na construção da narrativa.

QUADRO 1 – QUADRO DE SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO POR PATRICK CHARAUDEAU (1983a, 2019b)



Fonte: CHARAUDEAU, 2019, p. 52.

Esse contrato, conforme demonstrado no esquema supracitado, tem início com o EUC, sujeito comunicante, ou seja, o ser social. Para tornar essa definição mais clara, podemos identificá-lo como o autor ou escritor da obra a pessoa física que a escreve, seja um livro ou qualquer outro texto literário. Esse sujeito existe no mundo real, possuindo identidade civil e carregando consigo uma narrativa de vida acadêmica, profissional e pessoal. No caso em análise, trata-se de Herbert Daniel e James Green, a quem Charaudeau denomina “autor indivíduo” ou “sujeito narrador”, o qual se dirige diretamente ao leitor, “Contador, narrador que se dirige diretamente ao leitor” (Charaudeau, 2019, p. 55).

Dando sequência a esse espaço de comunicação entre o EUC e o TUI, há uma lacuna ocupada pelos sujeitos do dizer. O EUe, por exemplo, é um ser de fala que não existe fisicamente, mas apenas no mundo do dizer.

Para uma melhor compreensão, Charaudeau explica:

Quando um orador começa sua intervenção dizendo “Estou falando aqui em nome do sindicato X...”, ele pede ao auditório

que o reconheça como um EUe que fala em nome de um EUC sindicato (na realidade, esse EUC apaga a si mesmo atrás de um terceiro: a instituição que fala (Charaudeau, 2019, p. 51).

Essa situação também ocorre quando um amigo ou chefe nos solicita que passemos um recado a terceiros e, ao fazê-lo, dizemos, “fulano pediu para te dizer que...”. Nesse caso, o sujeito do mundo físico (EUC) transmite a mensagem, mas se anula para reproduzir fielmente o que foi solicitado. Assim, o EUe entra em cena, enunciando o discurso enquanto, de certo modo, retira-se da responsabilidade direta sobre ele. Essa postura evidencia que “esse sujeito comunicante (Sc) é organizador do seu ato de linguagem, que ele constrói em função da hipótese sobre a natureza e a identidade de seu interlocutor (público) e das circunstâncias da situação de troca em que se encontra” (Charaudeau, 2025, p. 135).

Seguindo com os sujeitos internos do contrato de comunicação, encontramos o TUD, que, assim como o EUe, só existe no mundo do dizer. Ele é o destinatário imaginado, aquele para quem o EUC projeta a sua comunicação. Esse TUD representa o público idealizado pelo autor, ou seja, o grupo de leitores ou ouvintes que ele espera que consuma seu conteúdo. Como explica Charaudeau (2019, p. 45): “o TUD é o interlocutor fabricado pelo EUC como destinatário ideal, adequado ao seu ato de enunciação. O EUC tem sobre ele um total domínio, já que o coloca em um lugar onde supõe que sua intenção de fala será totalmente transparente para o TUD”.

Por fim, temos o TUI, que, assim como o EUC, pertence ao espaço externo da comunicação e existe no mundo físico. Ele é o sujeito interpretante, o ser social e o receptor efetivo da mensagem. Enquanto o TUD é a projeção de um possível leitor, o TUI é o leitor real, que efetivamente consome, interpreta e ressignifica o texto. Nesse caso, somos nós, os leitores e pesquisadores que, mesmo vivendo em um tempo distinto do lançamento das obras em questão, atuamos como receptores e consumidores do ato de linguagem produzido por Herbert Daniel e por James Green. Como afirma Charaudeau: “o TUI (sujeito interpretante) é um sujeito que age independentemente do EU, que institui a si próprio como responsável pelo ato de interpretação que produz” (Charaudeau, 2008, p. 47).

É importante salientar que, para além do quadro situacional de Charaudeau supracitado, podemos contar com um segundo quadro, proposto por Ida Lucia Machado e Emília Mendes. Trata-se de duas professoras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), instituição pioneira na introdução dos estudos e conceitos da semiolinguística Charaudeana no Brasil. Posteriormente, essa abordagem foi também desenvolvida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nesse contexto, as professoras, em conjunto com seus grupos de pesquisa e estudantes, tiveram a iniciativa de “tropicalizar” o quadro dos modos de contrato de Charaudeau, conferindo-lhe características mais próximas da realidade Brasileira. Como afirmam Machado e Mendes (2020), trata-se da constituição de “uma semiolinguística Brasileira”. Convém destacar que essa não foi a primeira adaptação criativa dos estudos de Charaudeau no Brasil. A própria obra *Linguagem e Discurso* (2008), utilizada como referência nesta dissertação, não corresponde a uma tradução literal dos escritos do autor. Nas palavras das pesquisadoras,

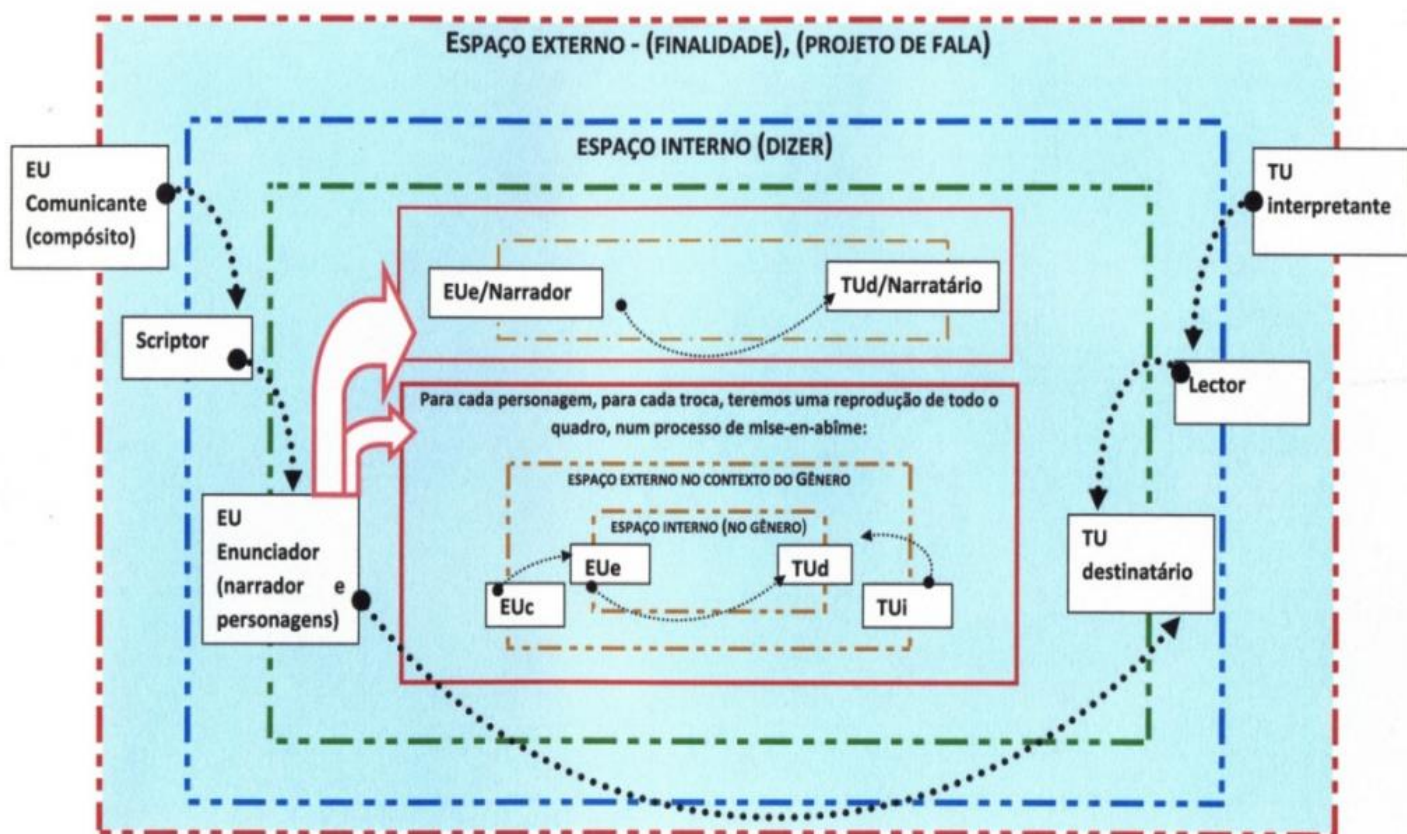
Esta tradução é, na verdade, um livro Brasileiro de Charaudeau, uma adaptação, pois, sob sua orientação como autor, selecionamos uma parte do *Langage et Discours* e a somamos aos modos de organização que foram retirados do livro *Grammaire du sens et de l'expression* (1992) (Machado e Mendes, 2013, p. 5).

Dessa forma, todos os exemplos apresentados e analisados no livro dizem respeito a “produções culturais locais, gerando, assim, uma espécie de aBrasileiramento da semiolinguística” (Machado e Mendes, 2020, p. 5). À luz da máxima de Lavoisier (1996), “nada se cria, tudo se transforma”, é possível compreender que foi exatamente isso que ocorreu, primeiro com o livro e, em seguida, com o quadro do contrato de comunicação de Charaudeau (2019). Esse quadro proposto por Charaudeau, por sua vez, foi inspirado em pensadores como T. Todorov, G. Genette e R. Barthes. Já o professor Jean Peytard, de quem Ida Machado foi aluna na França, fundamentava suas reflexões em outras fontes, mas com o mesmo objetivo, “definir um sujeito não mais único, mas fragmentado numa multiplicidade de vozes e papéis sociais” (Machado e Mendes, 2020, p. 6).

As adaptações realizadas, sobretudo aquilo que se pode compreender como uma “tropicalização” do contrato de comunicação, mostraram-se fundamentais para a realização das análises das narrativas de vidas locais mobilizadas nesta pesquisa. Tal ajuste metodológico permitiu considerar especificidades históricas, sociais e discursivas do contexto Brasileiro, possibilitando uma leitura mais situada das experiências narradas. Assim, o quadro analítico foi aplicado especificamente à narrativa de vida proposta por James Green, com o objetivo de situar a construção da voz de Herbert Daniel no interior dessa mediação narrativa. Não se aplicou o quadro tropicalizado à narrativa de vida escrita pelo próprio Herbert, uma vez que a obra, em sua totalidade, já se configura como uma narrativa de vida autobiográfica produzida pelo próprio sujeito da experiência, o que modifica as condições de enunciação e dispensa a aplicação do quadro analítico nos mesmos termos.

Nesse sentido, ao retomar os diálogos e as contribuições de Peytard, Machado propôs uma fusão entre os pensamentos e as discussões de ambos os autores, adaptando o quadro de Charaudeau. Assim, acrescentam-se as figuras do *scriptor* e do *lector*, propostos pelo seu ex orientador, Peytard, e foram acrescentados também o **Narrador** e **Narratário** como demonstrado no quadro a seguir.

QUADRO 2 – QUADRO DE SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO POR MACHADO E MENDES (2020)



Fonte: Machado e Mendes, 2020, p. 8.

O quadro adaptado por Ida Lucia Machado e Emília Mendes representa um avanço significativo na teoria semiolinguística ao incorporar novas categorias de análise: o *scriptor*, do *lector*, **narrador** e **narratário**. Enquanto o modelo original de Charaudeau (2019) se estruturava em torno da relação contratual entre enunciador e destinatário, o acréscimo dessas quatro figuras complexifica a compreensão das práticas discursivas, sobretudo em contextos culturais diversos como o Brasileiro.

O objetivo desse quadro é evidenciar o caráter polifônico¹ dos discursos, nos quais se manifestam múltiplas vozes em um único texto ou obra. Por essa

¹ A polifonia textual, conceito desenvolvido por Mikhail Bakhtin (2008), refere-se à presença de múltiplas vozes autônomas em um mesmo texto, sem que uma se sobreponha às demais. Esse

razão, Machado e Mendes acrescentam a figura do *scriptor*, sujeito que faz parte do “mundo do dizer” e que pode ser observado, por exemplo, na obra de James Green, na qual aparecem textos-fonte produzidos pelo próprio Herbert Daniel. Nesse caso, Herbert configura-se como *scriptor*. Para melhor compreensão, Machado e Mendes (2020) salientam.

Teremos um sujeito comunicante compósito que ao lado do jornal como instituição, temos também toda equipe de reportagem, estando aqui compreendida inclusive a figura do jornalista responsável que vai construir o texto. O gênero reportagem passa por um trabalho textual que o *scriptor* organiza. Ele é considerado aqui um ser de papel responsável enquanto função de estruturação discursiva do gênero, por um projeto de fala. Podemos ter marcas de um narrador de sua enunciação mesmo ou através de posicionamento ou da ausência destes (Machado e Mendes, 2020, p. 8).

No quadro proposto por Machado e Mendes para a análise de textos com organização narrativa, identifica-se a figura do narrador como a instância responsável por conduzir o relato biográfico — no caso analisado, pode-se considerar que essa voz narrativa é assumida por James Green. Já o *lector* corresponde ao destinatário projetado pelo enunciador, isto é, à instância que o texto constrói como possível interlocutor no nível discursivo. A distinção em relação ao narratário é fundamental: este diz respeito à instância interna à narrativa para a qual o narrador dirige seu discurso, podendo ser marcada explicitamente no texto. Como observam as autoras, o narratário pode ser indicado por formas de endereçamento, tais como “querida leitora” ou “querido leitor” (Machado e Mendes, 2020, p. 8), que funcionam como marcas enunciativas de uma recepção prevista dentro da própria narrativa, sem se confundir automaticamente com o leitor empírico da obra.

Para ilustrar essa complexidade, Machado e Mendes (2020) recorrem à metáfora das bonecas russas *matrioshkas*. Assim como cada boneca se abre para revelar outra em seu interior, também no discurso cada enunciação contém

fenômeno é particularmente evidente nos romances de Dostoiévski, onde personagens com perspectivas distintas coexistem, permitindo um diálogo plural e sem hierarquia discursiva. Bakhtin utiliza a metáfora da polifonia musical para ilustrar essa convivência harmônica de vozes diversas, destacando que, ao contrário da monofonia, não há uma voz dominante que unifique o discurso. Essa característica confere aos textos uma riqueza interpretativa, possibilitando múltiplas leituras e entendimentos.

e projeta outras vozes, outros quadros e novas instâncias de fala. Neste estudo, os discursos funcionam como essas camadas sucessivas, que se desdobram e se entrecruzam dentro de um quadro maior, nesse caso, os livros analisados.

Essa ampliação do quadro é relevante porque permite compreender o discurso como um espaço de negociações múltiplas, em que se entrecruzam não apenas no contrato comunicativo proposto por Charaudeau, mas também as dimensões interpretativas do público e a forma como o texto é moldado em função dessas projeções. Como afirmam Machado e Mendes (2020), a inclusão dessas instâncias ressalta a necessidade de pensar o discurso em sua pluralidade de vozes, tensionando a linearidade da comunicação e destacando sua natureza dialógica e culturalmente situada. Dessa maneira, o quadro tropicalizado não se limita a uma adaptação formal, mas propõe uma releitura crítica da teoria semiolinguística, evidenciando sua potência para analisar discursos em contextos marcados pela heterogeneidade social e cultural.

Ao cumprir todos esses contratos de comunicação, torna-se possível interpretar os atos languageiros de forma mais rigorosa. É importante lembrar que a semiolinguística de Charaudeau topicalizada por Machado e Mendes defende uma análise que extrapola os aspectos linguísticos, incluindo a situação histórica, política, cultural e econômica do enunciador. Assim, compreender o contexto no qual um narrador viveu permite uma leitura mais aprofundada de sua produção textual. Essa perspectiva também é compartilhada por Arfuch, que argumenta.

Assim, propomos a pertinência de considerar dialogicamente as remissões entre o espaço e o gênero, enfoque que tenta igualmente a superação de outra diferença, frequentemente marcada com contraponto, que faz uma mediação entre texto e o contexto: não há texto possível fora do contexto, é esse último que permite e autoriza a legibilidade, no sentido a que capture o texto e closure sua potencialidade de deslizamento para outras instâncias da significação (Arfuch, 2010, p. 132).

Dessa forma, é a partir dessas teorias e desses conceitos que será aqui realizada uma análise aprofundada da narrativa de vida de Herbert Daniel, um guerrilheiro fundamental para a história da construção da sociedade Brasileira e das lutas por igualdade social, direitos LGBTQIAPN+ e direitos humanos.

A metodologia adotada neste estudo baseia-se em uma análise observacional, utilizando as ferramentas da análise do discurso sob a perspectiva da semiolinguística como já foi dito anteriormente. Ao investigar os protagonistas do discurso, este estudo contribui para uma compreensão aprofundada do legado e das múltiplas facetas de Herbert Daniel na luta pelos direitos humanos durante um período histórico crucial no Brasil.

A utilização da semiolinguística em narrativas de vida possibilita a compreensão das camadas de significados presentes nas narrativas de vida, evidenciando como as escolhas narrativas e a contextualização histórica influenciam a percepção dos leitores. Este estudo, portanto, não apenas amplia o entendimento sobre Herbert Daniel, mas também fornece uma metodologia robusta para a análise de narrativas de vida de figuras históricas relevantes para a comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil, permitindo uma abordagem crítica e abrangente das narrativas de vida. Nesse sentido, Ida Lucia Machado destaca que

A narrativa de vida como uma espécie de história singular cujo contexto pode ser buscado, conforme os diferentes narradores e seus relatos, nessas lembranças nas quais podem aparecer doses variadas de desejos não realizados, vozes imaginárias, objetos, pessoas e lugares cuja dimensão pode ter sido aumentada ou diminuída (Machado, 2020, p. 47).

Dessa forma, optamos por adotar também as ferramentas metodológicas propostas por Ida Lucia Machado em sua obra *Narrativas de Vida: Saga, Família e Sujeitos Transclasses* (2020). Segundo a autora, para uma compreensão mais aprofundada das narrativas de vida e dos discursos, é fundamental observar os sujeitos narrativos e analisar o contexto em que estão inseridos.

O processo metodológico incluiu: seleção das fontes (narrativa de vida de Herbert Daniel e narrativa de vida elaborada por James Green), leitura e análise das fontes, identificação de temas e tópicos relevantes, desenvolvimento de um esquema de comparação, análise crítica e reflexão, conclusões e síntese, e referências e citações. Essa metodologia permitiu uma análise detalhada e comparativa das narrativas de vida, oferecendo uma visão enriquecedora sobre a vida e o legado de Herbert Daniel à luz da semiolinguística.

CAPÍTULO 2

Perspectivas discursivas na construção das narrativas de vida: subjetividade e contextualização histórica

Este capítulo propõe uma análise comparativa entre duas narrativas de vida que têm como eixo central a trajetória de Herbert Daniel, a narrativa de vida produzida pelo próprio autor e a narrativa de vida construída por James Green. Partindo de diferentes perspectivas discursivas, busca-se compreender como essas narrativas se organizam enunciativamente, quais efeitos de sentido produzem e de que modo articulam subjetividade, memória e contexto histórico. Ao confrontar uma escrita de si marcada pela experiência vivida e pela emoção com uma abordagem acadêmica sustentada por pesquisa historiográfica, pretende-se evidenciar tensões, convergências e deslocamentos discursivos que atravessam essas duas formas de narrar uma mesma vida.

Visão Pessoal vs. Contextualização: A narrativa de vida de Herbert Daniel oferece uma visão pessoal, definida como “autor-indivíduo” Charaudeau (*apud* Machado, 2022), e emocional de sua vida e militância. Um exemplo disso é quando ele usa o “EU” enunciator, definido como ser de papel dando voz a um ser dos seus pensamentos chamado *Marilyn*, que diz, “Não seja dramático, boneca. Vale tudo, menos a indiferença. E você fica aí quietinho ouvindo essas duas despeitadas aí atrás te chamando de viado” (Daniel, 1984, p. 51). Esse “EU” comunicante, criado por Herbert, aparece durante o ato de hostilidade vivido por ele quando voltava para casa de ônibus e, ao entrar, despediu-se do seu “amigo” com um beijo na boca.

Em contrapartida, a narrativa de vida proposta por James Green contextualiza essas experiências dentro do cenário político mais amplo. Baseado em fontes e documentos, Green escreve: “Comecei bem, escreveu Herbert mais tarde. Fazendo minha primeira ação armada, com todo entusiasmo e um pouco de ignorância. A organização, em uma entre tantas, partira para a luta armada” (2018, p. 97). Esse excerto relata a primeira participação de Herbert na luta armada, suas ações como guerrilheiro, participando de desapropriações bancárias e sequestros de embaixadores para que, em troca, os ditadores liberassem alguns presos políticos. Esse mesmo acontecimento é contado por Herbert em sua narrativa de vida e será analisado nas páginas seguintes, mas diferente do excerto exposto aqui apresentado de forma mais técnica e científica,

na versão contada por Daniel podemos perceber a parte pessoal e emocional dele ao relatar sobre sua primeira participação na luta armada.

Narrativa de vida Subjetiva vs. Abordagem Acadêmica: A narrativa de vida de Herbert Daniel reflete sua perspectiva pessoal e subjetiva, destacando não só suas vivências na militância, mas também acontecimentos íntimos, como sua paixão por Renzo. Em razão da repressão desse sentimento, ele enfrentou a morte várias vezes, “Por causa da paixão cheguei a me aproximar verdadeiramente do suicídio. Várias razões: não conseguia ver minha realidade realizada em nenhuma forma de amor, corpo ou revolução” (Daniel, 1984, p. 132).

Enquanto isso, a narrativa de vida elaborada por James Green adota uma abordagem acadêmica, buscando objetividade e análise crítica. Green escreve, “Refletindo sobre o evento, Daniel escreveu que ele próprio não entrou em crise pessoal no Ribeira porque entendia que seu celibato era parte constituinte do seu comprometimento revolucionário” (Green, 2018, p. 141-142). Herbert fez essa declaração sobre a guerrilha rural no Ribeira, onde ele e outros ativistas enfrentaram a dificuldade de viver sem relações sexuais, um prazer do qual Daniel já havia abdicado há um tempo ao entrar na luta contra a ditadura.

Profundidade de Pesquisa: a narrativa de vida escrita por James Green é fundamentada em extensa investigação, incluindo entrevistas com diversas fontes, o que proporciona uma base empírica e historiográfica sólida para sua análise. Essa multiplicidade de vozes confere ao texto uma dimensão interpretativa plural, que ultrapassa o testemunho individual e alcança uma perspectiva coletiva sobre os processos sociopolíticos da ditadura e das lutas de resistência. Por outro lado, a narrativa de vida escrita pelo próprio Herbert Daniel, embora constitua uma fonte primária de inestimável valor, apresenta uma profundidade de pesquisa circunscrita às experiências pessoais do autor. Trata-se de uma narrativa que, como observa Dortier (*apud* Machado, 2022, p. 49), “expressão de uma individualidade íntima potencialmente em conflito com as barreiras sociais”. Nessa perspectiva, a narrativa de vida de Daniel revela-se não apenas como relato pessoal, mas como testemunho de uma subjetividade política que tensiona os limites entre o privado e o coletivo, o individual e o histórico. Essa tensão torna-se especialmente relevante para os estudos de memória literária e identidade, pois evidencia a maneira como a experiência

vivida se converte em discurso, configurando uma escrita de si que, ao mesmo tempo em que narra, elabora o trauma e ressignifica a participação do sujeito na história.

2.1 O deslocamento enunciativo na organização das narrativas de vida

Em sua narrativa de vida, Herbert atua como o “narrador indivíduo”, conforme Charaudeau (2008), relatando suas próprias experiências, ele também se coloca como “narrador observador”, descrevendo seus feitos em terceira pessoa, como se contasse a vida de outro indivíduo.

Por outro lado, a narrativa de vida escrita por James Green traça uma linha cronológica dos principais acontecimentos da vida de Herbert Daniel, desde seu nascimento, passando pela adolescência, vida adulta na militância, até sua morte. Todos os dados apresentados foram resultado de uma pesquisa intensa e da leitura de inúmeros documentos, com o objetivo de traduzir da melhor maneira possível a vida desse ativista pelos direitos humanos e pela comunidade LGBTQIAPN+ durante o período sombrio da ditadura civil-militar no Brasil. Além da extensa documentação, Green contou com várias fontes, como a mãe de Herbert, dona Geny, seu irmão Hamilton, além de amigos — incluindo a ex-presidenta do Brasil Dilma Rousseff —, entre outros.

Nas primeiras páginas, Green revela que escolheu narrar a vida de Daniel porque o via como uma inspiração, uma vez que ele também era homossexual e se identificava com a militância em defesa dos direitos humanos, especialmente da comunidade LGBTQIAPN+. Como afirma (Fernandes, 2021, p. 45), “a biografia é o reflexo do encontro entre a memória pessoal e o olhar interpretativo do biógrafo, que, ao narrar a vida de outro, revela também suas próprias concepções e valores”.

Essa alternância entre posições enunciativas narrador indivíduo e narrador observador produz efeitos de sentido relevantes na organização da narrativa de vida de Herbert Daniel. Ao se narrar ora em primeira pessoa, ora em terceira, o sujeito constrói um distanciamento estratégico em relação à própria experiência, o que possibilita não apenas a rememoração, mas também a interpretação de si como personagem histórico. Tal deslocamento enunciativo evidencia um jogo entre implicação e afastamento, no qual o EU narrador se observa, analisa-se e

se reinscreve discursivamente, instaurando uma tensão constante entre vivência pessoal e elaboração reflexiva.

Sob a perspectiva da semiolinguística de Charaudeau, esse movimento pode ser compreendido como uma oscilação entre diferentes papéis do sujeito no contrato de comunicação. Herbert, ao assumir a posição de narrador observador, constrói um *ethos* que se aproxima do testemunho histórico, conferindo à sua narrativa um efeito de objetividade e legitimidade, ao mesmo tempo em que preserva a dimensão subjetiva própria da narrativa de vida. Essa estratégia discursiva permite que o narrador se constitua simultaneamente como sujeito da experiência e como instância avaliadora dos acontecimentos, reforçando a complexidade da cena enunciativa.

Na narrativa de vida escrita por James Green, por sua vez, o deslocamento enunciativo se dá de outra forma. Embora Green ocupe a posição de narrador externo, sua escrita não se pretende neutra. O engajamento político e identitário explicitado nas primeiras páginas da narrativa de vida interfere diretamente na construção da narrativa, produzindo um discurso atravessado por valores, afetos e posicionamentos. Assim, ainda que Green recorra a uma vasta documentação e a múltiplas fontes, o gesto de narrar é marcado por escolhas interpretativas que revelam seu lugar de fala e seu vínculo com a trajetória de Herbert Daniel.

Nesse sentido, as duas narrativas de vida, embora distintas em sua configuração enunciativa, convergem ao evidenciar que não há relato de vida desprovido de subjetividades. Tanto na narrativa de vida de Herbert, quanto na narrativa de vida proposta por Green, o deslocamento enunciativo opera como um mecanismo de construção de sentidos, por meio do qual os sujeitos narradores organizam a memória, selecionam acontecimentos e produzem efeitos de coerência e continuidade. Desse modo, a análise dessas narrativas permite compreender como os jogos enunciativos participam ativamente da constituição do sujeito discursivo e da inscrição de Herbert Daniel como figura histórica, política e simbólica no campo das lutas por direitos humanos e pela diversidade sexual.

2.2 O eu enunciador e a escrita de si na narrativa de vida de Herbert Daniel

A narrativa de vida de Herbert Daniel oferece uma visão pessoal e emocional de sua vida e militância, definida por Charaudeau (*apud* Machado, 2022) como uma narrativa do “autor-indivíduo” — como já foi citado anteriormente. Um exemplo disso é quando ele utiliza o (EUe) enunciador, descrito como um ser de papel, existente apenas no mundo imaginário da leitura. Esse enunciador dá voz a um personagem criado por Daniel, chamado *Marilyn*, que aparece várias vezes em seu romance. *Marilyn* surge sempre nos momentos em que Herbert mais precisa, especialmente quando enfrenta situações difíceis. O primeiro evento em que esse ser aparece acontece logo no início da narrativa de vida, quando Daniel se sente encurralado dentro de um ônibus ao voltar para casa. Ouvindo comentários homofóbicos feitos por dois homens sentados atrás dele, *Marilyn* o conforta, dizendo [1] Não seja dramático, boneca. Vale tudo, menos a indiferença. E você fica aí quietinho ouvindo essas duas despeitadas aí atrás te chamando de viado” (Daniel, 1984, p. 51).

Esse (EU) comunicante descrito no excerto [1] foi criado pelo próprio Herbert Daniel e aparece durante um momento de hostilidade vivido por ele ao se despedir de seu “amigo” com um beijo na boca ao entrar no transporte coletivo. Naquele período, a homossexualidade era vista como um desvio de caráter, até mesmo entre seus companheiros de militância. A esquerda Brasileira da época considerava tais comportamentos como uma doença, o que fazia com que Daniel não se sentisse plenamente aceito, nem entre seus amigos. No ônibus, que contava apenas com uma mulher entre os passageiros, Daniel sofreu preconceitos por parte dos outros homens. Nesse momento, *Marilyn* aparece, usando o termo “boneca”, remetendo à fragilidade e vulnerabilidade que ele sentia, e “viado”, um termo comum para se referir a pessoas LGBTQIAPN+. Curiosamente, essa palavra também era usada com certa intimidade dentro da própria comunidade, o que justifica seu uso por *Marilyn*. Nesse sentido, o diálogo entre o eu e essa figura ficcionalizada revela uma tentativa de reapropriação identitária, em que o sujeito se vê compelido a reinventar a si mesmo por meio da narrativa, afirmando sua existência mesmo diante do desprezo social.

Além disso, a cena ilustra o caráter paradoxal da militância de esquerda durante o período da ditadura militar Brasileira, que, embora pregasse a libertação e a igualdade, reproduzia padrões patriarcais e heteronormativos em sua prática cotidiana. Herbert Daniel, ao introduzir esse episódio em sua obra, evidencia o conflito entre o ideal revolucionário e as estruturas morais herdadas de uma sociedade conservadora. Sua escrita, portanto, não se limita ao testemunho pessoal, mas atua como gesto político de denúncia e resistência, expondo as contradições internas do movimento e, ao mesmo tempo, abrindo espaço para uma nova ética da diversidade. A presença de *Marilyn*, como *alter ego*² que o interpela e o protege, simboliza essa busca por acolhimento em meio à rejeição, configurando uma estratégia discursiva de sobrevivência e de autoconstrução do sujeito *queer* em um contexto hostil.

Pode-se especular que a personagem *Marilyn* tenha origem na admiração de Daniel pela atriz e modelo estadunidense *Marilyn Monroe*, a quem ele menciona em diversos momentos. Ela se torna, simbolicamente, uma espécie de “fada madrinha” que o encoraja nas adversidades. Daniel descreve *Marilyn* Aparecida como, [2] “A minha bicha, mistura de Deusa Cosmopolita da Carne e Suburbana da Evidência. Não é um travesti pomposo e nem uma imitação de mulher. Imita um homem imitando uma mulher. No fundo de cada homossexual há uma mulher vulgar” (Daniel, 1984, p. 16).

A criação de *Marilyn* Aparecida como interlocutora simbólica do autor reflete um movimento de desdobramento subjetivo, no qual Herbert Daniel constrói uma alteridade interna capaz de acolher e traduzir suas tensões identitárias. A descrição de *Marilyn* como uma “mistura de Deusa Cosmopolita da Carne e Suburbana da Evidência” revela uma fusão entre o sagrado e o profano, o sublime e o cotidiano, que sintetiza o modo como Daniel vivencia sua sexualidade e sua corporalidade em um ambiente de repressão. Essa figura, que “imita um homem imitando uma mulher”, pode ser lida à luz da performatividade

² O termo *alter ego*, de origem latina, significa literalmente “outro eu” e designa uma identidade alternativa que representa uma projeção do sujeito, podendo expressar aspectos de sua personalidade, pensamento ou experiência que não se manifestam plenamente na identidade social principal. No campo literário e discursivo, o *alter ego* é frequentemente mobilizado como estratégia de construção narrativa, funcionando como uma figura intermediária entre o sujeito empírico e o sujeito enunciativo. Conforme define o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, *alter ego* é o “outro eu; pessoa em quem se deposita confiança plena e que age como representante ou duplicação da personalidade de alguém” (Houaiss; Villar, 2009, s.v. *alter ego*).

de gênero proposta por Judith Butler (2003), segundo a qual o gênero é resultado de atos reiterativos e não uma essência fixa. *Marilyn*, portanto, não é uma simples caricatura do feminino, mas uma alegoria da instabilidade das identidades e da possibilidade de subversão das normas heterocentradas. Ela encarna a liberdade de experimentar múltiplas formas de ser, constituindo-se como um espelho no qual o autor projeta seus medos, desejos e sua resistência diante da violência simbólica e institucional.

No excerto [1], *Marilyn* o encoraja a enfrentar os ataques homofóbicos, mas Daniel sabe que ainda não era o momento de reagir. Já no excerto [2], a hipótese de que a personagem é inspirada em *Marilyn Monroe* se torna mais evidente. Quando Daniel afirma que “no fundo de cada homossexual há uma mulher vulgar”, ele faz alusão à sensualidade de *Monroe*, que era ícone de muitos homossexuais da época. A afirmação “imita um homem imitando uma mulher” reforça a ideia de que esse ser imaginário ou “de papel”, segundo Charaudeau (2019), existe apenas em sua mente, onde ele projeta a figura feminina que interage com ele em diversos momentos.

Ademais, *Marilyn* cumpre uma função narrativa e política fundamental, ela possibilita a Daniel a elaboração de uma voz dissonante, capaz de questionar os valores moralistas de sua época. Ao transformar a dor em ironia e a exclusão em potência criativa, Herbert Daniel antecipa uma estética *queer* que se opõe às categorias rígidas da masculinidade revolucionária e da heteronormatividade militante. A personagem se torna, assim, um dispositivo de crítica cultural e existencial, uma forma de dar corpo àquilo que a sociedade tenta silenciar. Nesse sentido, *Marilyn* não é apenas um produto da imaginação do autor, mas um recurso poético-discursivo que reinscreve a experiência homossexual em um campo político mais amplo, em que o erotismo, o afeto e o humor se tornam ferramentas de enfrentamento ao autoritarismo e à exclusão. Através dela, Daniel afirma o direito de narrar-se fora das normas e de reivindicar um lugar legítimo para a diferença dentro das lutas sociais e das letras Brasileiras.

A narrativa de vida de Herbert Daniel reflete sua perspectiva pessoal e subjetiva, destacando não apenas suas vivências na militância, mas também acontecimentos íntimos, como sua paixão por Renzo. Em razão da repressão desse sentimento, ele enfrentou o suicídio diversas vezes. [3] “Por causa da paixão cheguei a me aproximar verdadeiramente do suicídio. Várias razões: não

consequia ver minha realidade realizada em nenhuma forma de amor, corpo ou revolução” (Daniel, 1984, p. 132).

No excerto [3], podemos perceber o sofrimento de Daniel ao mortificar seus desejos sexuais e sentimentos por medo de ser expulso dos grupos revolucionários dos quais fazia parte. Esse período marcou o primeiro exílio de Herbert. Quando ele diz que “não conseguia ver minha realidade realizada em nenhuma forma de amor, corpo ou revolução”, compreendemos que ele sofria por não enxergar uma mudança na visão das pessoas. Incapaz de prever se um dia sua realidade, entendida como liberdade, se concretizaria, ele viveu uma profunda angústia, pois não podia ser pleno apenas na revolução. Como ser humano, tinha desejos e necessidades. A repressão de seus sentimentos o levou a tentar tirar a própria vida várias vezes, como citado em sua obra.

A experiência de Herbert Daniel evidencia a complexa intersecção entre militância política, subjetividade e desejo, configurando um campo de tensão entre o ideal revolucionário e a busca por reconhecimento afetivo. Sua angústia, expressa no trecho citado, revela a impossibilidade de dissociar o corpo político do corpo desejante, uma cisão que o próprio contexto histórico impunha como condição de pertencimento à luta. O amor por Renzo e a repressão desse sentimento inscrevem-se, portanto, em um duplo regime de silenciamento, o da ditadura militar, que perseguia corpos dissidentes, e o da esquerda tradicional, que reproduzia valores heteronormativos em nome da causa coletiva. Sob essa perspectiva, a tentativa de suicídio não se reduz a um gesto individual de desespero, mas pode ser compreendida, conforme Michel Foucault (1978), como sintoma de uma biopolítica que regula os corpos e os desejos, delimitando os modos legítimos de existir. A negação de sua afetividade torna-se, assim, a negação de sua própria humanidade, e sua escrita emerge como tentativa de reinscrever no discurso aquilo que a história quis apagar.

2.3 A narrativa de vida de Herbert Daniel na abordagem acadêmica de James Green

Em contrapartida, a narrativa de vida de James Green contextualiza as experiências de Herbert Daniel dentro de um cenário político mais amplo, baseando-se em fontes e documentos. Um exemplo disso está no seguinte

excerto [4] “Comecei bem, escreveu Herbert mais tarde. Fazendo minha primeira ação armada, com todo entusiasmo e um pouco de ignorância. A organização, em uma entre tantas, partira para a luta [armada]” (Green, 2018, p. 97).

Esse excerto relata a primeira participação de Herbert na luta armada, envolvendo-se em desapropriações bancárias e sequestros de embaixadores para forçar a libertação de presos políticos pela polícia. No excerto [4], Green diz, “comecei bem, escreveu Herbert mais tarde”, sugerindo que essa informação foi retirada de escritos deixados por Daniel. Aqui percebemos o quanto James Green se dedicou a leitura, pesquisa e aprofundamento nas memórias e nos registros de Herbert para traçar um perfil do ativista LGBTQIAPN+ de maneira objetiva.

Quando James reproduz a fala de Daniel “com todo entusiasmo e um pouco de ignorância” no excerto [4], ele nos leva a entender que Herbert, embora fosse um intelectual e militante comprometido, que usava sua capacidade cognitiva para debater e disseminar teorias socialistas e marxistas, nunca havia participado de ações armadas antes. Por isso, a palavra “ignorância” é usada, pois, conforme exposto na obra literária de Green, ele sequer sabia manejar uma arma, mas aceitou o desafio com entusiasmo, como corrobora a citação supracitada.

A narrativa de James Green adota uma abordagem acadêmica, buscando objetividade e análise crítica. Ele escreve, [5] “Refletindo sobre o evento, Daniel escreveu que ele próprio não entrou em crise pessoal no Ribeira porque entendia que seu celibato era parte constituinte do seu comprometimento revolucionário” (Green, 2018, p. 141-142).

O Ribeira foi o primeiro centro de treinamento rural para a guerrilha e os combates armados. Nesse contexto, a maioria escalada para esse treinamento foram homens, e desses, só o capitão teve o privilégio de levar sua companheira consigo, já os demais não receberam permissão para levar suas companheiras ou namoradas ao local de treinamento. Após alguns dias, muitos guerrilheiros começaram a expressar a saudade de suas companheiras. Herbert, que já vivia o celibato há algum tempo, fez a declaração mencionada, destacando que outros ativistas enfrentavam dificuldades em viver sem relações sexuais, algo que ele já havia abdicado ao entrar na luta contra a ditadura.

No excerto [5], Herbert expressa satisfação em relação ao seu comprometimento revolucionário, mesmo diante dos desafios pessoais. A sede e paixão pela luta por direitos humanos o levaram a abrir mão de sua própria felicidade para ver seu país livre de perseguições, injustiças, desigualdade social, discriminação e preconceito. Essa convicção demonstra que, apesar dos altos e baixos, ele acreditava que um dia poderia ser completamente feliz e livre.

Em termos de profundidade de pesquisa, o livro de James Green é fundamentado em uma extensa investigação, incluindo entrevistas com diversas fontes, o que proporciona uma base sólida para sua análise, como no seguinte exemplo.

[6] Durante nossa conversa, Hamilton, o irmão mais velho de Daniel, telefonou para saber como andava a entrevista com este curioso historiador norte-americano. “Qual era o nome da namorada de Bete?”, perguntou-lhe a mãe, tentando remexer memórias de um passado distante (Green, 2018, p. 204).

No excerto [6], observamos uma das entrevistas realizadas por James para coletar informações essenciais à construção da obra. A entrevistada é D. Geny, mãe de Herbert, que faz uma pergunta a seu filho mais novo, Hamilton, sobre “Bete”, um apelido carinhoso dado a Herbert por seus familiares e amigos antes de ele ingressar na militância. D. Geny pergunta a Hamilton, “Qual era o nome da namorada de Bete?”, e o nome dessa suposta namorada era Laís, uma amiga inseparável de Herbert, com quem ele cursou medicina e compartilhou momentos de estudo e amizade. Devido à proximidade entre os dois, a mãe de Herbert presumiu que eles namoravam, no entanto, essa afirmação foi negada pela própria Laís em entrevista a Green.

CAPÍTULO 3:

Os narradores na narrativa de vida “*Meu Corpo Daria um Romance*” de Herbert Daniel: uma análise dos sujeitos narrativos

Com base nesses conceitos, este capítulo tem como objetivo explorar a trajetória de vida de um militante e ativista homossexual, figura de destaque na luta pelos direitos humanos e pela consolidação de garantias fundamentais. Sua atuação teve início no movimento estudantil da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde cursava Medicina. Nesse ambiente acadêmico, passou a expor suas ideias e seus posicionamentos políticos de forma cada vez mais contundente, destacando-se desde a juventude como liderança estudantil.

Herbert Daniel, o guerrilheiro em questão, integrou diversas organizações revolucionárias, como a POLOP (Organização Revolucionária Marxista Política Operária), a VAR-Palmares (Vanguarda Armada Revolucionária Palmares), a COLINA (Comando de Libertação Nacional) e a VPR (Vanguarda Popular Revolucionária). Para além do engajamento na luta armada, destacou-se como crítico de cinema no rádio, dramaturgo e organizador de campanhas de arrecadação de fundos para organizações revolucionárias. Foi também um dos militantes escolhidos para o treinamento clandestino no Ribeira, primeiro centro de preparação para a luta armada, além de ter participado de dois sequestros de embaixadores, cujas negociações resultaram na libertação de prisioneiros políticos. Apesar de figurar entre os mais procurados pelo regime ditatorial, Herbert Daniel jamais foi capturado.

Embora não apresentasse o perfil físico tradicional associado ao guerrilheiro armado, devido ao sobrepeso, à baixa estatura e a um estilo de vida sedentário, compensava tais características com inteligência estratégica e notável habilidade discursiva, desempenhando papel central na articulação e organização dos movimentos revolucionários. Com a queda de diversos “aparelhos” e a prisão de companheiros, tornou-se alvo direto do regime e se refugiou em Paris, ao lado de seu amigo Cláudio. No exílio, assumiu publicamente sua homossexualidade e iniciou com Cláudio um relacionamento afetivo que se consolidaria como parceria de vida. Nesse período, aprofundou seus estudos sobre cultura, política, feminismo e movimentos homossexuais, ampliando seu repertório intelectual e militante.

No exílio, iniciou também sua produção literária, destacando-se narrativas que dialogam diretamente com sua experiência na guerrilha e com a reflexão sobre o corpo e a política, como *Passagem para o próximo sonho* (1982), *Meu Corpo Daria um Romance* (1984) e *Vida antes da morte* (1989), sendo esta penúltima o objeto de análise deste capítulo.

Com a promulgação da Lei da Anistia, em 1979, abriu-se a possibilidade de retorno dos exilados políticos ao Brasil. No entanto, o regresso de Herbert Daniel foi marcado por sucessivas negativas e adiamentos. Cláudio conseguiu retornar antes, enquanto Daniel enfrentou um longo e frustrante processo até ser, finalmente, anistiado, regressando ao país apenas em 1981, após quase uma década de exílio em Portugal e na França. Surge, então, uma questão recorrente: teria sido Herbert Daniel o último a ser anistiado em razão de sua homossexualidade?

Não há evidências históricas sólidas que comprovem oficialmente que Daniel tenha sido o “último anistiado” por conta de sua orientação sexual. Estudos como o de James Green, em *Revolucionário e Gay* (2018), e documentos da Comissão de Anistia (2002) indicam que, embora a anistia tenha possibilitado o retorno de muitos militantes, diversos fatores, como o receio de perseguições persistentes e as dificuldades concretas de reintegração retardaram o regresso de vários exilados. No caso de Herbert Daniel, esses obstáculos estavam atravessados não apenas por sua trajetória política, mas também por sua homossexualidade assumida, em um contexto de forte conservadorismo, inclusive no interior da esquerda. Assim, a ideia de Herbert Daniel como “o último anistiado por conta de sua sexualidade” deve ser compreendida mais como uma elaboração simbólica e política do que como um dado comprovado, revelando os limites da anistia em abarcar sujeitos cuja diferença extrapolava a condição de exilado político e incluía a dissidência sexual, frequentemente silenciada na memória oficial da redemocratização.

De volta ao Brasil, encontrou um país em processo de redemocratização e filiou-se ao Partido dos Trabalhadores (PT), candidatando-se a deputado estadual pelo Rio de Janeiro, sem êxito eleitoral. Em razão de divergências ideológicas, afastou-se do partido e, ao lado de Fernando Gabeira, Carlos Minc e Alfredo Sirkis, participou da fundação do Partido Verde (PV), em 1986. Sua atuação no PV refletia a compreensão de que as lutas pela democracia, pela

diversidade sexual e pela vida não podiam ser dissociadas da defesa do meio ambiente e da crítica ao modelo de desenvolvimento predatório, antecipando debates que só ganhariam centralidade décadas depois.

Nesse mesmo período, Herbert Daniel foi diagnosticado com HIV/AIDS, doença então marcada por forte estigmatização. Longe de se afastar da militância, intensificou sua atuação política, tornando-se um dos pioneiros na defesa dos direitos das pessoas vivendo com HIV/AIDS no Brasil. Fundou, no Rio de Janeiro, o Grupo Pela Valorização, Integração e Dignidade do Doente de AIDS (Pela VIDDA), espaço de acolhimento, informação, assistência e combate ao estigma.

Outra faceta relevante, embora menos conhecida, de sua trajetória diz respeito à relação com o teatro e as artes cênicas. Desde a juventude em Belo Horizonte, participou de grupos de teatro universitário, experiência que marcou profundamente sua escrita literária. A teatralidade atravessa sua narrativa de vida e se manifesta na criação de personagens e personas, como Marilyn, recorrente em sua narrativa de vida. Para Herbert, a cena teatral constituía um espaço privilegiado de resistência, experimentação e articulação entre corpo, linguagem e política.

Herbert Daniel também foi um criador de linguagens do cuidado. Ao organizar rodas de escuta, produzir materiais de prevenção ao HIV e acolher pessoas marginalizadas, demonstrou que a militância não se restringia às grandes manifestações públicas, mas se realizava também nos gestos cotidianos de solidariedade. Essa ética do cuidado, que articula saúde, afeto e política, constitui um dos legados mais originais de sua trajetória.

Herbert Daniel faleceu em 29 de março de 1992, em decorrência de complicações relacionadas à AIDS. Seu legado permanece vivo na luta pelos direitos humanos, pela democracia e pela visibilidade LGBTQIA+, sendo reconhecido como uma das figuras centrais na interseção entre ativismo político, social e cultural no Brasil.

A obra *Meu Corpo Daria um Romance* inicia-se com uma citação poética de Antonin Artaud, seguida por uma dedicatória a Cláudio, seu companheiro (Daniel, 1984). Na sequência, apresenta-se uma página com um aviso preliminar, em que Herbert Daniel explicita a organização dos capítulos e a escolha de seus títulos. Cada capítulo é nomeado a partir de um órgão do corpo

humano, iniciando com o capítulo “ZERO (orelha)” e finalizando com o “ONZE (continua no próximo órgão...)”. Essa estrutura faz referência às partes do corpo que, segundo o autor, foram mais afetadas durante os onze minutos de intenso julgamento e preconceito sofridos ao entrar em um ônibus na cidade do Rio de Janeiro. Ao concluir a obra com o capítulo intitulado “continua no próximo órgão...” e encerrá-lo com reticências, o autor sugere que a dor e o sofrimento impostos a ele e a seu corpo não se esgotam nesse episódio, mas seguem reverberando nos demais órgãos, em razão do preconceito ainda fortemente presente na sociedade e que a reticência nos faz entender que infelizmente é infinito.

A obra é composta por onze capítulos, número que corresponde exatamente à quantidade de minutos vividos por Daniel naquele episódio. No início de cada um deles, há uma epígrafe de diferentes autores. A estrutura dos capítulos segue um padrão tripartido, dividindo-se em: memória, matéria e dissertação.

A seção intitulada “memória” apresenta reflexões do autor sobre o episódio ocorrido no ônibus, funcionando como um espaço autobiográfico em que ele reconstrói sua trajetória. Em seguida, a seção “matéria” expande essas lembranças, trazendo recordações de sua infância, de sua família e de sua vivência, construindo pequenos perfis narrativos sobre amigos e parentes. Essa parte sugere uma tentativa de fuga e proteção diante da experiência dolorosa que estava vivenciando. Já a seção “dissertação” rompe com a estrutura autobiográfica tradicional, Daniel abandona a narração em primeira pessoa e assume um tom mais reflexivo e analítico. Muitas vezes, o leitor pode se questionar se o relato se refere ao próprio autor ou a outra pessoa, reforçando a fluidez entre ficção e narrativa de vida.

A narrativa apresenta uma estrutura fragmentada, evidenciando sua desconstrução das narrativas tradicionais. O próprio Daniel declara que a ordem de leitura dos capítulos não altera a compreensão da narrativa, distanciando-se mais uma vez dos moldes canônicos da autobiografia, conforme definidos por Lejeune. Nesse contexto, esse pesquisador observa que,

A autobiografia exige um compromisso com a coerência narrativa e a verossimilhança dos eventos relatados. Embora

seja uma escrita subjetiva, deve seguir um rigor estrutural que permita ao leitor compreender a trajetória do autor sem cair em contradições ou distorções exageradas da realidade (Lejeune 2008, p. 45).

No final da obra, há um capítulo intitulado “Ré-sumo” (Daniel, 1984, p. 390), no qual o autor sintetiza sua trajetória em uma única página. No fim desse resumo, há um asterisco seguido da palavra “continua” entre parênteses, recurso utilizado por Daniel ao longo do livro para indicar que algo mais poderia ser dito, mas não foi, seja por esquecimento, escolha deliberada ou limitação de espaço. Após essa seção, encontra-se a parte intitulada “Falhas”, em que Daniel discute não falhas em sua escrita, mas sim falhas relacionadas aos direitos humanos, apresentadas ao longo dos capítulos.

Por fim, a obra se encerra com a seção “Coisa ou Caso: O FIN/ DO MUNDO, na qual o autor, em um tom poético, conclui suas memórias e explicita suas inquietações. Diferentemente da estrutura tradicional, o sumário da obra aparece ao final do livro, destacando e explicando os capítulos e sua organização. Essa inversão reflete a proposta fragmentada e não linear de *Meu Corpo Daria um Romance*, reafirmando a ruptura com os padrões autobiográficos convencionais e se aproximando perfeitamente do conceito proposto por Ida Lucia sobre as narrativas de vida, conceito esse que já foi explicado anteriormente.

3.1 Entre a repressão e a epidemia: a persistência da comunidade LGBTQIAP+

Em 1964, teve início no Brasil o regime da ditadura civil-militar, um período marcado pela sistemática repressão aos direitos civis, pela censura e pela perseguição a vozes dissidentes. Sob o controle dos militares, instaurou-se um contexto autoritário que institucionalizou práticas discriminatórias, como o racismo, o machismo e a homofobia. Nesse cenário, a produção cultural tornou-se alvo da vigilância estatal, com forte controle sobre o que poderia ou não ser expresso publicamente, sobretudo quando se tratava de gênero e sexualidade.

Além de artistas consagrados como Caetano Veloso e Ney Matogrosso, a repressão também atingiu intelectuais e figuras menos visibilizadas, como

militantes culturais ligados ao teatro experimental e ao cinema marginal. A atuação da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) e do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) foi central nesse processo, criando uma rede institucional que monitorava e censurava práticas culturais consideradas subversivas. Como argumenta Michel Foucault (2014), o poder disciplinar não se limita à repressão, mas atua por meio do controle dos corpos e da regulação dos discursos. Nesse sentido, a censura da arte pode ser compreendida como um dispositivo de dominação, uma vez que delimitava quais expressões culturais poderiam circular e quais deveriam ser silenciadas pelo regime.

No ambiente universitário, professores e estudantes eram alvos preferenciais da repressão, dado o papel das universidades na produção de pensamento crítico. A “arte da dúvida”, essencial à educação emancipadora, era vista com desconfiança pelas autoridades militares. Acusações de “doutrinação ideológica” se multiplicavam, e a existência de uma “ameaça homossexual” era frequentemente evocada para justificar a perseguição moral e institucional.

Foi nesse contexto que Herbert Daniel iniciou sua militância, ainda como estudante de medicina na UFMG, participando ativamente do movimento estudantil. Sua paixão pelo teatro e sua habilidade de articulação política o tornaram uma figura central na organização da resistência intelectual e cultural contra o regime. Posteriormente, ele se uniria à luta armada, mas sua trajetória foi marcada por contradições: mesmo no seio da esquerda revolucionária, enfrentava a invisibilidade e o preconceito por conta de sua orientação sexual. Optou pelo celibato como estratégia de sobrevivência dentro de um ambiente onde a homossexualidade era vista como fraqueza ou desvio, revelando os limites da própria militância progressista da época.

A repressão do regime gerou a formação de organizações clandestinas e redes de resistência. No entanto, poucos documentos oficiais reconhecem a diversidade sexual desses militantes. As cartas e os escritos de Herbert Daniel, especialmente durante seu exílio, apontam para uma tentativa constante de conciliar sexualidade, política e ética revolucionária. Conforme relata James Green em entrevista, “Enquanto estava no exílio em Paris e novamente quando retornou ao Brasil, ele exigiu que a esquerda repensasse suas ideias sobre

homossexualidade, gênero, meio ambiente e outras questões” (Green, Lima e Machado, 2020, p. 3).

Com o enfraquecimento do regime e a reabertura política no final dos anos 1970, o movimento homossexual Brasileiro passou a se articular de maneira mais visível. As influências dos movimentos homossexuais na Argentina, no México e nos Estados Unidos (pós-Stonewall) estimularam o surgimento de grupos organizados e publicações alternativas. A efervescência cultural urbana, especialmente no eixo Rio-São Paulo, possibilitou espaços de socialização da comunidade LGBT, como bares, saunas e praças, que funcionavam como refúgios, redes de apoio e resistência.

Os chamados “guetos” se tornaram importantes para a vivência e a formação de identidade, embora também estivessem sob constante vigilância. Nesse sentido, Edward Macrae conceitua o termo da seguinte forma.

Por gueto entende-se aqui um campo social formado principalmente por certos bares, boates, saunas, cinemas, ruas, praças e banheiros públicos, onde, a certas horas do dia, converge um grande número de homossexuais. Lá se estabelecem redes de amizades que podem vir a desempenhar funções importantes nas vidas de seus frequentadores, oferecendo, além de sociabilidade, oportunidades de trabalho, moradia, ajuda financeira e sexo (Macrae, 2018, p. 81).

Ainda assim, esses espaços não eram totalmente seguros. A operação “Rondão”, liderada pelo delegado Alberto Richetti, promovia batidas violentas, com prisões arbitrárias e agressões a frequentadores, o que gerou reações da sociedade civil, sindicatos e entidades como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

A crítica aos guetos não vinha apenas da repressão externa, mas também de setores do próprio movimento LGBT. Herbert Daniel, por exemplo, não os via como espaços estratégicos para militância transformadora, defendendo a inserção dos sujeitos LGBT em sindicatos, partidos e movimentos sociais mais amplos. Como explica Macrae, “Entre os homossexuais, também há quem despreze o gueto. Alguns até defendem a posição de que ali não é o local adequado para suas atividades, preferindo a militância em outras organizações como sindicatos e partidos” (Macrae, 2018, p. 62).

Em 1978, surge o jornal *Lampião da Esquina*, iniciativa de intelectuais e jornalistas *homossexuais* que visava dar voz às minorias sexuais. Sua importância transcendeu o círculo LGBT, pois abordava também pautas feministas, negras e indígenas. Com uma linguagem ousada e crítica, o periódico enfrentou forte estigmatização, sendo acusado por setores conservadores de promover “pornografia” ou “imoralidade”. Apesar das dificuldades, conquistou notoriedade e ajudou a consolidar o que ficou conhecido como “imprensa nanica”. Estima-se que cerca de 27 periódicos voltados ao público *entendido*, como os homossexuais se autointitulavam antes da emergência do termo “gay” nos anos 1990 (Lima, 2018), circularam entre as décadas de 1960 e 1970, segundo Macrae (2018).

Figura 3 – Capa da primeira edição do jornal *Lampião da Esquina*



Fonte: Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC), 1978.

A década seguinte trouxe um novo desafio, a pandemia de HIV/AIDS. Em 1982, o Brasil registrou seu primeiro caso, e nos anos subsequentes a epidemia devastou a comunidade homossexual. Mais do que um problema de saúde pública, a AIDS foi imediatamente atravessada por discursos morais e excludentes, em que a homofobia se intensificou por meio de narrativas midiáticas e religiosas que interpretavam a doença como uma “punição divina”. Esse enquadramento não apenas ampliou o sofrimento físico e social dos indivíduos infectados, como também consolidou um estigma que permanece vivo até os dias atuais. Como evidencia Macrae (2018, p. 78), “os principais fatores de risco sendo a homossexualidade masculina (54,94%), a bissexualidade masculina (28,96%), transfusões de sangue (3,93%), uso de drogas intravenosas (2,89%) e o contato heterossexual e bissexual masculino (1,35%).” Essa hierarquização reforçou a associação direta entre HIV/AIDS e a comunidade homossexual, transformando a doença em marcador social de exclusão.

A resposta institucional tardia e estigmatizante gerou iniciativas autônomas de cuidado e solidariedade. Surgiram grupos como o Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS (GAPA) e o Pela VIDDA, fundado por Herbert Daniel, como já destacado. Mesmo infectado, ele se engajou profundamente na luta contra o preconceito e por políticas públicas de saúde. Como destaca Macrae (2018, p. 31), “a doença levou a um rápido retrocesso no progresso emancipatório homossexual e os próprios estabelecimentos comerciais voltados a essa população se sentiram ameaçados.”

Além da atuação nos grupos de apoio, o enfrentamento da AIDS no Brasil também mobilizou campanhas educativas e redes internacionais de articulação. A experiência Brasileira tornou-se referência ao integrar ações governamentais com movimentos sociais, especialmente a partir da década de 1990.

A trajetória de Herbert Daniel, marcada pela militância contra a ditadura, pela defesa dos direitos humanos e pela luta contra a AIDS, ilustra os entrelaçamentos entre repressão política, sexualidade e resistência. Seu legado permanece vivo nos atuais embates contra o conservadorismo e a LGBTfobia,

reafirmando a urgência de políticas públicas inclusivas e de uma memória coletiva que reconheça o papel dos sujeitos LGBTQIAPN+³ na história Brasileira.

Problematizar essa realidade implica compreender que o HIV/AIDS foi tratado não apenas como uma epidemia biomédica, mas como uma epidemia moral. Ao rotular corpos dissidentes como vetores de risco, o discurso hegemônico legitimou a marginalização e perpetuou a culpabilização da população LGBT. Esse processo de estigmatização teve efeitos duradouros. Muitos dos preconceitos construídos naquele momento continuam a estruturar práticas discriminatórias em serviços de saúde, no ambiente de trabalho e na vida social, mesmo diante dos avanços médicos significativos que hoje permitem o controle da infecção. A persistência desse estigma revela que, mais do que uma questão biológica, a AIDS foi e ainda é um fenômeno profundamente atravessado por dimensões culturais, políticas e simbólicas, cuja compreensão crítica é essencial para enfrentar os preconceitos herdados e garantir os direitos das populações historicamente afetadas.

3.2 Resultados em perspectiva: implicações e reflexões

Diante de tudo que foi exposto, este capítulo se propõe a analisar, de forma atenta e cuidadosa, os sujeitos presentes na narrativa de vida escrita por Daniel, a fim de compreender mais sobre a vida desse ícone na luta pelos direitos humanos e, principalmente, em defesa dos direitos da comunidade LGBTQIAPN+ e das pessoas portadoras do vírus HIV/AIDS no Brasil. Para isso, analisaremos três trechos de cada sujeito narrativo, numerados de um a três, para facilitar a compreensão das interpretações. Iniciaremos pela categoria do

³ A nomenclatura utilizada para designar sujeitos dissidentes da norma heterossexual passou por sucessivas reformulações, acompanhando transformações políticas e disputas internas aos movimentos sociais. No contexto Brasileiro, difundiu-se inicialmente o uso da sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), especialmente nas décadas de 1980 e 1990, associada a estratégias de visibilidade e ao mercado de consumo. Conforme analisa Kinalha, a substituição progressiva dessa sigla não foi meramente terminológica, mas política, uma vez que “a passagem de GLS para LGBT marca o deslocamento do foco dos ‘simpatizantes’ para os próprios sujeitos políticos da luta por direitos” (Kinalha, 2015, p. 835). A incorporação das letras L, G e B evidenciou disputas por reconhecimento no interior do movimento, enquanto a inclusão do T representou um ponto de inflexão ao trazer para o centro do debate as experiências de travestis e transexuais, tensionando a separação entre sexualidade e gênero. As ampliações posteriores da sigla, como LGBTQIA+ — expressam, assim, a recusa de uma identidade fixa e homogênea, afirmando a historicidade e o caráter estratégico das categorias identitárias nas lutas contemporâneas.

sujeito narrador como *testemunha de um acontecimento* e, posteriormente, exploraremos os demais sujeitos conforme a numeração indicada.

O primeiro sujeito abordado é o narrador-testemunha, cuja autoridade advém da vivência direta dos acontecimentos narrados, conferindo à sua fala um estatuto de veracidade experiencial. Em seguida, tem-se o intelectual, sujeito dotado de domínio linguístico e capacidade reflexiva, que elabora discursos sofisticados, orais ou escritos, com vistas à produção de novos horizontes de pensamento e à mobilização crítica de seu interlocutor. Já o narrador político é aquele cuja enunciação está diretamente engajada nas disputas sociais, utilizando a linguagem como instrumento de transformação e, frequentemente, vinculando sua atuação à ocupação de espaços institucionais. Por fim, o narrador irônico distingue-se por operar com o duplo sentido e a subversão discursiva, mobilizando a ironia como forma de desestabilizar verdades aparentes e tensionar significados estabelecidos. Tais categorias não apenas delineiam perfis discursivos distintos, mas também nos ajudam a compreender como sujeitos históricos, como Herbert Daniel, manejam suas narrativas a partir de diferentes posições de enunciação.

Ao longo de sua trajetória, Herbert atuou como um dos protagonistas da resistência Brasileira contra a ditadura, participando de ações clandestinas que visavam desestabilizar o regime autoritário. Em vez de reiterar sua passagem pelas organizações armadas, aqui propomos refletir sobre como suas experiências nesses grupos foram transformadas em memória e discurso, principalmente em sua narrativa *Meu Corpo Daria Uma Romance*. Ao narrar os sequestros e as perseguições, Herbert não apenas documenta um momento histórico, mas também formula uma narrativa de subjetividade política marcada por coragem, contradição e desejo de liberdade.

Durante o exílio em Paris e Portugal, mais do que viver uma nova vida amorosa ao lado de Cláudio, Herbert passou por um processo profundo de ressignificação existencial. Foi ali que se aproximou de teóricos feministas, conheceu movimentos gays europeus e iniciou a escrita de suas primeiras narrativas de vida com forte teor político e afetivo. Seu contato com o pensamento de Michel Foucault, por exemplo, parece ter influenciado profundamente sua compreensão das relações de poder e da sexualidade como campos de disputa, atravessados por práticas discursivas e políticas de

resistência. Nesse aspecto, David M. Halperin, em sua obra *Saint Foucault: Towards a Gay Hagiography* (1995), evidencia de forma bastante clara o quanto os militantes e a comunidade LGBTQIAPN+ se nutriram dos estudos de Foucault para construir uma base teórica sólida e uma prática política reflexiva.

No caso de Herbert Daniel, é possível perceber, em diversos momentos de sua trajetória, muitos deles analisados ao longo desta pesquisa, como ele se apropria da perspectiva foucaultiana para pensar a organização, o poder e a militância. Tal influência não se manifesta apenas na forma como Herbert compreende as relações sociais, mas também em como articula a resistência como prática cotidiana e ética política.

Pelo menos algumas das ideias mais importantes de Foucault, reflexões teóricas sobre o poder foram diretamente inspiradas por lutas políticas que ele já via acontecendo ao seu redor, lutas políticas travadas (para citar alguns dos exemplos que o próprio Foucault menciona) pelos movimentos estudantis, o movimento pelos direitos das crianças, o movimento pelos direitos dos prisioneiros, o movimento antipsiquiatria, o movimento feminista e o movimento lésbico e gay. Em todo caso, é improvável que o prestígio concedido a Foucault, mesmo por grupos intelectualmente sofisticados como o ACT UP/Nova York, reflita a influência direta de *A História da Sexualidade*, Volume I. A influência de Foucault provavelmente resulta da forma como sua obra foi mediada por outros textos de maior relevância contemporânea — por textos recentes, digamos, em história e crítica de arte, estudos lésbicos e gays ou teoria política — bem como por desenvolvimentos sociais mais amplos, como o surgimento de práticas de resistência subcultural teoricamente embasadas ou a moda acadêmica da teoria crítica “pós-estruturalista”. Mas, qualquer que seja a relação de causa e efeito entre o pensamento de Foucault e os novos movimentos sociais, é notável que suas especulações sobre o poder pareçam ter encontrado seu público mais receptivo entre ativistas culturais, membros de grupos de ação direta política, participantes de vários movimentos de resistência social com alguma ligação com universidades e, sobretudo, talvez, militantes lésbicos e gays (Halperin, 1995, p. 26, tradução nossa).⁴

⁴ At least some of Foucault's most important ideas, theoretical reflections on power, were directly inspired by political struggles he already saw taking place around him — political struggles waged (to cite some of the examples that Foucault himself mentions) by student movements, the children's rights movement, the prisoners' rights movement, the antipsychiatry movement, the feminist movement, and the lesbian and gay movement. In any case, it is unlikely that the prestige accorded to Foucault, even by intellectually sophisticated groups such as ACT UP/New York, reflects the direct influence of *The History of Sexuality*, Volume I. Foucault's influence probably results from the way his work has been mediated by other, more contemporaneously relevant texts — by recent texts, let us say, in history and art criticism, lesbian and gay studies, or political

Independentemente da relação direta de causa e efeito entre o pensamento de Foucault e os novos movimentos sociais, é notável que suas reflexões sobre o poder tenham encontrado um terreno fértil entre ativistas culturais, militantes de grupos de ação direta e participantes de movimentos de resistência social, especialmente entre aqueles ligados às universidades e, de modo particular, entre militantes lésbicas e gays. No caso de Herbert Daniel, essa influência se torna ainda mais evidente, muitas de suas falas, publicações e pensamentos dialogam diretamente com as ideias apresentadas por Foucault e destacadas por Halperin, revelando uma afinidade conceitual e política profunda. A maneira como Daniel conduzia suas lutas, articulando corpo, desejo, política e ética, demonstra não apenas uma leitura atenta do pensamento foucaultiano, mas também sua capacidade de o traduzir em ação concreta. Em sua trajetória, o discurso se transforma em prática, e a teoria se reinventa na militância, num movimento que reafirma a potência de Foucault como referência viva na formulação das resistências e das subjetividades dissidentes.

A leitura de Halperin permite compreender que a recepção do pensamento foucaultiano nos movimentos sociais não se deu de maneira linear ou meramente bibliográfica, mas como um processo de circulação discursiva mediada, no qual conceitos como poder, resistência e subjetivação foram apropriados, ressignificados e colocados em funcionamento em contextos históricos específicos. Nesse sentido, a relação de Herbert Daniel com Foucault não deve ser entendida como uma adesão dogmática a um *corpus* teórico fechado, mas como uma incorporação estratégica de categorias analíticas capazes de iluminar experiências concretas de opressão, dissidência e luta política.

Ao articular corpo, desejo e militância, Herbert Daniel opera aquilo que Foucault concebe como uma micropolítica do poder, uma atenção às formas

theory — as well as by broader social developments, such as the emergence of theoretically informed subcultural resistance practices or the academic fashion for ‘poststructuralist’ critical theory. But whatever the causal relationship between Foucault’s thought and the new social movements, it is striking that his speculations on power seem to have found their most receptive audience among cultural activists, members of political direct-action groups, participants in various forms of social resistance movements with some connection to universities, and, above all, perhaps, lesbian and gay militants (Halperin, 1995, p. 26).

difusas, capilares e cotidianas pelas quais o poder atravessa os sujeitos e, simultaneamente, as possibilidades de resistência que emergem nesses mesmos pontos de incidência. Tal perspectiva desloca a militância de um horizonte exclusivamente institucional ou partidário para um campo mais amplo, no qual a ética do viver, as práticas de si e a produção de novas formas de subjetividade tornam-se dimensões centrais da ação política.

Nesse quadro, a militância de Daniel pode ser lida como uma prática discursiva que tensiona os regimes normativos de gênero, sexualidade e cidadania vigentes, produzindo efeitos de sentido que extrapolam o espaço estrito do ativismo organizado. Ao transformar sua própria trajetória em espaço de reflexão e intervenção, Daniel encarna aquilo que Foucault identifica como a inseparabilidade entre saber e poder, demonstrando que toda elaboração teórica é atravessada por posicionamentos políticos e que toda prática política implica uma certa economia dos discursos.

Assim, a afinidade entre Herbert Daniel e o pensamento foucaultiano não reside apenas na coincidência temática ou conceitual, mas na convergência de um mesmo gesto intelectual e político, o de pensar a resistência não como reação pontual a um poder centralizado, mas como prática contínua, plural e inventiva, capaz de produzir fissuras nos dispositivos de normalização. Tal leitura reforça a importância de compreender a militância LGBTQIAPN+ não apenas como luta por direitos, mas como espaço privilegiado de produção de saberes, de reinvenção das subjetividades e de reconfiguração dos modos de existência.

Nesse sentido, a apropriação que Herbert Daniel faz do pensamento foucaultiano não permanece no plano abstrato da reflexão teórica, mas se materializa de forma concreta em práticas militantes situadas historicamente. A compreensão do poder como relacional, difuso e inscrito nos corpos permite entender por que, em sua trajetória posterior, especialmente no contexto da redemocratização Brasileira, Daniel passa a investir em formas de militância que deslocam o eixo tradicional da ação política para o campo do cotidiano, do cuidado e da produção de vínculos. Assim, corpo, afeto e saúde emergem não como temas periféricos, mas como lugares estratégicos de resistência, nos quais o discurso se converte em prática e a militância se reinscreve como ética do viver.

Ao retornar ao Brasil, já em um contexto de redemocratização, Herbert não apenas retomou sua militância política, mas buscou articular novas linguagens de militância, que envolviam o corpo, o afeto e a saúde. A fundação do grupo Pela VIDDA, embora mencionada com frequência, ganha aqui contornos mais específicos, Herbert participou da redação dos primeiros panfletos informativos sobre prevenção ao HIV/AIDS, criou espaços de escuta coletiva e estabeleceu pontes entre pacientes, familiares e profissionais da saúde. Esses gestos cotidianos demonstram como ele transformava a dor em ação.

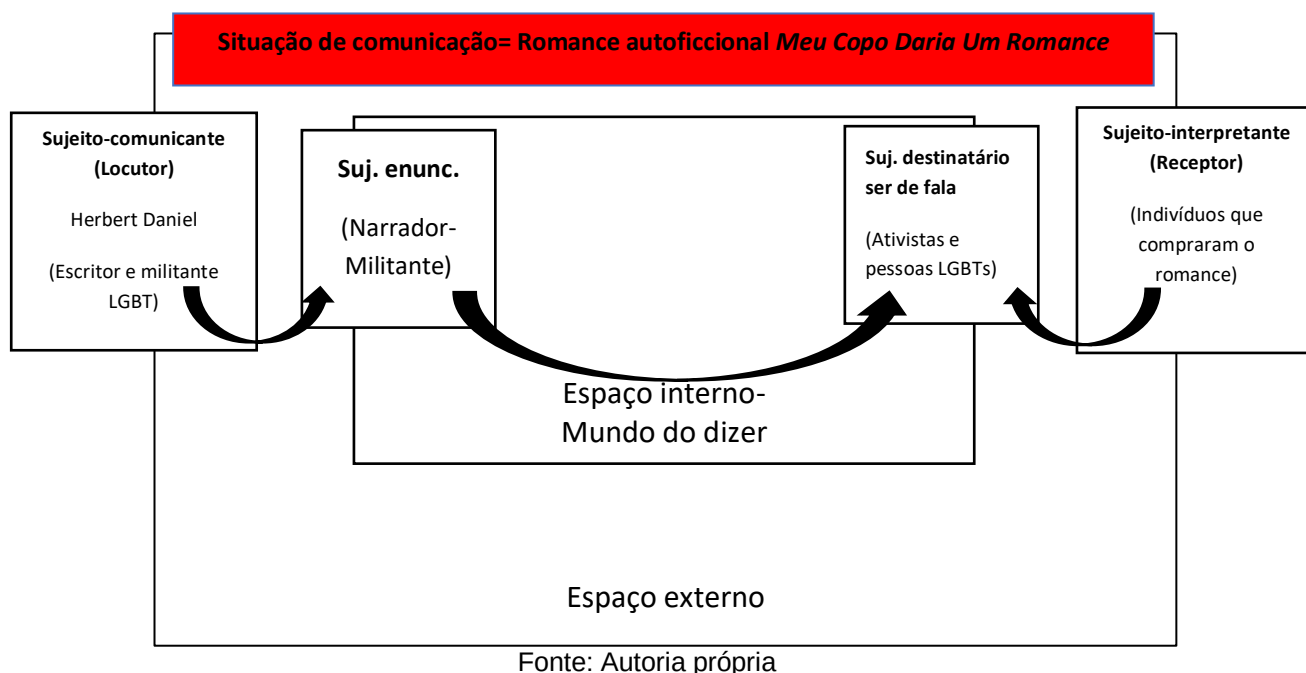
Além disso, em suas obras, especialmente na narrativa de vida *Meu Corpo Daria Um Romance*, Herbert reconstrói fragmentos de sua infância e juventude para compor uma narrativa de resistência sensível.

Um episódio marcante é sua lembrança da avó e do quintal onde brincava, imagens que se contrapõem às cenas de tortura e perseguição narradas em outras passagens. Esse contraste revela como a memória afetiva pode funcionar como um espaço de resistência simbólica, em meio à violência e ao autoritarismo, a recordação da infância preserva a dimensão da ternura e da vida cotidiana, que o regime tentou sufocar. Nesse sentido, pode-se pensar, à luz de Walter Benjamin (1987, p. 225), que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”. Esses contrastes reforçam a pluralidade de sua identidade e sua recusa em ser reduzido a rótulos, inclusive dentro da própria esquerda. Assim, ao recuperar essas lembranças, o narrador não apenas humaniza sua trajetória, mas também mostra como a experiência individual, quando narrada, carrega uma potência de resistência frente à barbárie.

Por fim, refletir sobre o legado de Herbert Daniel exige compreendê-lo não apenas como mártir, guerrilheiro ou ativista, mas como um autor que tensionou as fronteiras entre o pessoal e o político, o corpo e a ideologia, o amor e a revolução. Sua morte, em 1992, marca o fim de uma trajetória intensa, mas seu pensamento ainda reverbera em debates contemporâneos sobre saúde pública, diversidade sexual e memória histórica.

Para melhor compreensão das análises, vamos descrever o quadro do contrato de comunicação aplicado à narrativa em *Meu Corpo Daria Um Romance*.

QUADRO 3 – QUADRO DE SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO POR PATRICK CHARAUDEAU (1983a, 2019b) APLICADO À NARRATIVA DE VIDA MEU CORPO DARIA UMA ROMANCE (1989)



Assim, como mostra o contrato acima, Herbert ora incorpora o “EUc” (**sujeito comunicante**), uma entidade social, ora assume o “EUe” (**sujeito enunciativo**), aquele que expressa a fala. Nesse esquema, há também o “TUd” (**Sujeito destinatário**), que representa o público presumido por Herbert ao escrever sua obra, e o “TUi” (**sujeito interpretante**), que é o ser social que realmente acessa o texto, neste caso, o leitor, como eu, que analiso a obra segundo a situação de comunicação proposta por Charaudeau (1983) e adaptada por Ida Lúcia Machado (2008).

A seguir, inicia-se a análise do *corpus* desta dissertação, à luz das contribuições de Patrick Charaudeau e da noção de sujeitos proposta por Ida Lúcia Machado. Busca-se examinar como os discursos se organizam e produzem sentidos, considerando os contextos de produção, os papéis enunciativos e os efeitos discursivos mobilizados.

[1] Vi...a...dô... bem baixinho, só para brincar um pouco, sem ruindade, só gozação. Só gozo seco de deslocar o anormal para fixar uma pertinência ao lógico e rentável competente gosto e esforço de criar o vosso mundo inviolável. Ex-cárnio: meu corpo abstraiu-se. Tornou-se, no meu susto atávico, no meu medo aprendido, apenas uma massa informe administrada pelos meus, ali, algozes (Herbert, 1984, p. 15).

[2] Quando Manuel encontra Marcelo fechado naquele cubículo obscuro cheio de livros e sujeira impregnada, não sabia como fazer coincidir aquela figura inchada e esverdejada, coroada de cabelos alucinados, com as ideias que se fazia de um guerrilheiro. Marcelo pareceu-lhe desprotegido como um engano da ilusão, feio como um fim de batalha, triste como um inseto da vidraça. Energicamente, dispôs-se a acabar com aqueles miasmas (Herbert, 1984, p. 231).

[3] Choro. Todos meus amigos choram. Cláudio chora soluçando. Abraço Cláudio. A gente se beijou. Mas não na boca. A televisão estava filmando. Você beijou o chão? Quis saber o repórter. Beije de novo Cláudio. Mas não na boca. A TV continuava filmando. Acho que cheguei, finalmente Henfil (Herbert, 1984, p.370-371).

Ao tratar do sujeito narrador testemunha de um fato, é possível argumentar que essa perspectiva abarca toda a obra, visto que se trata de uma narrativa de vida contada pelo autor, como afirma Charaudeau, o “Eu Narrador”. No entanto, para melhor abordar essa narrativa extraordinária escrita por Daniel, separamos três excertos que ilustram os diferentes aspectos dessa narrativa.

No excerto [1], Herbert relata sua entrada no ônibus logo após se despedir de Cláudio, com um beijo, no Rio de Janeiro. Ao adentrar o coletivo, ele é severamente atacado por olhares e julgamentos. É importante destacar que, nesse período, o Brasil vivia uma fase de redemocratização, embora, mesmo com o advento dessa nova direção política e uma possível aceitação dos homossexuais, o preconceito ainda estava presente, o que Herbert experimentou de maneira dolorosa em seu corpo.

Quando ele afirma “via... a... do bem baixinho”, podemos compreender que, ao entrar no ônibus, seu ouvido começa a captar palavras ofensivas e críticas sobre o ato que acabou de cometer. As descrições enfatizam como a pessoa que pronunciou essas palavras o fez de forma sorrateira, lenta e cheia de ódio. Podemos quase ouvir o sussurro das palavras, como o próprio Herbert descreve, que o deixou bastante constrangido e machucado. Quando Daniel fala sobre

“deslocar o anormal para fixar uma pertinência”, ele se refere à norma imposta pela sociedade, que buscava a imposição de um modelo de família tradicional Brasileira, como ensinado pela Bíblia. Tudo o que contrariava essa norma era considerado imoral. Nessa situação, seus algozes viam sua agressão como uma justificativa para constrangê-lo, deixando-o com medo de tudo e de todos.

É nesse contexto que Daniel observa uma mulher negra e dois companheiros de luta, reconhecidos pela camisa do PT. No entanto, diante de um cenário em que o ônibus lotado de homens agredia Daniel, eles se mostraram indiferentes. Quando Herbert usa a palavra “excarnio”, ele define a realidade brutal vivida por um militante homossexual durante a redemocratização no Brasil. A escolha de grafar o termo dessa maneira, em vez da forma correta “escárnio”, pode ser entendida como um recurso expressivo, uma tentativa de intensificar a ideia de carne exposta, de corpo vulnerável, como se a violência simbólica e física fosse capaz de arrancar a pele e deixar à mostra a crueldade social. Herbert foi exposto ao ridículo apenas por ter expressado seu amor de forma genuína. Foi julgado e reprimido apenas por ser quem ele é, testemunhando um fato triste em uma sociedade hostil.

No excerto [2], temos o encontro de Manuel com Marcelo, e se pode questionar: Quem são esses personagens? Como Herbert e seus companheiros viviam na clandestinidade, era comum a adoção de outros nomes, que eram frequentemente trocados como estratégia para proteger suas verdadeiras identidades. Dessa forma, quando o nome “Manuel” aparece na narrativa de vida, ele corresponde a Cláudio, e “Marcelo” é, na verdade, Herbert Daniel. O segundo excerto descreve a visita de Cláudio a Herbert em um apartamento onde ele estava escondido. Naquele período, Daniel era um dos militantes mais procurados pela polícia, não por ter cometido crimes graves, mas porque ele possuía uma capacidade de articulação poderosa, o que o tornava um alvo. Após a queda de vários “aparelhos”, nome dado aos esconderijos dos guerrilheiros, a identidade de Herbert foi descoberta, e ele teve que se refugiar em um apartamento abandonado, onde não podia fazer barulho nem abrir as janelas, para que os vizinhos não o descobrissem.

Daniel relata que passou esse tempo lendo na biblioteca do apartamento, iluminado apenas por uma fresta de luz que escapava pela cortina. Quando Cláudio descreve Herbert como “aquela figura inchada e esverdejada, coroad

de cabelos alucinados, com as ideias que se fazia de um guerrilheiro”, a descrição revela o impacto do confinamento físico e psicológico de Herbert. A figura “inchada” pode ser interpretada não apenas como uma referência ao seu corpo, mas também ao sentimento de prisão e falta de cuidados, como a alimentação inadequada e a falta de exposição ao Sol, o que contribui para seu aspecto debilitado. Cláudio, ao final do excerto, deixa claro que vai resgatar Herbert, demonstrando que, embora ainda não houvesse uma intimidade profunda entre eles, estava disposto a ajudar seu companheiro de luta.

No excerto [3], Daniel relata seu retorno ao Brasil, um evento que demorou muito a acontecer, embora ele tivesse cumprido todos os requisitos para ser reintegrado ao país desde a implementação da lei de anistia. No início, ele descreve a cena emocionante de sua chegada, “Choro. Todos meus amigos choram. Cláudio chora soluçando.” Após muitas mobilizações em Paris e no Brasil, Daniel finalmente obteve a autorização para retornar, sendo um dos últimos anistiados, e, ao chegar ao aeroporto, todos estavam lá para recebê-lo, seus amigos de militância, seu pai, seu irmão e, claro, Cláudio. A emoção foi imensa, pois após tantas tentativas frustradas, não havia mais esperança de seu retorno. O relato do beijo que ele deu em Cláudio simboliza não apenas seu retorno físico ao Brasil, mas também sua decisão de viver de forma mais autêntica, integrando sua militância à sua sexualidade. No entanto, ele se preserva ao não dar o beijo na boca, pois a imprensa estava presente, acompanhando o momento. Ao concluir com “acho que cheguei”, Daniel expressa a incredulidade diante da realização de algo que parecia impossível.

Essa análise pode ser enriquecida ao relacioná-la com as concepções teóricas sobre a construção do discurso e a significação das experiências pessoais. Segundo Charaudeau (2008, p. 57), a análise discursiva permite compreender como o sujeito organiza e constrói sentidos a partir de suas vivências, evidenciando não apenas os fatos narrados, mas também a interpretação subjetiva que o indivíduo faz de sua própria experiência. Ao aplicar esse conceito à obra de Daniel, percebe-se que seu relato não se limita à descrição dos acontecimentos, mas busca compreender sua identidade e as marcas deixadas de cada experiência vivida. Assim, a obra se configura como uma construção pessoal e reflexiva, em que Daniel é simultaneamente sujeito,

protagonista e narrador, permitindo analisar de forma detalhada a maneira como os eventos moldaram sua percepção de si mesmo.

No entanto, a reflexão proposta por Machado (2020, p. 46) nos alerta para o fato de que, “dentro dessa ótica, é fácil concluir que a narrativa de vida, em seu todo, nada mais é que uma versão da história de um indivíduo e não o relato exato da realidade dos fatos por ele vividos.” A memória, como um processo subjetivo, molda a maneira como o narrador reconstrói o passado, influenciada pela sua visão de mundo e pelas suas experiências individuais. Ao observar a forma como Herbert descreve sua vivência durante a redemocratização no Brasil, em especial a violência e o preconceito que enfrentou, é possível perceber a complexidade de seu olhar sobre os fatos. Dessa maneira, sua narrativa está impregnada de uma memória pessoal, que não busca, necessariamente, uma reprodução fiel de todos os eventos, mas sim uma interpretação filtrada por sua experiência emocional, suas lutas e suas identidades múltiplas tanto enquanto militante político quanto enquanto ser sexualmente marginalizado pela sociedade.

Em continuidade a essa perspectiva, Herbert, ao contar sua história, não se limita a uma simples exposição dos acontecimentos, mas narra um passado carregado de subjetividade e de interpretações pessoais. Sua escolha das palavras, o destaque dado a certos episódios e o modo como ele reflete sobre o impacto de suas vivências na construção de sua identidade revelam a natureza subjetiva da memória. Como resultado, sua narrativa não é um retrato fiel da realidade objetiva, mas uma versão da história de sua vida, que está, inevitavelmente, imersa em suas percepções e emoções.

A distinção entre o “fato” e a “memória” fica ainda mais evidente no trecho em que Herbert descreve os ataques e os olhares que sofreu ao entrar no ônibus. Embora ele esteja relatando um evento concreto, sua percepção daquele momento está marcada por sua dor e pelo preconceito, pois ele percebe a agressão como dirigida à sua própria identidade. Essa representação do passado, influenciada pela sua vivência, vai além do simples relato de uma experiência de humilhação; ela reflete uma visão crítica sobre a sociedade e as formas de violência simbólica que permeiam o cotidiano dos indivíduos marginalizados.

Adicionalmente, conforme Lejeune (*apud* Machado, 2020, p. 46) sugere, “cada narrador apresenta uma versão única e pessoal dos fatos que vivenciou, uma versão que não busca ser uma réplica exata da realidade, mas uma interpretação do passado”. No caso de Herbert, essa narrativa torna-se não apenas uma reconstituição de seu percurso pessoal, mas uma forma de resistência e de afirmação de sua identidade, que recusa a imposição das normas heteronormativas e busca dar voz a uma experiência de vida muitas vezes silenciada.

Ao concluir esta breve análise do sujeito como testemunha de um fato, voltamos à proposta de Ida Lúcia sobre o segundo sujeito: o intelectual e criador de ideias. Como mencionado, por ser uma narrativa de vida, a obra supracitada como um todo posiciona Herbert como esse sujeito intelectual e criador de ideias. Ele não apenas testemunha os eventos de sua vida, mas também reflete criticamente sobre sua realidade, suas lutas e sua identidade.

[4] Resistir é só a precisão de impedir que nos domine a crença de que isto, embora sendo, seja permanente. Resistir é não se conformar em conservar o inviável do presente (Herbert, 1984, p. 229).

[5] A genitália é um constrangimento. Muito o menino ainda observaria outras regras de gentil, mediu muito o pinto, acompanhou a evolução dos pêlos, comparou volumes, era urgente que o sexo assumisse uma proporção capaz de domínio, eficaz para o exercício do sexo- genitalidade (Herbert, 1984, p. 65).

[6] Apareceu a oportunidade no *Show medicina*, para o qual passei a escrever peças, espetáculo realizado todos os anos com os futuros senhores doutores. Escrevi peças e todos me consideravam: talentoso, bem-humorado, engraçado, sociável, muito dado... (Herbert, 1984, p. 163).

Como mencionado anteriormente, a obra de Herbert revela a figura de um sujeito intelectual, que cria ideias e reflete criticamente sobre o mundo ao seu redor. Nesse caso, essa característica é notável em diversas atividades que ele desempenhou ao longo de sua vida acadêmica na UFMG, enquanto cursava Medicina. Sua atuação também se evidencia em sua militância pelos direitos humanos e pela defesa da comunidade LGBTQ+, além de sua resistência, mesmo

nos momentos em que era silenciado e sofria preconceito. Mesmo quando se calava, ele continuava a ensinar e a gerar ideias.

No excerto [4], Herbert compartilha seu pensamento crítico e a reflexão sobre o conceito do verbo “resistir”. Daniel, em um momento de grande angústia, questiona como e por que resistir. E é nesse devaneio que ele chega à conclusão de que “resistir é só a precisão de impedir que nos domine”. Esse pensamento ocorre exatamente quando ele se vê diante de uma situação hostil, dentro de um ônibus cheio de homens e uma única mulher, que o atacam verbalmente por ter se despedido de seu amado com um beijo. A palavra “só” serve para confortar seu coração, internalizando em sua memória que ele precisa resistir, impedindo que essas pessoas e o regime autoritário da época o dominem. No final do excerto, ele reforça que resistir também é não se conformar, não aceitar que tudo esteja normal e não ter medo de lutar contra os pensamentos retrógrados da sociedade.

O excerto [5] revela uma situação íntima de Daniel, em que ele fala sobre sua adolescência e o impulso hormonal que o leva a medir seu órgão genital. Ele não fazia isso por prazer, mas para saber se seu corpo estava dentro dos padrões exigidos pela sociedade sobre o que significava ser um homem, um macho. Ao afirmar que “a genitália é um constrangimento”, ele expressa o desconforto que sentia ao se comparar aos outros meninos, medindo seu pênis conforme o volume de seus colegas. Essa comparação é um reflexo claro de uma sociedade machista e patriarcal, na qual o homem, por possuir um falo, é considerado superior à mulher, e para exercer essa dominância, ele deve ser viril.

Essa reflexão de Daniel remete ao trabalho de Paul Preciado, especialmente em seu livro *Manifesto Contrassexual: Práticas Subversivas de Identidade Sexual*, em que ele aborda a questão da vergonha imposta pela sociedade, segundo a qual o tamanho do órgão genital define o sexo e o gênero da pessoa. Preciado afirma.

O modelo sexo = performance sexual = pênis produz a utopia/distopia do gueto homosocial masculino: um paraíso sexual de pênis eretos. Essa utopia/distopia é a função/fobia das sociedades fortemente homosociais, nas quais o capitalismo pós-industrial parece prometer a transformação de qualquer

valor econômico em pênis\$, e vice-versa (Preciado, 2022, p. 145).

O sujeito intelectual de Herbert, no que tange às questões sexuais, como a masturbação e a promoção do prazer próprio, leva-nos a refletir profundamente sobre suas ideias. Relacionar suas reflexões com as de Preciado nos ajuda a formar inúmeras ideias e a entender as situações daquela época, cujos ecos ainda ressoam no presente.

No excerto [6], Herbert fala sobre sua felicidade ao ser convidado para produzir o *Show Medicina*, um evento anual da UFMG, onde os alunos de Medicina preparavam peças teatrais para a comunidade acadêmica. Essa foi uma oportunidade para Daniel demonstrar mais uma vez seu lado intelectual e gerar novas ideias por meio de peças e espetáculos que ele mesmo escrevia. O *Show Medicina* se tornou uma ferramenta de grande importância durante o período ditatorial, já que muitas das peças criadas por Daniel e apresentadas pelos colegas faziam críticas contundentes às ações repressivas do regime militar.

Com o sucesso do *Show Medicina*, os militares começaram a tentar impedir a realização do evento, buscando censurá-lo por promover ideias que se opunham ao regime. Apesar das dificuldades, os estudantes conseguiram manter o evento, e Herbert teve que submeter os roteiros das peças à aprovação prévia dos militares para que pudessem ser encenadas. No entanto, como os próprios colegas de Herbert observaram, ele era considerado “talentoso, bem-humorado, engraçado, sociável”, e, por ser um intelectual, Daniel passou a utilizar a ironia como uma figura de linguagem para criticar o regime autoritário sem ser censurado. Herbert foi um intelectual à frente de seu tempo. Não é por acaso que alguns de seus livros, lançados naquele período, venderam poucos exemplares e foram criticados. Muitos dos leitores não compreendiam o estilo peculiar de Herbert ao abordar questões complexas da sociedade da época.

Nesse aspecto, Herbert se aproxima de uma concepção de intelectual que não se limita a uma produção de conhecimento acadêmico, mas que também se envolve ativamente com os processos de transformação social e política. Essa relação entre cultura e política em Herbert reflete uma visão mais ampla do papel do intelectual na sociedade. O intelectual de Herbert não se conforma com o

status quo, pelo contrário, ele o questiona e subverte. Em sua resistência, Herbert não se limita ao campo das ideias, mas leva suas críticas para o campo da ação e da cultura. Ao desenvolver peças que criticavam o regime e usavam a ironia para desviar da censura, ele consolidou seu papel como um intelectual engajado, preocupado em transformar a sociedade através da cultura.

A obra de Herbert, ao se apresentar como um campo fértil de críticas e reflexões sobre a sociedade, configura-se como um testemunho das tensões sociais, políticas e sexuais de sua época. Através de seus escritos e suas práticas, Herbert se posiciona não apenas como um intelectual, mas como um sujeito político que desafiava os sistemas de opressão e promovia uma resistência ativa ao regime autoritário vigente. Essa resistência, conforme exposto no excerto [4], é fundamental para entender como Herbert utilizou sua posição intelectual para gerar novas ideias e perspectivas. Daniel, ao refletir sobre o ato de resistir, revela uma compreensão crítica de sua própria existência dentro de uma sociedade hostil. Quando ele afirma que “resistir é só a precisão de impedir que nos domine”, ele está, na verdade, fazendo um apelo à autonomia e à preservação da liberdade individual frente à opressão, como podemos perceber no excerto [4]. A frase “só a precisão” encapsula a simplicidade, mas também a complexidade, da resistência cotidiana frente a um regime autoritário que tenta silenciar vozes divergentes.

Essa reflexão sobre resistência se conecta com os conceitos de resistência política e cultural que Herbert desenvolveu em sua militância pelos direitos humanos e na defesa da comunidade LGBTQ+. A utilização do verbo “resistir” em sua obra não é meramente reativa, mas um posicionamento ativo e necessário diante das forças de dominação presentes na sociedade, seja no espaço público, como o ônibus do excerto [4], seja nas esferas de poder mais amplas, como o regime militar. Esse posicionamento é uma tentativa de subverter as normas dominantes, tal como exemplificado por sua militância contra o regime militar, em que ele utilizava de práticas culturais, como o *Show Medicina*, para criticar as ações do governo e promover uma nova forma de pensar.

A relação entre a resistência de Herbert e a crítica ao sistema patriarcal e machista da sociedade também se evidencia no excerto [5], onde Daniel reflete sobre sua adolescência e a pressão para se adequar aos padrões de masculinidade impostos. Ao afirmar que “a genitália é um constrangimento”, ele

não expressa apenas uma insegurança pessoal, mas também denuncia como a sociedade normatiza e objetifica o corpo, estabelecendo critérios rígidos para definir quem é ou não um homem.

Agora, ao refletirmos sobre o narrador político presente nesta narrativa, podemos observar como Daniel imprime sua marca política desde o início até o final de sua obra. O conceito de “narrador político”, proposto por Ida Lucia, leva-nos a perceber que esse narrador pode em muitos momentos se confundir com o narrador intelectual e criador de ideias. Isso ocorre porque, ao espalhar conhecimento, gerar novas ideias e persuadir outras pessoas, o discurso se torna intrinsecamente político. O ser humano, por sua própria natureza, é político. Portanto, a análise de sua obra também é uma análise política, uma reflexão contínua sobre o papel do intelectual na sociedade e na luta pela transformação.

[7] Liszt me visita. Comunica, entre sérios e irônicos, que provavelmente vai se candidatar a deputado. Fico animado. Há poucos dias inscrever-me no PT e certamente faria campanha para Liszt, um amigo que conheci em 1969 e que sempre foi um companheiro que dava sentido a esse adjetivo (Herbert, 1984, p. 357).

[8] Naquela política não havia ligação entre o ‘pessoal’ e o ‘político’, a não ser vínculos ‘dialéticos’. Dialético era uma palavra que, muito frequentemente, queria dizer ‘confusão’, ‘inexplicabilidade’ ou ‘desordem’. Manuel e Marcelo achavam que tinham as mesmas convicções políticas. Apesar das identificações generalizadas. Seu reconhecimento político vinha através da amizade, mas na época não admitiriam isso (Herbert, 1984, p. 35).

[9] Ocorreu-me uma necessidade, absurda por nunca poder vir a ser satisfeita. Eu queria falar duma maneira que todos me entendessem. Eu lhes desejava a orelha, órgão zero, para dizer o que se passava comigo e conosco. Eu queria lhes explicar o sexo, e não só o meu, com tudo que fosse pertinente ao amor e não apenas ao constrangimento genital das regras da vulgarização do amor (Herbert, 1984, p. 51).

O excerto de número [7] começa relatando a visita de Liszt após o retorno de Herbert ao Brasil, momento em que se instaurava um clima de redemocratização no país. Diante desse contexto, Liszt faz um comunicado a seu amigo Daniel, como ele enfatiza ao final do excerto, “um amigo que conheceu em 1969 e que sempre foi um companheiro que dava sentido a esse

adjetivo.” Ao se dirigir a Liszt dessa forma, ele sublinha o quanto eram próximos, o que explica a razão pela qual ele fez questão de comunicar essa notícia a Herbert. Para além da amizade, ele desejava o apoio e os conselhos políticos de Daniel, dada a sua relevância como sujeito político e o histórico de militância que possuía.

Nesse mesmo parágrafo, Liszt se refere a Herbert como “amigo” e “companheiro”. O uso do termo “companheiro” não é casual, pois é a forma usual de se dirigir aos militantes e filiados do Partido dos Trabalhadores (PT), sendo um indicativo da afinidade política entre eles. Quando Herbert menciona, no início do parágrafo, o anúncio da candidatura de Liszt a deputado pelo PT, ele afirma, “Há poucos dias inscrevi-me no PT e certamente faria campanha para Liszt.” Ao fazer isso, ele revela sua filiação ao mesmo partido de Liszt e a certeza de que utilizaria toda a sua sabedoria e experiência para apoiar a candidatura, uma vez que já se conheciam há algum tempo e compartilhavam dos mesmos pensamentos e propostas revolucionárias.

Quando Herbert faz referência a 1969, ele deseja enfatizar a confiança que tinha em Liszt, fruto do tempo de amizade que os unia, o que evidencia o companheirismo atemporal entre eles. Em outros momentos de sua obra, Daniel relata que Liszt foi o único a nunca o questionar sobre sua sexualidade, aceitando-o e respeitando-o sem julgamentos sobre suas experiências sexuais. Por isso, ambos possuíam uma relação de confiança mútua.

O excerto [8] inicia com os codinomes adotados por Herbert e Cláudio, usados para manter suas identidades ocultas durante a militância nos grupos guerrilheiros, evitando prisões, perseguições e torturas — Manuel, Cláudio e Marcelo, Herbert. Nesse excerto, eles relatam suas diferentes posições políticas, mesmo vivendo um relacionamento clandestino, e, ao usar o termo “clandestino”, refere-se aqui à forma como todos os homossexuais precisavam se ocultar durante o regime militar. Como já foi detalhado, naquela época, pessoas LGBTs eram vistas como pecadoras, doentes e impuras, caso fossem descobertas, poderiam sofrer severas punições.

A análise revela diversos elementos discursivos importantes. Primeiramente, a oposição entre “‘pessoal’ e ‘político’” e a explicação de “dialético” como “confusão”, “inexplicabilidade” ou “desordem” indicam como o discurso constrói categorias de experiência. A política era percebida como

campo abstrato e complexo, enquanto as relações pessoais permaneciam delimitadas, invisibilizadas ou reprimidas. A escolha lexical de Herbert, especialmente o termo “dialético”, funciona como marcador de subjetividade e crítica irônica, mostrando a dificuldade de integração entre vida pessoal e engajamento político no contexto da militância.

O verbo “achavam”, ao afirmar que Manuel e Marcelo “achavam que tinham as mesmas convicções políticas”, evidencia a construção discursiva de incerteza e a subjetividade do relato. Ele indica que a percepção de concordância política é interpretativa, não objetiva, e que o reconhecimento mútuo entre militantes ocorria de maneira indireta, mediado por vínculos afetivos, como a amizade, que o discurso descreve como algo não plenamente admitido na época. Assim, o excerto mostra como Herbert constrói uma narrativa polifônica, na qual convergem interpretações pessoais, relações afetivas e análise crítica do contexto histórico.

Esse trecho reforça também a tensão entre visibilidade e ocultamento. A militância exigia esconder identidades e relações, ao mesmo tempo em que a amizade e o reconhecimento político funcionavam como mecanismos de vínculo e solidariedade. Sob o olhar da semiolinguística, essas escolhas lexicais e estruturais do discurso produzem efeitos de posicionamento ideológico e afetivo, articulando experiência individual, estratégias de resistência e percepção das normas sociais e políticas vigentes.

Portanto, mesmo diante de divergências e da necessidade de ocultamento, Herbert, Cláudio e seus companheiros construíam, pelo discurso, um espaço de reconhecimento mútuo, que posteriormente se transformaria na luta conjunta por liberdade e afirmação de identidades no retorno ao Brasil.

No excerto [9], Daniel compartilha seus sentimentos durante um episódio de preconceito vivido dentro do ônibus novamente, quando, nos onze minutos que Herbert descreve como uma eternidade, ele se sente forçado a explicar sua sexualidade para os outros passageiros, embora isso só aconteça no seu subconsciente. Ele expressa a necessidade absurda de explicar para aquelas pessoas que sentir atração pelo mesmo sexo e beijar outro homem não era anormal, que ele e muitos outros LGBTs não eram doentes, muito menos possuíam algum distúrbio. Ele diz, “Eu queria falar de uma maneira que todos me entendessem”, pois aqueles senhores e aquela única senhora não

compreendiam e apenas julgavam o beijo que ele deu em Cláudio ao se despedir no ponto de ônibus. Herbert deixa claro, no início do parágrafo, o seu anseio de explicar àqueles indivíduos machistas, homofóbicos e misóginos o que realmente significava ser homossexual, para que todos entendessem.

Quando Herbert menciona o desejo pelo “órgão 0”, ele faz referência aos capítulos da obra que foram divididos e nomeados com as partes do corpo mais atingidas por atos preconceituosos, como já foi explicado anteriormente: o “órgão 0”, o ouvido, ou seja, a primeira parte do corpo atingida por comentários hostis. Assim, ele expressa o desejo de falar o que realmente se passava com ele e com todos os presentes o ouvisse.

No entanto, Herbert não desejava apenas falar sobre homossexualidade. Ele também diz, no excerto [9], “Eu queria lhes explicar o sexo, e não só o meu, com tudo que fosse pertinente ao amor e não apenas ao constrangimento genital das regras da vulgarização do amor.” Esse excerto deixa claro que Daniel queria afirmar, naquele momento, que o amor está além do sexo. Embora o sexo seja uma necessidade vital, o amor ultrapassa as regras que vulgarizam e reduzem as relações a um nível genital. Quando refletimos sob essa ótica, lembramo-nos de Preciado (2022), com suas técnicas subversivas, provando que o prazer não depende exclusivamente de órgãos genitais, mas que todo o nosso corpo é composto por pontos erógenos capazes de proporcionar prazer.

Esse excerto transmite a figura de Daniel como um sujeito político, com observações atemporais e profundas, que, embora não fossem prontamente aceitas pela sociedade daquela época e talvez nem pela atual, reverberarão por muito tempo. As ideias expressas nesta narrativa e por todos os sujeitos aqui analisados, certamente, continuarão a ecoar e a provocar reflexões no futuro.

De acordo com Charaudeau, “a linguagem é um poder, talvez o primeiro poder do homem” (2019, p. 7). A linguagem, aqui, não se refere apenas à comunicação verbal ou escrita, mas ao poder de construção de realidades, de expressar e negociar identidades, de desafiar normas e de questionar o *status quo*. No contexto desse excerto, podemos perceber como a linguagem se torna um instrumento de resistência e transformação. Daniel, ao desejar que as pessoas compreendam a sua sexualidade, não está apenas pedindo aceitação, mas também exercendo seu poder de reconfiguração social. Ele utiliza a linguagem para desnaturalizar as visões preconceituosas sobre a

homossexualidade, desafiando as normas de gênero e as convenções sociais impostas pela sociedade da época. Portanto, a luta pela liberdade de ser quem se é passa, inevitavelmente, pelo poder da linguagem, que permite a visibilidade, o reconhecimento e a transformação de identidades marginalizadas.

Por fim, ao concluir a análise do sujeito político conforme proposto por Ida Lúcia, é pertinente voltarmos nossa atenção para outra configuração de sujeito narrativo: o sujeito irônico, cuja presença se evidencia nos trechos a seguir.

[10] Pô, Nina. Você fala parecendo uma reacionária. É claro que não existe isso de partir para uma opção sexual como se fosse uma escolha de um modelito de verão, ou participar da torcida de um time (Herbert, 1984, p. 318).

[11] Quando ele me deu um beijo eu dei um ataque, falei que aquilo era anormal e tudo, como se fosse uma virgem estuprada, e ele ficou puto comigo, com toda a razão, eu era um cretino da sexualidade, um punheteiro ressentido, uma solteirona de piada de machão, ou um machão de piada de solteirona (Herbert, 1984, p. 197).

[12] Só se pode ser homossexual quando se fala de política, tragicamente... Não é uma perspectiva interessante (Herbert, 1984, p. 328).

O sujeito narrativo proposto por Ida Lucia e observado na narrativa de vida de Herbert Daniel é peculiar, pois, do início ao fim dessa obra, Daniel utiliza inúmeras figuras de linguagem para expressar suas ideias. A ironia, muitas vezes empregada não por escolha, mas por necessidade, surge devido à situação em que, frequentemente, ele se via obrigado a dizer o contrário do que seu coração realmente desejava externar.

No excerto [10], Daniel expõe sua indignação diante do que Nina disse. Quando usa a expressão “pô, Nina”, fica claro o quanto ele ficou chateado ao ouvir a afirmação da colega, que utiliza um termo amplamente empregado até os dias atuais para se referir à comunidade LGBT: a palavra “opção”, quando deveria ser dito “orientação”. Como já foi mencionado anteriormente, Herbert era um homem muito à frente de seu tempo e já compreendia que ser homossexual não é uma escolha, mas sim uma orientação sexual. Por isso, ele utiliza a ironia para contestar e, ao mesmo tempo, ensinar a Nina que o termo utilizado por ela

e por outras pessoas da época, que ainda estavam imersas em uma visão conservadora, não estava correto.

Daniel diz, “você fala parecendo uma reacionária”. O termo “reacionário” é um adjetivo que pode ser traduzido como contrário ou hostil à democracia, antidemocrático. Para esses indivíduos, ao optar por viver de forma “subversiva”, os gays estavam destruindo a família tradicional e induzindo os adolescentes à “sodomia”, uma expressão usada pelos cristãos para se referir aos LGBTs como pecadores e desviantes.

Herbert, por meio de sua ironia, reflete que ser homossexual não é “como escolher um modelito de verão ou participar da torcida de um time”. De fato, a roupa que usamos, o time que apoiamos, a religião que seguimos, o perfume que escolhemos, os lugares que frequentamos e até mesmo o curso que fazemos são escolhas, mas a nossa sexualidade, não! Não há como escolher entre ser heterossexual ou homossexual. A sexualidade é inata, não se trata de algo que se possa escolher. Quem, em sã consciência, escolheria ser *gay* em um período tão repressivo, em um contexto em que, para proteger sua vida, era necessário viver no celibato? Quem escolheria ser LGBT em um país que, apesar de tantos avanços, ainda é o que mais mata pessoas da comunidade até os dias atuais? A reflexão de Herbert, expressa por meio de seu sujeito irônico, aponta para essa realidade de violência e intolerância.

No excerto [11], Daniel rememora o momento em que o guerrilheiro Simão o beijou sem sua permissão. Sua reação foi altamente irônica, e não se tratou apenas de relatar o fato, mas de esconder sua verdadeira identidade. Herbert disse o oposto do que realmente sentia, como uma forma de se proteger contra a discriminação, que, mesmo vinda de militantes de esquerda e revolucionários, ainda encarava a homossexualidade como um desvio pequeno-burguês. Ao usar a palavra “ataque” para descrever o beijo inesperado, é possível perceber o medo e o pavor de Daniel diante do acontecimento. O receio de ser visto e descoberto poderia afastá-lo de suas atividades revolucionárias, algo que ele temia profundamente. Por isso, ele vivia exilado em sua própria sexualidade.

Quando Daniel diz que se sentiu como uma “virgem estuprada”, ele expõe mais uma vez o quanto aquele beijo o abalou. A comparação com uma virgem estuprada revela o grau de descontrole e escândalo que aquela situação lhe causou. Ele reflete também sobre a imagem que Simão deve ter formado dele

após essa reação explosiva, ao afirmar, “eu era um cretino da sexualidade, um punheteiro ressentido”. O termo “punheteiro” sugere que, devido à falta de sexo, Daniel se aliviava por meio da masturbação, e o adjetivo “ressentido” revela sua carência emocional e sexual. Essa ideia de solidão se torna ainda mais evidente, pois ele se encontrava preso dentro do armário, solitário e reprimido, mas, ao mesmo tempo, alguns de seus companheiros já haviam percebido sua sexualidade. O beijo de Simão, se tivesse sido correspondido, poderia ter levado a algo mais.

No excerto [12], Herbert Daniel utiliza a ironia como recurso discursivo para abordar a questão da sexualidade, sugerindo que discutir esse tema é, em si, um ato político. A problematização das homossexualidades, termo empregado naquele período para se referir a lésbicas e gays, era fundamental, uma vez que implicava reconhecer que sujeitos homossexuais deveriam usufruir dos mesmos direitos e deveres que qualquer outra pessoa. É nesse sentido que Daniel afirma “só se pode ser homossexual quando se fala de política”, expressão que reflete seu desejo profundo de que mais gays ingressassem na vida pública e de que a diversidade sexual fosse incorporada às agendas políticas. Contudo, em seguida, ele revela sua frustração ao declarar “tragicamente... Não é uma perspectiva interessante”.

O uso da palavra “tragicamente” no enunciado de Herbert Daniel revela seu anseio por direitos humanos e igualdade, sobretudo no que se refere à comunidade LGBTQIAPN+, historicamente marcada pelo estigma, condição que, em grande medida, ainda persiste no século XXI. As reticências presentes em sua fala funcionam como um marcador de silêncio, indicam que havia mais a ser dito, mas que, por estratégia política ou por resignação diante das estruturas vigentes, o autor opta por não explicitar. Esse recurso revela sua consciência de que a simples enunciação de sua frustração não seria suficiente para alterar uma conjuntura política consolidada. Assim, ao concluir que “não é uma perspectiva interessante”, Daniel não se refere apenas à sua experiência individual, mas à postura dos políticos da época, inclusive aqueles que se diziam aliados da comunidade LGBT, mas evitavam abordar o tema abertamente por receio de contrariar setores cristãos, militares e conservadores. Sua ironia, portanto, opera como crítica contundente à omissão disfarçada de progressismo.

Esse cenário dialoga diretamente com as reflexões de Silviano Santiago em *O Homossexual Astucioso* (2004), especialmente no que tange à tensão entre o espaço público, o ato de “sair do armário”, e o espaço privado, o movimento de “permanecer no armário”. Para Santiago, assumir-se publicamente significa desafiar a norma social e politizar corpos e subjetividades que resistem em meio à repressão. Herbert Daniel, embora tenha permanecido grande parte de sua militância “dentro do armário” por necessidade estratégica, seja na luta armada, seja na redemocratização, também recusava a lógica da guetificação, perspectiva discutida em outros momentos deste trabalho. No trecho [12], porém, Daniel se posiciona “fora do armário”, defendendo explicitamente que pessoas LGBTQIAPN+ ocupassem espaços de poder, sobretudo no campo político, como forma de garantir vozes ativas na defesa de suas pautas. Isso se mostra fundamental, considerando que tais direitos eram frequentemente negligenciados até mesmo por políticos de esquerda, receosos de se indispor com o eleitorado cristão.

A crítica de Santiago (2004, p. 198) reforça essa discussão ao afirmar que “à pessoa de comportamento dúbio (...) exigia-se que vestisse a camisa. Ao político (...) propenso ao pêndulo direita-esquerda pede-se que desça de cima do muro”. Essa observação converge diretamente com a ironia de Daniel, para ele, não havia espaço para neutralidade diante das pautas LGBTQIAPN+. A omissão, ainda que silenciosa, significava reforçar as estruturas de opressão.

Santiago aprofunda seu argumento ao indicar que.

O homossexual astucioso não diria de si, em público e abertamente, que é bicha, viado, paraíba, sapatona etc., embora não queira, ou não tenha necessidade de travestir os gestos ou esconder as roupas, características de homossexuais. A conduta e a preferência sexual bixa/sapatona não precisam ser redundantes, não precisam estar constantemente espelhadas, em público, nas palavras bicha ou sapatona (Santiago, 2004, p. 202).

Essa reflexão aproxima ainda mais o autor de Herbert Daniel. Ambos compreendiam que a militância não dependia de performatividade ou de marcas visíveis de identidade, mas do enfrentamento à norma e da atuação nos espaços de poder. Embora Daniel tenha vivido parte de sua militância sob um silêncio estratégico, sua postura revela afinidade com a “astúcia homossexual” de

Santiago, cada qual, em seu tempo, compreendeu a necessidade de tensionar a fronteira entre público e privado. Enquanto Santiago teoriza sobre esse processo nos anos 2000, Daniel já o intuía nas décadas de 1970 e 1980, ao denunciar a omissão política e ao reivindicar a presença LGBT na arena pública. A astúcia, no caso, é saber quando e onde se pode sair do armário. Armário e fora do armário é mais do que privado e público — é principalmente sobre escolher com estratégia o momento do confronto, por necessidade de auto-proteção.

A ironia, recurso recorrente na obra de Herbert Daniel, assume um caráter polifônico ao articular simultaneamente “a voz que ironiza” e “a voz que sustenta o texto” Ducrot (*apud* Machado, 2015, p. 101). Trata-se de um mecanismo enunciativo que permite ao autor dizer e desdizer, expor e encobrir, avançar e recuar, operando num espaço discursivo de tensão constante. Mais que um simples comentário crítico, a ironia configura-se como estratégia de resistência, capaz de revelar contradições internas, denunciar discursos hegemônicos e desestabilizar representações sociais excludentes. Em contextos marcados pela repressão política e pela censura, tanto institucional quanto moral, a ironia emerge como uma forma de dizer o indizível, preservando o enunciador ao mesmo tempo em que fere o alvo de sua crítica.

Machado (2015, p. 107) observa que “assistimos ao desenrolar do jogo irônico da ironia, como estratégia de escritura e de comunicação com o receptor”, e esse jogo é especialmente evidente na escrita de Daniel. Seu uso da ironia não apenas expõe dilemas pessoais, como a vivência da sexualidade sob vigilância, mas também tensiona as estruturas de poder que normatizam corpos e subjetividades. Ao ironizar silêncios, omissões e discursos supostamente progressistas, Daniel convida o leitor a perceber o abismo entre a retórica oficial e a realidade vivida pela comunidade LGBTQIAPN+. Assim, a ironia opera simultaneamente como gesto político e gesto estético, ela protege, denuncia, revela e desloca.

Desse modo, o recurso irônico em Herbert Daniel funciona como uma forma de insurgência discursiva. Ao mesmo tempo em que evidencia sua condição de sujeito marginalizado, também lhe oferece uma ferramenta para participar criticamente do debate público sem se expor completamente em contextos de risco. A ironia, portanto, não é apenas ornamento estilístico, mas modo de

existência e de contestação, um meio de disputar sentidos, questionar normatividades e afirmar a própria agência diante de uma realidade que o oprimia e que exigia, permanentemente, astúcia, cautela e coragem.

CAPÍTULO 4:

Os Narradores na narrativa de vida “Revolucionário e Gay” De James Green: uma análise dos sujeitos narrativos

James Naylor Green é um professor estadunidense, graduado em História e formado em Ciência Política pelo *Earlham College*, em 1972. Entre 1992 e 1996, concluiu seu doutorado na Universidade da Califórnia. Green é um renomado ativista, militante e pesquisador de destaque tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, especialmente devido às suas contribuições e investigações voltadas para a comunidade LGBTQIAPN+. Ele foi um dos fundadores do movimento *gay* no Brasil, integrando o grupo SOMOS: Grupo de Ação Homossexual.

Green chegou ao Brasil em 1976 e residiu no país por seis anos. No entanto, retornou aos Estados Unidos devido à falta de recursos e financiamento para sua pesquisa, impossibilitando a continuidade de seus estudos em território Brasileiro. Doze anos depois, regressou ao Brasil para retomar suas investigações sobre os movimentos da “homossexualidade”, termo utilizado à época para se referir à comunidade LGBTQIAPN+ durante a ditadura civil-militar no Brasil.

Em uma entrevista concedida a Andréa Moreira Lima e Frederico Viana Machado, publicada em 2020, Green afirma que a pesquisa que originou sua obra sobre o ativista *gay* e guerrilheiro Herbert Daniel, falecido em 1992, foi resultado de uma década de investigação. Conforme destaca, “Resultado de dez anos de pesquisas sobre a história do ativista *gay* e guerrilheiro Herbert Daniel, morto em 1992” (Green, Lima e Machado, 2020, p. 1). Ainda na entrevista, Green explica a motivação para escrever a narrativa de vida de Herbert Daniel, mesmo diante de inseguranças quanto à produção de seu primeiro livro no gênero narrativo. Ele ressalta.

Nós dois amamos teatro, eu era ator quando jovem e ele dirigia teatro enquanto estava na universidade e depois quando voltou do exílio. Nós também amávamos ler em nossa juventude e gostávamos de escrever. Mais importante, de maneiras diferentes, nós dois desafiávamos a homofobia da esquerda e insistimos que ela mudasse à medida que ambos nos

considerássemos parte da esquerda (Green, Lima e Machado, 2020, p. 5).

Green também enfatiza a relação entre subjetividade e pesquisa histórica.

A maioria dos historiadores tem alguma conexão com seu trabalho, que é subjetivo e influencia seu pensamento. Eu não acho que exista uma maneira simples de superar ou lidar com essa questão, além de estar consciente dela como um problema (Green, Lima e Machado, 2020, p. 5).

Essas palavras evidenciam o impacto que a trajetória ativista de Herbert Daniel teve sobre o autor, inspirando-o a continuar lutando pelos direitos LGBTQIAPN+ e a preservar a memória de uma figura essencial para a luta pelos direitos humanos no Brasil.

A narrativa de vida inicia-se com um breve depoimento da ex-presidenta Dilma Rousseff sobre Herbert Daniel, a quem considerava um amigo leal e companheiro nos tempos difíceis da ditadura militar. Dilma é frequentemente mencionada ao longo da narrativa, dado o vínculo de proximidade e confiança que mantinha com o biografado. Em seguida, o livro traz uma lista de siglas e seus respectivos significados, auxiliando o leitor na compreensão dos termos utilizados na narrativa de vida.

O prefácio, intitulado “O laço que nos une” (Green, 2018, p. 13), foi escrito por Jean Wyllys, jornalista, escritor, mestre em Letras, ativista LGBTQIAPN+ e ex-deputado federal pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). A escolha de Wyllys para redigir o prefácio não foi aleatória. Em entrevista concedida a Andréa Lima e Frederico Machado, Green explica por que compara a militância de Jean à de Herbert.

Eu o comparo com Herbert Daniel porque cada um, em seu próprio momento e à sua própria maneira, estava na vanguarda da mudança social em relação a ideias e preconceitos contra a homossexualidade, e ambos tiveram a coragem de confrontar a sociedade, especialmente os elementos conservadores dentro dela (Green, Lima e Machado, 2020, p. 6).

A obra é composta por dezessete capítulos, cada um deles iniciado com uma citação de Herbert Daniel ou de pessoas próximas ao ativista, como amigos e familiares entrevistados. Essas citações contextualizam os eventos narrados e

reforçam a relevância de sua militância. O autor também inclui um capítulo com fotografias que retratam diversos momentos da vida de Daniel, acompanhadas de legendas elaboradas pelo autor.

Ao final de cada capítulo, Green apresenta notas detalhadas contendo referências bibliográficas, documentos e entrevistas que fundamentaram sua pesquisa. Nos últimos trechos da narrativa de vida, há uma seção de agradecimentos, seguida por um esquema cronológico que auxilia o leitor a situar os eventos históricos descritos. Além disso, há uma bibliografia organizada e um índice remissivo, proporcionando ao leitor uma experiência de leitura enriquecedora e uma compreensão aprofundada da história de vida de Herbert Daniel.

4.1 Cores de resistência: a luta LGBT em tempos de chumbo e a realidade recente do Brasil.

O período iniciado em 1964 é reconhecido como um dos mais sombrios da história da democracia Brasileira, ainda que essa realidade seja frequentemente esquecida. Durante o regime militar, os direitos à liberdade de expressão foram severamente cerceados, especialmente para aqueles que se opunham ao autoritarismo imposto pelos militares. Músicos, artistas, professores e estudantes tiveram suas vozes silenciadas, sendo muitos deles perseguidos, encarcerados e, em casos extremos, torturados ou assassinados.

Entretanto, algumas parcelas da sociedade foram ainda mais marginalizadas nesse contexto. A população negra, as mulheres, os movimentos feministas e, sobretudo, as pessoas homossexuais enfrentaram uma estigmatização ainda mais profunda. Além da repressão direta promovida pelo Estado, até mesmo setores da esquerda, que combatiam a ditadura, perpetuavam discursos excludentes. Conforme Green, alguns grupos sustentavam a ideia de que “a homossexualidade é produto do comportamento decadente da burguesia, que desaparecerá com o socialismo” (Green 2003, p. 18).

Os homossexuais eram impedidos de trabalhar, de produzir arte e de expressar suas opiniões, pois eram vistos como ameaça à juventude e à estrutura da família tradicional Brasileira. Além disso, a Igreja Católica reforçava

esse estigma ao associar a homossexualidade à narrativa bíblica da destruição de Sodoma e Gomorra, como se pode ler em Gênesis, capítulo 19, versículos 1 a 27 (Bíblia Sagrada, 2018), defendendo que aqueles que adotassem tal “conduta subversiva” deveriam ser punidos severamente para evitar que a “ira do Senhor” recaísse sobre o Brasil.

O preconceito não se limitava ao discurso religioso. No campo acadêmico e médico, a homossexualidade era frequentemente associada a distúrbios psicológicos e doenças. Como aponta Green (2012, p. 69), “em 1927, médicos, criminologistas e psiquiatras classificavam a homossexualidade masculina como perversão, sadismo e insanidade”. Esse tipo de classificação científica reforçava a exclusão social e justificava medidas repressivas.

A perseguição se intensificou nos espaços públicos, onde militares patrulhavam ruas e bares para “limpar” a sociedade da presença de homens efeminados e mulheres consideradas masculinizadas. Segundo Green, “Existe evidência na documentação já descoberta para supor que a polícia patrulhava os espaços públicos para ‘limpar’ as cidades de homens efeminados e ‘escandalosos’ ou das mulheres-homens demasiado visíveis” (2012, p. 68).

Além da repressão estatal, os próprios movimentos de esquerda da época não reconheciam as pautas homossexuais como parte de sua luta. Muitos grupos não permitiam a participação de homossexuais em suas fileiras, sob a justificativa de que não possuíam a força necessária para resistir e combater o regime. Dessa forma, enquanto a esquerda via a questão como secundária ou até mesmo como uma consequência do sistema burguês, os militares enxergavam a homossexualidade como uma ameaça a ser eliminada.

Esse cenário demonstra como a ditadura militar não apenas silenciou opositores políticos, mas também reforçou um ambiente de intolerância e exclusão como bem relata James Green.

A esquerda latino-americana demorou em compreender e responder ao surgimento dos movimentos gay e lésbico. A esquerda ficou presa a valores religiosos antigos e a uma ideologia conservadora, que se desenvolveu depois da Revolução Russa de 1917, que caracterizou a homossexualidade como um produto do comportamento burguês decadente (Green, 2003, p. 16).

E ele complementa,

É claro que não são inconciliáveis, mas a esquerda revolucionária dos anos 1960 e início dos anos 1970, assim entendia. A homossexualidade foi considerada com[o] uma perversão moral ou uma fraqueza de personalidade. Os homossexuais eram considerados instáveis, fracos, vaidosos e incapazes de realizar tarefas perigosas. Muitos revolucionários pensavam que a homossexualidade era uma doença ou um produto da decadência capitalista que desapareceria com o estabelecimento de uma sociedade socialista ou comunista. Muitos membros da esquerda simplesmente aceitavam ideias católicas tradicionais sobre a homossexualidade. Eles eram capazes de criticar a moralidade da igreja sobre o sexo pré-marital, mas não sobre a homossexualidade (Green, Lima e Machado, 2020, p.4).

Entretanto, durante o mesmo período, em outros países, ocorria um verdadeiro *boom* dos movimentos LGBTs, iniciado nos Estados Unidos com a Rebelião de *Stonewall*, que forneceu forças e encorajamento para outros movimentos LGBTs em diversas nações para enfrentar o sistema e lutar por igualdade de direitos. Na América Latina, influenciados pelos movimentos sociais norte-americanos, em Buenos Aires, Argentina, foi criado o primeiro grupo político do país: *El Grupo Nuestro Mundo*, e, em 1970, um grupo semelhante surgiu no México. Todos esses movimentos, que estavam em ascensão em várias partes do mundo, acabaram conquistando adeptos também no Brasil, apesar da situação calamitosa e difícil vivida pelo país.

Os chamados “esquerdistas revolucionários” começaram a pressionar para que a esquerda Brasileira incorporasse, de maneira vigorosa, causas como a questão ambiental e, principalmente, reconhecesse os movimentos gays e lésbicos. Diante da repercussão e pressão dos ativistas, destacando-se a atuação de Herbert, que teve papel crucial, “Enquanto estava no exílio em Paris e novamente quando retornou ao Brasil, ele exigiu que a esquerda repensasse suas ideias sobre homossexualidade, gênero, meio ambiente e outras questões” (Green, Lima e Machado, 2020, p. 3). A partir dessa e de outras manifestações, a esquerda Brasileira adotou uma postura diferente e mais revolucionária. Segundo Green.

O Partido dos Trabalhadores (PT), no Brasil, já estava conduzindo batalhas parlamentares para impor sanções legais contra a discriminação com base na orientação sexual e para

estender benefícios de serviços sociais e proteção legal para parcerias domésticas entre pessoas do mesmo sexo (Green, 2003, p. 18).

No entanto, quando os movimentos LGBTs estavam ganhando força em todo o Brasil, com amplas discussões nas esferas de poder do país, tendo suas ideias respeitadas e debatidas, a pandemia do HIV/AIDS surgiu em 1982, matando centenas de milhares de pessoas, principalmente homens *gays*. Devido ao fato de que a maior parte da contaminação ocorreu entre homossexuais, a mídia da época propagou, em grande escala, a narrativa baseada em preconceitos difundidos pela sociedade cis, patriarcal e cristã, em particular pelas igrejas evangélicas neopentecostais, que associaram a epidemia a um castigo enviado por Deus para exterminar os que se relacionavam com pessoas do mesmo sexo, rotulando-os como “pervertidos” e “sodomitas”. Esse estigma contribuiu para o aumento da discriminação e do preconceito contra as pessoas LGBTs, retrocedendo nas discussões que haviam, até então, ganhado visibilidade. Isso fez com que muitos dos discursos de reconhecimento e revolução fossem revistos, especialmente por aqueles que já haviam compreendido o movimento *gay* e a importância dessa luta.

O movimento LGBT voltou a ganhar força a partir de 1984, em diálogo com os estudos de Michel Foucault sobre a sexualidade, que evidenciam como os discursos, saberes médicos e dispositivos institucionais produzem normas, classificações e hierarquias em torno dos corpos e dos prazeres. No contexto da emergência do HIV/AIDS, esses dispositivos tornaram-se particularmente visíveis, uma vez que a sexualidade passou a ser intensamente regulada, vigiada e medicalizada. A crise sanitária, longe de afetar apenas o plano biológico, expôs os modos pelos quais determinados corpos e práticas sexuais foram historicamente estigmatizados, ao mesmo tempo em que impulsionou mobilizações coletivas em defesa de direitos, do acesso à saúde e da afirmação da cidadania da população LGBTQIAPN+.

Além desse ressurgimento nos anos 1980, outro marco significativo para o movimento LGBTQIAPN+ foi o ano de 2018, quando a luta por direitos e reconhecimento ganhou ainda mais visibilidade no cenário político e social Brasileiro. Esse período foi amplamente analisado em estudos sobre a trajetória do movimento *gay* no Brasil, evidenciando tanto avanços conquistados quanto

os desafios impostos pelo crescimento de discursos conservadores e reacionários.

O ano de 2018, data do lançamento da narrativa de vida em questão escrita por Green narrando a vida de Herbert, foi um período de intensas disputas para a comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil. Em um contexto de polarização política e ascensão de discursos conservadores, os direitos dessa população estiveram no centro de debates públicos, com avanços significativos, mas também com ameaças e retrocessos.

Um dos marcos positivos de 2018 foi a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) de permitir que pessoas transgênero alterassem o nome e o gênero em seus documentos sem a necessidade de cirurgia de redesignação sexual ou de ação judicial. Essa decisão representou um avanço na garantia da autodeterminação de identidades trans, fortalecendo os direitos dessa população.

Por outro lado, o avanço de candidaturas conservadoras e a vitória de Jair Bolsonaro na eleição presidencial geraram apreensão na comunidade LGBTQIAPN+. Bolsonaro, ao longo de sua trajetória política, fez diversas declarações consideradas homofóbicas e transfóbicas, o que levantou preocupações sobre possíveis retrocessos em políticas públicas voltadas para essa população. Seu discurso foi acompanhado por um aumento da violência e de mortes violentas de pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil, conforme levantamentos independentes. Segundo o Observatório de Mortes Violentas do Grupo Gay da Bahia (GGB), uma das mais antigas organizações não governamentais dedicadas à causa LGBT+ na América Latina, foram documentadas 291 mortes violentas de pessoas LGBTQIAPN+ em 2024, incluindo homicídios, suicídios e outras causas, número 13,2 % maior que o ano anterior no país e que coloca o Brasil na liderança mundial nesse tipo de violência letal contra a população LGBT+ (GGB, 2025). Essas estatísticas, embora baseadas em levantamento independente por falta de dados oficiais sistemáticos, evidenciam a persistência e a gravidade da violência motivada por LGBTfobia, reforçando a urgência de políticas públicas eficazes de proteção e promoção de direitos para essa população.

Outro aspecto importante foi a resposta da sociedade civil e dos movimentos sociais. O movimento LGBTQIAPN+ intensificou sua organização e

mobilização, especialmente em plataformas digitais, para denunciar casos de violência, discriminação e retrocessos institucionais. As Paradas do Orgulho LGBTQIAPN+, realizadas em diversas cidades do país, também assumiram um tom mais político, com discursos e manifestações contra a intolerância e pela manutenção de direitos conquistados.

No campo jurídico, houve decisões favoráveis à comunidade LGBTQIAPN+, como o reconhecimento do direito de casais homoafetivos acessarem programas de reprodução assistida e a continuidade da criminalização da “cura gay”, impedindo práticas que buscam reverter a orientação sexual de indivíduos LGBTs.

Assim, 2018 pode ser caracterizado como um ano de paradoxos para o movimento LGBT no Brasil. Enquanto avanços legais e institucionais consolidaram direitos importantes, o contexto político e social apresentou ameaças significativas, tornando necessária uma atuação cada vez mais forte e articulada dos movimentos sociais em defesa da comunidade LGBT.

Nos dias atuais, o Brasil vive uma nova onda de conservadorismo e polarização política, que se reflete em uma crescente hostilidade contra movimentos sociais, especialmente aqueles que lutam pelos direitos da comunidade LGBTQIAPN+. O fortalecimento de grupos conservadores e ascensão da extrema-direita tem resultado em discursos que, embora mais sofisticados, ainda utilizam a mesma retórica de moralidade tradicional que buscava eliminar os dissidentes durante a ditadura militar. O resgate da ideia de “família tradicional” e a oposição ferrenha aos direitos LGBTQIAPN+ são constantemente usados por figuras políticas para mobilizar apoio, criando uma narrativa em “defesa da moral e os bons costumes” contra o que consideram ser a “destruição” dos valores Brasileiros.

Além disso, a tentativa de golpe em 2023 e o aumento das ameaças à democracia demonstram o crescente autoritarismo e o retrocesso das liberdades civis no Brasil. A história da ditadura, marcada pela repressão e pela tentativa de silenciamento de qualquer voz dissidente, encontra ressonância nos tempos atuais, em que movimentos de oposição, incluindo aqueles em defesa dos direitos humanos e da diversidade sexual, enfrentam uma nova onda de perseguição e censura, agora impulsionada por um discurso de “defesa da pátria” e “combate à ideologia de gênero”.

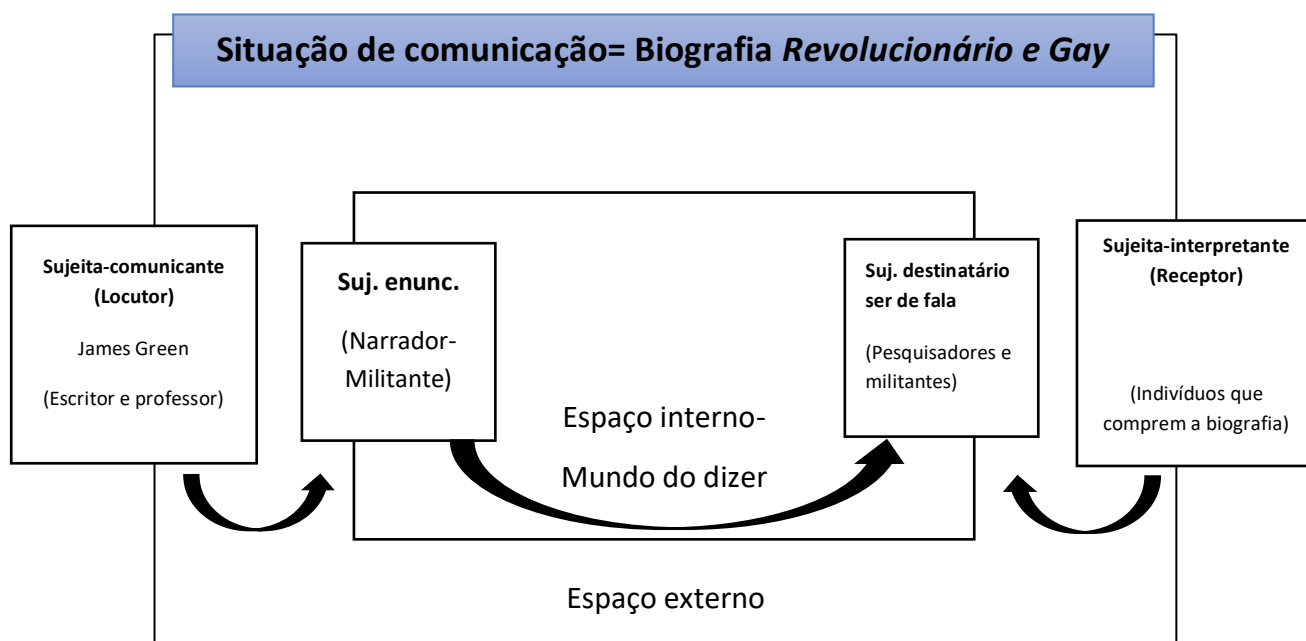
Neste cenário, a luta pelos direitos LGBTQIA+ e a busca pela garantia de liberdade e igualdade para todos se tornam ainda mais urgentes, refletindo uma continuidade das batalhas travadas no passado, nas quais o conservadorismo e o autoritarismo tentaram silenciar e marginalizar aqueles que buscam transformar a sociedade em um lugar mais justo e inclusivo.

4.2 Implicações dos resultados

Como já foi dito anteriormente, à luz da tipologia proposta por Ida Lúcia Machado (2020), a análise das narrativas de vida mobilizadas neste trabalho parte da compreensão de que o sujeito narrador não é homogêneo, mas se constitui a partir de diferentes posições discursivas. A distinção entre a testemunha, o intelectual, o político e o sujeito irônico permitem reconhecer como, em uma mesma narrativa, essas vozes podem se articular ou se sobrepor, produzindo efeitos de sentido específicos e orientando a leitura do percurso biográfico analisado.

Para melhor compreensão, vamos agora para o quadro dos sujeitos do discurso aplicado à narrativa *Revolucionário e Gay*.

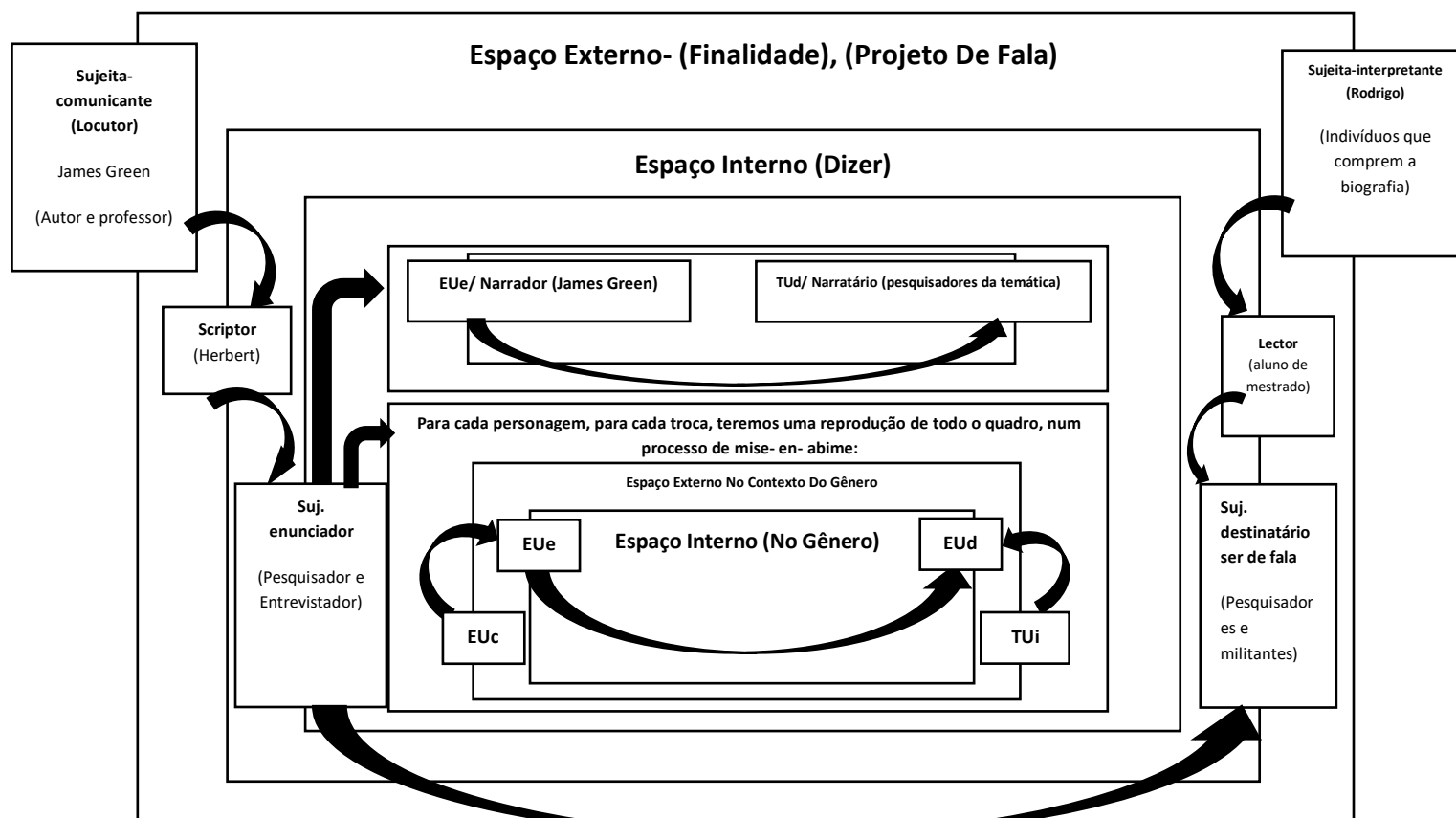
QUADRO 4 – QUADRO DE SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO POR PATRICK CHARAUDEAU (1983a, 2019b) APLICADO À NARRATIVA DE VIDA REVOLUCIONÁRIO E GAY (2018)



Fonte: Autoria própria

O quadro situacional dessa obra é totalmente distinto da narrativa de vida escrita por Herbert Daniel. Neste caso, o **(EUc)**, sujeito comunicante e ser social, é o professor estadunidense James Green. O **(EUE)**, ou enunciador, é a imagem do estudioso e militante que o autor busca transmitir ao **(TUI)**, o sujeito interpretante, que é o leitor real da obra, neste caso, eu e outros leitores. Já o **(TUD)**, ou destinatário, é o público presumido por Green como consumidor de sua narrativa de vida. No entanto podemos ainda melhorar essa compreensão sobre o quadro situacional, de uma forma tropicalizada, usando o quadro de contrato de comunicação proposto por Ida Lucia Machado e Emília Mendes (2020) que para além dos sujeitos que já são apresentados no Quadro 4, são apresentados outros sujeitos internos do mundo do dizer que se apresentam e nos ajuda a compreender melhor todas essas polifonias existentes nos discursos da obra de James Green.

QUADRO 5 – QUADRO DE SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO POR MACHADO E MENDES (2013) APLICADO A NARRATIVA DE VIDA REVOLUCIONÁRIO E GAY (2018)



Fonte: Autoria própria

O quadro situacional acima permite desenvolver análises e compreensões que não seriam plenamente perceptíveis a partir do Quadro 4 isoladamente. Ao situar o *scriptor* (Herbert Daniel) no contrato de comunicação presente na obra de Green, torna-se possível reconhecer a voz de Herbert, mesmo em uma biografia elaborada pelas mãos de Green. Nessa perspectiva, a biografia pode ser compreendida como uma narrativa de vida, nos termos propostos por Ida Lúcia Machado, uma vez que se configura como um espaço discursivo em que um sujeito é construído e interpretado a partir de marcas enunciativas, escolhas narrativas e efeitos de sentido produzidos na articulação entre o dizer do outro e o dizer sobre o outro. Nesse contexto, reiteradamente, são mobilizados trechos de livros como *Passagem para o Próximo Sonho* (Daniel, 1982), citado inúmeras vezes como fonte, bem como frases, entrevistas e outros registros produzidos pelo próprio Daniel, os quais constituem a base do trabalho acadêmico de Green.

Tais procedimentos reforçam o caráter da narrativa de vida, na medida em que a voz do biografado emerge mediada pelo olhar do biógrafo, produzindo uma cena enunciativa na qual diferentes sujeitos linguageiros se entrecruzam. Assim, sob a perspectiva do contrato tropicalizado, conforme proposto por Machado e Mendes, evidencia-se a multiplicidade de vozes que permeiam a narrativa, conferindo-lhe uma dimensão polifônica.

Por exemplo, quando Green entrevista D. Geny, mãe de Daniel, emerge uma nova voz, distinta daquelas previamente situadas. A cada entrevista, conversa ou testemunho, desdobra-se um novo quadro que integra o panorama mais amplo da obra. Entretanto, para os propósitos desta pesquisa, optou-se por delimitar a análise à voz de Herbert, sujeito central deste estudo, uma vez que a extensão da análise a cada nova testemunha comprometeria a coerência e a clareza do espaço expositivo.

Cumprе salientar, ainda, que o EUe/narrador sofre modificações significativas a cada novo contrato de comunicação estabelecido. Em determinados momentos, Green deixa de desempenhar apenas o papel de pesquisador para assumir a função de entrevistador, conforme exemplificado no Quadro 4, em outras ocasiões, posiciona-se como amigo, entre outras possíveis funções, evidenciando a pluralidade de papéis que estruturam a construção narrativa e reforçando a complexidade relacional que sustenta a narrativa.

A seguir, passamos à análise dos sujeitos narrativos presentes na narrativa de vida de Herbert Daniel escrita por Green. Para facilitar a compreensão das interpretações, selecionamos três trechos para cada categoria de narrador mencionada por Ida Lucia Machado (2020). Iniciaremos com a análise do sujeito narrador como testemunha de um fato e, posteriormente, abordaremos as demais categorias conforme a classificação apresentada.

[1] Comecei bem 1969', escreveu Herbert mais tarde. 'Fazendo minha primeira ação armada, com entusiasmo e um pouco de ignorância. Dessa vez a gente se alegrava. Estamos começando a fazer 'alguma coisa.' A organização, uma entre tantas, partira para a luta armada' (Green, 2018, p. 96.).

[2] Três dias depois, a unidade decidiu tentar a sorte novamente. Dessa vez, escolheram o Banco do Comércio e Indústria de Minas Gerais, localizado na capital (Green, 2018, p. 89).

[3] Fiquei muito excitado e na expectativa, era a primeira vez que via um casal assim, aceitos pelos amigos todos (Green, 2018, p. 104).

No excerto de número [1], observa-se o verbo “comecei” de forma bastante enfática, evidenciando a data em que Herbert deu início à sua participação na luta armada. Tal escolha lexical, sob a perspectiva do *scriptor*, evidencia a posição ativa de Herbert na produção da narrativa feita por Green, na medida em que ele próprio se constitui como sujeito interno do mundo do dizer que narra e testemunha os eventos que marcaram sua trajetória. Em outros trechos da narrativa de vida, Daniel (*scriptor*) confessa não saber manusear armas de fogo, uma vez que, até aquele momento, sua atuação se restringia à dimensão intelectual do movimento.

Por essa razão, o episódio narrado recebe destaque significativo, trata-se de um assalto a banco destinado a arrecadar fundos para a organização e viabilizar ações clandestinas. No mesmo excerto [1], a palavra “entusiasmo” evidencia o prazer e a motivação de Daniel ao participar da ação, ressaltando que se tratava de uma experiência inédita em sua vida. A frase final do trecho, “Estamos começando a fazer alguma coisa”, reflete o sentimento de que, finalmente, a organização avançava concretamente na luta armada.

Sob a óptica do *scriptor*, Herbert não apenas relata os acontecimentos, mas também os organiza e interpreta, construindo uma voz narrativa que articula experiência vivida, memória e sentido político. Ao participar da ação, Herbert se constitui também como narrador-testemunha, demonstrando como a experiência individual se integra à narrativa biográfica maior, evidenciando a pluralidade de vozes e a complexidade da construção histórica, conforme discutido por Machado e Mendes (2020).

O excerto de número [2] também trata de uma desapropriação de bancos, no entanto, dessa vez, Daniel não participou diretamente. A obra relata que ele ajudou a planejar e organizar todo o projeto, que naquele momento era extremamente arriscado, pois os policiais já estavam atentos a esses assaltos. Herbert não participou de maneira ativa, mas ficou de prontidão no carro enquanto os outros guerrilheiros, que de fato realizaram o assalto, atuavam. Ele testemunhou todo o acontecimento e, ao final, deu fuga aos seus amigos. Podemos observar, mesmo diante da diferença entre o trecho [1], em que ele

participou ativamente, e o [2], em que sua participação foi passiva, que Herbert foi a pessoa que narrou ambos os acontecimentos, testemunhando e guardando na memória esses fatos históricos.

À luz da Análise do Discurso Semiolinguística, esse fragmento evidencia uma cena enunciativa de relato histórico, na qual o narrador reconstrói os acontecimentos a partir de um contrato comunicativo específico, o de um enunciador que detém o saber histórico e busca dar legitimidade ao passado por meio da linguagem. A escolha lexical e estrutural do narrador “a unidade decidiu tentar a sorte novamente” revela um equilíbrio entre o discurso factual e o subjetivo, indicando que o relato não é apenas um registro de ações, mas também uma forma de representação simbólica de um período marcado por tensões políticas e riscos pessoais.

Nesse contexto, constrói-se o *ethos* discursivo⁵ de Herbert Daniel como sujeito híbrido, ele é simultaneamente ator e observador, alguém que, mesmo ausente da ação direta, permanece implicado e responsável pelos desdobramentos. A ausência de participação física não significa distanciamento ideológico, ao contrário, reforça a imagem de um militante estratégico, lúcido e solidário. Essa representação desloca a figura do “herói armado” para a de um sujeito da resistência que age pela inteligência e pelo testemunho, compondo uma identidade discursiva pautada na responsabilidade ética e na memória coletiva.

A expressão “tentar a sorte novamente” é particularmente significativa, mais do que descrever uma ação, ela introduz uma modalização avaliativa que sugere incerteza, risco e vulnerabilidade. O narrador, ao empregar essa formulação, humaniza os agentes da luta, revelando que suas ações estavam atravessadas por contingências e emoções, e não apenas por cálculos ideológicos. Sob o ponto de vista semiolinguístico, essa escolha lexical marca um posicionamento discursivo, projetando uma imagem do grupo como sujeito histórico em busca de transformação, mas também exposto ao erro e ao acaso.

⁵ Ethos discursivo refere-se à imagem de si construída no e pelo discurso, não sendo uma propriedade do sujeito empírico, mas um efeito de sentido produzido na enunciação. Como afirma Maingueneau, “o *ethos* não é uma qualidade do sujeito empírico, mas uma imagem de si construída no discurso, que se impõe ao coenunciador por meio de marcas enunciativas” (Maingueneau, 2008, p. 64).

Além disso, a narrativa constrói um jogo de vozes no qual Green atua como mediador simbólico entre o discurso histórico e o discurso memorialístico. Ele não fala como Herbert, mas a partir de Herbert, reinscrevendo sua voz em uma nova cena enunciativa. Assim, o autor transforma o testemunho individual em memória coletiva, reinscrevendo o militante na história pública da resistência Brasileira. Essa dupla enunciação, entre o narrador que relata e o sujeito que viveu, produz um efeito de verossimilhança e de legitimação, reforçando o valor discursivo do testemunho como forma de resistência.

Em síntese, o trecho revela que, mesmo na aparente passividade, Herbert Daniel se constrói discursivamente como sujeito de ação e de memória. A narrativa, ao mesmo tempo em que o distancia fisicamente da operação, o reafirma simbolicamente como parte ativa do processo histórico. Sob a semiolinguística, o episódio não se limita a um relato factual, mas se apresenta como um espaço de produção de sentido, no qual o discurso reorganiza a memória, atualiza os imaginários da resistência e constrói, pela linguagem, o *ethos* de um sujeito que, entre o silêncio e a ação, continua a significar a luta.

O excerto de número [3] descreve uma parte mais íntima e afastada das lutas armadas de Herbert. O trecho inicia com “fiquei muito excitado” — ele usa a palavra “excitado” porque, até então, nunca havia visto um casal homossexual assumido publicamente para a sociedade e amigos. Devemos lembrar que ele vivia durante o período do golpe militar, quando ser *gay* era inaceitável e considerado uma doença, principalmente na guerrilha. Assim, quando é levado para passar um tempo na casa desse casal homoafetivo, Herbert sente não uma excitação sexual, mas uma euforia diante da liberdade com que o casal vivia e do respeito que conseguiram conquistar de todos ao seu redor, mesmo em uma época tão tenebrosa. Podemos tomar a liberdade de imaginar que, a partir daquele momento, embora Herbert não fosse assumido devido à vida clandestina que levava, ele se sentiu representado, confortado e viu uma luz no fim do túnel, uma luz de aceitação, respeito e igualdade. Naquele instante, Herbert foi o narrador testemunha de um grande fato que ele jamais imaginaria vivenciar tão cedo.

A emoção expressa em “excitado” não é apenas corporal, mas também é política, é a excitação de quem vislumbra um horizonte possível de existência. O sujeito enunciator, ao testemunhar o amor vivido abertamente por outros,

experimenta uma forma de reconhecimento que desestabiliza as normas de silenciamento impostas pela ditadura e pela heteronormatividade. Nesse sentido, o trecho constrói um discurso de transgressão, no qual o olhar de Herbert se torna o espaço em que o invisível ganha visibilidade. A “excitação” que ele sente é, portanto, a do despertar, um movimento de quem, ainda na clandestinidade, começa a enunciar o próprio direito de ser.

O excerto põe em cena dois mundos, o político e o íntimo, que se entrecruzam na formação identitária de Herbert Daniel. Como guerrilheiro, ele pertence ao universo da luta e da resistência, como sujeito homoafetivo, é atravessado pela repressão e pelo desejo de aceitação. Ao narrar essa cena, ele produz um discurso que tensiona esses dois espaços, configurando uma estratégia de legitimação do dizer, falar de si é, aqui, um gesto de resistência simbólica.

A forma como os eventos são narrados na obra pode ser analisada à luz das reflexões de Charaudeau sobre o modo de organização do discurso. Conforme o autor.

[...] O termo descritivo é utilizado aqui para definir um procedimento discursivo (que chamamos de modo de organização do discurso), e o termo descrição para definir um texto (ou um fragmento de texto) que se apresenta explicitamente como tal (Charaudeau, 2019, p.111).

Observa-se que a narrativa de Herbert segue esse princípio ao adotar um termo descritivo como recurso estruturante da experiência vivida, conferindo-lhe uma dimensão eminentemente testemunhal. Nesse sentido, compreende-se o termo descritivo não apenas como uma escolha estilística, mas como um procedimento discursivo, tal como definido por Charaudeau (2019), capaz de organizar o relato e lhe conferir densidade interpretativa. A organização do discurso, nessa perspectiva, reforça a centralidade da memória e da experiência pessoal na construção narrativa, permitindo ao leitor compreender os acontecimentos não apenas como ocorrências isoladas, mas como elementos integrados a um processo mais amplo de transformação social e subjetiva.

Após essa breve análise dos sujeitos testemunhas de um fato, passaremos a observar um pouco sobre o intelectual e criador de ideias de Daniel, conforme relatado por James em sua narrativa de vida.

[4] Após devorar o Manifesto Comunista, passou a considerar-se marxista e desejou colocar em prática suas teorias recém descobertas (Green, 2018, p. 53).

[5] Quero discutir o grande absurdo que é as pessoas não permitirem que homossexuais, por exemplo, possam ser candidatos. Como se a opção sexual pudesse qualificar ou desqualificar alguém. Enquanto isso, as pessoas que escondem sua sexualidade podem se candidatar a qualquer coisa (Green, 2018, p. 323).

[6] Daniel procurava desconstruir a ideia da morte inevitável, ao mesmo tempo que rejeitava as imagens negativas identificadas como a expressão aidético. Além disso, argumentava que a discriminação contra pessoas com HIV/aids era mais moral do que a própria doença. O preconceito e a marginalização condenavam, como Daniel chamou, à morte civil, à perda dos direitos de existir, de ser e de estar vivo (Green, 2018, p. 311).

No excerto [4], deparamo-nos com o verbo “devorar”, e isso não é por acaso, pois Daniel era um ávido leitor de livros, jornais e outros gêneros literários, dos quais extraiu eventos que se tornaram relevantes para ele. Após essa absorção, ele disseminava essas ideias, como exemplificado no caso em questão. Quando leu o Manifesto Comunista e passou a se considerar marxista, a narrativa de vida relata que ele iniciou rodas de conversa e até organizou palestras, pois desejava transmitir o conhecimento adquirido. Herbert não queria que esse saber permanecesse apenas consigo. Daniel queria “colocar em prática suas teorias recém-descobertas”, como conclui o primeiro trecho.

Ao considerar as palavras utilizadas por Herbert Daniel em suas discussões e palestras, é possível aplicar as reflexões de Austin acerca do caráter performativo da linguagem. Para o autor, “um enunciado não é apenas uma descrição do mundo, mas é um ato que pode trazer algo ao mundo” (Austin, 1962, p. 5). Tal conceito se adequa de maneira pertinente à análise da forma como a voz de Daniel, sujeito *scriptor*, é mobilizada na obra de Green, identificado como EUc (sujeito comunicante). Nesse processo, Green não apenas narra, mas também faz ecoar as ideias de Daniel por meio da narrativa de vida. Ao discursar sobre o Manifesto Comunista, por exemplo, Daniel não se limitava a transmitir conceitos, suas palavras operavam como prática transformadora, instaurando novas realidades de compreensão e ação. Ele não apenas relatava ou repetia algo já existente, engajava-se, por meio da linguagem, em um ato político e social de transformação. É justamente em

excertos como esse que se evidencia a dimensão polifônica da narrativa de vida escrita por Green, na qual não se percebe apenas a narração de um sujeito, mas a confluência de vozes que dialogizam⁶ em uma única narrativa.

No excerto [5], Daniel já começa com uma indagação em tom protestante, questionando por que é vedada aos *gays* a possibilidade de se candidatar. Nesse período, Herbert já havia retornado de seu exílio e encontrado um Brasil em processo de redemocratização. Assim, ele assume o papel de intelectual e criador de ideias, demonstrando que a sexualidade de uma pessoa não define quem ela é, nem determina suas atribuições como ser humano. O fato de ser homossexual não qualifica nem desqualifica ninguém, pois todos possuem a mesma capacidade. Daniel ainda menciona que há *gays* na política, embora não assumidos, ao afirmar, “Enquanto isso, as pessoas que escondem sua sexualidade podem se candidatar a qualquer coisa.” Ao fazer essa afirmação, ele sugere que existem pessoas não assumidas ocupando cargos e que esconder a própria sexualidade confere uma vantagem sobre aqueles que a assumem. Herbert pode afirmar isso com propriedade, pois, apesar de nunca ter sido desrespeitado enquanto vivia de maneira clandestina, ele sabia que o fato de não ser assumido naquela época fazia diferença.

A afirmação de Austin, de que “As palavras não são meras representações de uma realidade existente, mas um meio para criar uma realidade” (1962, p. 15), também pode ser aplicada aqui, pois Daniel, ao questionar a exclusão de *gays* da política, não está apenas relatando uma situação de fato. Ele está, através de suas palavras, criando um novo espaço de possibilidades para a visibilidade e aceitação de pessoas LGBTs no cenário político. Sua fala propõe não apenas uma reflexão, mas uma reconfiguração das estruturas sociais que marginalizam aqueles que, como ele, não podem ou não querem esconder sua sexualidade. Portanto, Daniel não apenas descreve a realidade, mas, através de suas palavras, participa ativamente da construção de uma nova realidade política e social.

⁶ O termo dialogizar remete à Mikhail Bakhtin (2008), que compreende o discurso como essencialmente dialógico. Nesse sentido, dialogizar significa a capacidade de um enunciado estabelecer relação viva com outros discursos, produzindo sentidos a partir do confronto, da complementaridade ou da tensão entre vozes.

Quando a pandemia de HIV/AIDS surgiu, e a falta de conhecimento, juntamente com a ignorância, levava as pessoas a cometer preconceitos e estigmatizar a população LGBT, Daniel foi pioneiro na defesa não só dos *gays* infectados, mas de todas as pessoas que precisavam de apoio. O excerto [6] começa com a palavra “desconstruir”, pois foi exatamente esse o trabalho que Herbert teve que realizar para desmistificar o pensamento retrógrado das pessoas, que, até os dias atuais não compreendem e muito menos respeitam a comunidade LGBT no Brasil. Ele menciona ainda no excerto [6] que o preconceito não era direcionado à doença, mas à classe social mais afetada por ela, e que, diante disso, conservadores e defensores da família tradicional Brasileira utilizaram essa situação como ferramenta de repressão e disseminação de ódio. Além disso, Daniel fala sobre “a morte civil”, deixando claro que a sociedade preconceituosa da época matava os indivíduos contaminados, marginalizando-os e os matando antes mesmo da morte biológica propriamente dita. Esse trecho evidencia a grande luta, que não foi contra o vírus do HIV/AIDS, mas contra o vírus do ódio, do preconceito e da desinformação.

Seguindo nossas discussões, desta vez, iremos observar o narrador político, que pode se confundir um pouco com o intelectual e criador de ideias, principalmente ao falarmos de Herbert. Contudo, faremos um recorte mais específico e analisaremos.

[7] Em janeiro de 1986, o Partido Verde (PV) foi fundado oficialmente no teatro Clara Nunes, na capital fluminense. Um painel de intelectuais proeminentes e figuras públicas apresentou as justificativas para a criação do novo partido. Entre eles estão presentes Fernando Gabeira, Carlos Minc, Alfredo Sirkis e Herbert Daniel (Green, 2018, p. 289).

[8] O que é pessoal, é político: não fui eu que juntou as duas coisas. Foi a vida. Não há política onde não esteja presente a sexualidade e não há relação sexual onde não existam opções políticas. Um grave engano é separar questões políticas gerais e problemas de ordem íntima (Green, 2018, p. 257).

[9] Não era possível dizer que Daniel estava radiante. Parece que a urna era a nova arma para mudar o Brasil (Green, 2018, p. 264).

O excerto [7] apresenta um trecho relevante sobre a fundação do Partido Verde (PV) em 1986, destacando a presença de diversos intelectuais, entre eles

Herbert, que, assim como outros, já não concordava com determinadas posturas do Partido dos Trabalhadores (PT), especialmente no que se refere às pautas ambientais. Essa insatisfação interna resultou na criação do PV, configurando uma cisão motivada por divergências ideológicas. O texto constrói uma relação de oposição entre os dois partidos, evidenciando um processo de ruptura progressiva. A menção a Herbert personaliza essa dissidência, conferindo-lhe um papel ativo na fundação do novo partido. Além disso, a ênfase na questão ambiental sugere que essa foi a principal razão para a separação, embora possam existir outros fatores subjacentes.

Uma reflexão pertinente é levantada no excerto [8], quando Daniel afirma, “o que é pessoal é político”. Essa frase aborda exatamente o ponto que mencionei no início das reflexões sobre a confusão entre o narrador político e o criador de ideias e intelectual. Como bem diz Daniel, nossas ideias e ideologias são, por sua natureza, políticas, e todos nós somos, em última instância, seres políticos. No mesmo texto, Herbert reforça, “Um grave engano é separar questões políticas gerais e problemas de ordem íntima.” Ao fazer essa afirmação, ele se posiciona contra a postura defendida por muitos governantes da época, que acreditavam que os direitos dos LGBTs não deveriam ser reconhecidos, pois, segundo eles, essa população não constituía nem mesmo uma minoria significativa, sendo considerada uma perversão. Contudo, Herbert argumenta que não devemos separar o sexual do político, o íntimo do político, nem nossas ideologias do político, pois todas essas dimensões estão interligadas e lutam por igualdade, respeito e pelo maior ato democrático.

A relevância dessa união entre o pessoal e o político ganha outra perspectiva quando observamos a reflexão de Deleuze e Guattari sobre a “literatura menor”. Eles afirmam que.

A literatura menor é completamente diferente: seu espaço exíguo faz que cada caso individual seja imediatamente ligado à política. O caso individual torna-se, então, tanto mais necessário, indispensável, aumentando ao microscópio, quanto toda uma outra história se agite nela (Deleuze e Guattari, 2014, p.36).

Nesse contexto, o que os autores chamam de “literatura menor” se torna uma metáfora poderosa para entender como as experiências individuais dos

marginalizados, como os LGBTs, são, na realidade, representações de uma luta política mais ampla. Ao focar no íntimo, nas narrativas pessoais, essas histórias ganham um caráter político, conectando-se diretamente às questões sociais e às lutas por direitos humanos. Assim, o “microscópio” de Deleuze e Guattari é a necessidade de enxergar essas narrativas individuais como partes integrantes de uma luta política pela igualdade e pelo reconhecimento. A literatura, e por extensão a experiência pessoal, revela a complexidade dessas questões de forma mais palpável e urgente, intensificando a conexão entre o pessoal e o político.

Concluindo este segmento sobre o sujeito narrador político, no excerto [9], Daniel deixa claro quando afirma, “a urna era a nova arma para mudar o Brasil.” E, de fato, era isso que se buscava, após o período de ditadura e com o início da redemocratização do Brasil, não era mais por meio das armas de fogo que a luta deveria se travar, mas sim, conquistando o apoio popular, convocando os Brasileiros a irem às urnas e votar pela liberdade, pela democracia e pelos direitos humanos, como seres políticos que são. A mudança viria por meio da ferramenta mais justa e eficaz até os dias atuais: a urna!

Por fim, ao concluir a análise do sujeito político proposto por Ida Lúcia (2020), é relevante refletirmos sobre outro sujeito narrativo, o irônico, presente nos trechos a seguir.

[10] Meus problemas pequenos burgueses me preocupam, como tantos empecilhos que eu tivesse para poder me tornar um bom revolucionário (Green, 2018, p. 65-66).

[11] Acho que os Brasileiros em geral não aceitaram muito bem o fato de eu ter assumido com toda tranquilidade o meu homossexualismo (Green, 2018, p. 215).

[12] Não estou voltando. Vou. Quem sabe poderemos encontrar nosso Brasil em uma curva do próximo sonho? (Green, 2018, p. 257).

Quando Daniel inicia a fala no excerto [10] “Meus problemas pequenos burgueses me preocupam”, ele utiliza a ironia para indicar que deve tomar cuidado por ser homossexual, uma identidade que, naquele período, era considerado um pequeno desvio dentro da lógica burguesa, como se alguém acordasse com a intenção de ser *gay*, ou fosse premiado na Telessena com um

“cupom gay”. Esse comportamento poderia prejudicar seu trabalho na militância e na clandestinidade, uma vez que, como já foi destacado anteriormente, nem mesmo a esquerda aceitava a prática homossexual. Por isso, em outros momentos da obra, Herbert deixa claro seu afastamento em relação ao prazer, pois, para ele, a luta pela liberdade e igualdade deveria ser a principal prioridade.

O uso da ironia, conforme Machado (2022), revela-nos que ela “está muitas vezes ligada ao humor ou, pelo menos, a um gesto transgressivo da pesada seriedade na sua tendência para reduzir a uma única possibilidade aquilo que se pode dizer (e pensar) de muitas maneiras” Grácio (*apud* Machado, 2022, p. 57). Essa característica aplica-se de forma precisa ao excerto destacado, evidenciando como a ironia de Daniel não apenas questiona a rigidez das normas burguesas, mas também revela um posicionamento crítico diante de visões únicas e reducionistas sobre sua identidade sexual. Em vez de conformar-se ao discurso da “normalidade”, ele subverte as expectativas, utilizando o humor como instrumento para desafiar a ideia de que sua orientação sexual constitui um “problema” a ser contido ou suprimido.

No excerto [11], ele segue sendo sarcástico ao utilizar o termo “homossexualismo”, referindo-se à crença de que as pessoas não gostaram da revelação sobre sua orientação sexual. Ao adotar esse termo, ele é irônico, pois recorre à linguagem dos opressores, que, ao empregar o sufixo “ismo”, caracteriza a comunidade LGBT como uma categoria de pessoas “doentes”. Historicamente, durante o período da ditadura militar no Brasil, o uso de “homossexualismo” estava presente em contextos médicos, jurídicos e sociais, sempre com conotação patologizante, reforçando preconceitos e justificando exclusões e repressões (Foucault, 1978). Nesse contexto, é importante destacar que, no cotidiano social da época, pessoas que não pertenciam à comunidade gay frequentemente recorriam a diferentes denominações pejorativas para se referir aos homens homossexuais, utilizando termos depreciativos que buscavam marcar a diferença e reforçar processos de estigmatização e marginalização. Enquanto essas expressões circulavam amplamente no discurso popular, o termo “homossexualismo” era mobilizado sobretudo em discursos especializados, principalmente no campo médico, que tratavam a homossexualidade como desvio ou patologia, sustentando uma visão científica que legitimava práticas de exclusão e controle social (Halperin, 1995). Fica

evidente que ele diz isso com grande naturalidade, pois já não se importa mais com os julgamentos alheios.

A ironia aqui também reflete a transgressão de uma linguagem reducionista e estigmatizante, ressignificando o termo e tornando-o, em suas palavras, parte de seu discurso de resistência. Ao utilizar uma palavra carregada de estigma de maneira irônica, Daniel não apenas subverte a narrativa dominante, mas também denuncia a historicidade da opressão, transformando o próprio léxico de controle em instrumento de afirmação de sua identidade. Como apontam Butler (2003) e Charaudeau (2006), a linguagem não é neutra, ela atua como dispositivo de poder e de normatização social, sendo também campo de resistência quando ressignificada pelos sujeitos subjugados.

Daniel expressa sua tristeza no excerto [12], ao usar o verbo “vou”, pois, apesar que o Brasil vivia um período mais favorável e estar se encaminhando para a redemocratização, ele ainda tinha dificuldades em acreditar que o país voltaria a ser verdadeiramente livre. Por isso, ironiza ao afirmar, no final, “encontrar nosso Brasil em uma curva do próximo sonho”. Ele estava cético quanto ao restabelecimento da democracia e temia que aquele momento fosse permanecer apenas em seus sonhos. Herbert expressa isso em um momento de grande dor e angústia, pois, há tempos, tentava retornar ao Brasil e, inúmeras vezes, teve seus direitos negados, sendo considerado de alta perniciiosidade. No entanto, ele retornou e, com toda a sua força e coragem, ajudou a reerguer o país.

Essa reflexão sobre o uso da ironia revela que Daniel, mesmo ciente da seriedade da situação política e social, recorreu ao humor e à transgressão como forma de subverter as normas estabelecidas, ao mesmo tempo em que mantém uma crítica à realidade Brasileira, que, apesar da promessa de mudança, ainda traz consigo as cicatrizes da repressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa entre a narrativa de vida escrita por Herbert Daniel e a narrativa de vida de Herbert Daniel escrita por James Green oferece uma visão complementar da vida e do ativismo político desse importante militante LGBTQIAPN+ Brasileiro. Essas duas narrativas, distintas em suas abordagens, são fundamentais para compreender a trajetória de luta e resistência de Herbert Daniel, situando-o tanto no plano pessoal quanto no contexto histórico e social em que atuou.

A narrativa de vida escrita por Herbert Daniel constitui uma fonte primária essencial, permitindo acesso íntimo às suas experiências, reflexões e seus dilemas. A perspectiva subjetiva oferecida por Daniel revela as motivações que o guiaram em sua militância, embora carregue as limitações da memória seletiva, exigindo uma análise cuidadosa.

Dessa maneira, a narrativa de vida de Daniel não se apresenta como uma documentação precisa de acontecimentos históricos ou sociais, mas como uma construção subjetiva, que reflete tanto a experiência pessoal de Herbert quanto as tensões sociais e políticas do Brasil na época. Ela nos convida a refletir sobre as complexidades da memória e da identidade, questionando as formas de representação do passado e a maneira como a história de um indivíduo pode ser contada, revisitada e reinterpretada ao longo do tempo.

Por outro lado, a narrativa de vida escrita por James Green se destaca pela abordagem acadêmica e pela pesquisa detalhada, oferecendo um panorama mais amplo da vida de Daniel, do cenário político e social da ditadura militar, da luta pela redemocratização e do desenvolvimento do movimento LGBTQIAPN+ no Brasil. Green complementa a narrativa ao situar a vida de Daniel dentro das forças políticas e sociais que moldaram sua trajetória.

A complementaridade dessas fontes proporciona uma visão multifacetada do papel de Herbert Daniel como militante e defensor dos direitos humanos, refletindo tanto os desafios pessoais quanto as circunstâncias históricas que enfrentou. Assim, a análise transcende a narrativa de vida individual e se torna uma reflexão sobre a luta coletiva por uma sociedade mais justa e igualitária.

Dessa forma, o objetivo de compreender como a narrativa de Herbert Daniel se articula com a narrativa proposta por James Green para construir uma

visão multifacetada de sua militância foi plenamente atingido. O estudo teve como objetivo comparar os sujeitos da linguagem nas obras de Daniel e Green, buscando identificar semelhanças e diferenças entre as duas abordagens, a partir de distintas perspectivas e relatos de vida. Além disso, propôs-se a realizar uma análise abrangente da atuação militante de Daniel durante a ditadura militar, contextualizando suas experiências no cenário político e social da época. Por fim, o trabalho avaliou como a subjetividade presente na narrativa de Daniel se contrapõe à objetividade da abordagem acadêmica de Green, evidenciando as potencialidades e limitações de ambas as perspectivas.

A pesquisa ilumina ainda o impacto de Herbert Daniel no movimento LGBTQIAPN+ e na defesa dos direitos das pessoas vivendo com HIV/AIDS, destacando sua relevância histórica e social. Ao investigar sua trajetória, o estudo propõe uma reflexão crítica sobre a representação dos sujeitos narrativos em narrativas de vida evidenciando a complexidade das histórias individuais e suas múltiplas dimensões.

A metodologia adotada reconhece que cada relato carrega significados que vão além do registro de eventos, permitindo compreender a interação entre o papel de Daniel como militante, sua identidade pessoal e o contexto histórico-social que moldou suas ações. A análise também observa como Green constrói sujeitos narrativos, contribuindo para a percepção contemporânea de militantes históricos e suas lutas. Esse aspecto se torna ainda mais relevante quando traçamos um paralelo com a atual ascensão da extrema direita e do conservadorismo no Brasil, em que discursos de ódio e marginalização de grupos historicamente oprimidos continuam a ganhar força. Assim, a relevância das narrativas de militantes como Daniel se amplia, pois elas fornecem uma base para a resistência e o fortalecimento da luta por igualdade e justiça social, em um momento em que as liberdades e os direitos conquistados estão sendo constantemente desafiados.

O estudo reflete sobre o poder das narrativas de vida na construção da história e da identidade social, mostrando como histórias frequentemente marginalizadas podem ser ressignificadas por novas gerações de ativistas e estudiosos. Resgatar essas histórias reforça a importância da memória e da educação como instrumentos de transformação social, convidando à reflexão sobre o Brasil presente à luz das lições do passado.

Diante de tudo que foi apresentado e discutido, é possível concluir que a narrativa de vida de Herbert Daniel, retratada em sua obra intitulada um “romance autoficcional”, expõe de maneira clara e íntima a trajetória dessa figura tão importante para a história da redemocratização do Brasil, bem como para a luta pelos direitos da comunidade LGBTQIAPN+. A pesquisa, ao apresentar os diferentes sujeitos narrativos, oferece uma visão mais aprofundada da experiência de Herbert, cujos pensamentos e vivências podem servir de inspiração para as lutas atuais. Isso é particularmente relevante, considerando que, embora os anos tenham se passado, muitas das questões enfrentadas continuam a persistir.

A história se mostra cíclica, e muitas das experiências que Herbert viveu durante o período sombrio da ditadura militar, como a repressão e a marginalização, estão de volta ao cenário político e social. O conservadorismo, que já havia sido superado, começa a ganhar força novamente, e vários dos direitos conquistados com tantas lutas, especialmente pelos grupos mais marginalizados, como as mulheres trans, estão sendo revogados. Esse retrocesso nos coloca mais uma vez à margem da sociedade. Esse filme, que já vimos antes, não pode ser repetido, e é fundamental lembrar todo o processo de luta, conquista e redemocratização do Brasil, incluindo as vitórias do movimento LGBTQIAPN+ e os direitos das pessoas com HIV/AIDS, pelos quais Herbert Daniel lutou até o fim de sua vida.

A narrativa de vida de Herbert Daniel pode ser compreendida à luz do conceito de Ida Lucia Machado, que categoriza sujeitos narrativos em quatro tipos; Herbert se encaixa em todos, sendo tanto criador de ideias quanto defensor de mudanças sociais. Sua narrativa de vida também se alinha à definição de “literatura menor” de Deleuze e Guattari (2014), utilizando uma língua maior para problematizar, politizar e gerar transformações sociais. A presença constante do sujeito político e intelectual reforça essa característica, permitindo o diálogo com a sociedade e novas formas de compreensão e ação.

Além disso, a narrativa de vida é a narrativa de um sujeito testemunha, que relata desde a infância, seus primeiros amores, fugas sexuais e o preconceito enfrentado, incluindo episódios marcantes como o assédio e o isolamento social. O sujeito irônico, por vezes necessário à sobrevivência em contextos de repressão, também se faz presente.

Portanto, a narrativa de vida de Herbert Daniel é mais que um relato pessoal, é um testemunho da luta política, social e intelectual, relevante para as gerações atuais. Ela nos convida a refletir sobre conquistas, desafios persistentes e a importância de manter viva a memória de um processo de luta que não deve ser esquecido.

A memória de Herbert Daniel, cuidadosamente resgatada e analisada na narrativa de vida crítica de James Green, reafirma a urgência e a importância de estudos que articulem narrativa, política e subjetividade, evidenciando como a vida e a militância de sujeitos históricos LGBTQIAPN+ podem iluminar as múltiplas dimensões das lutas sociais, políticas e culturais. Ao compreender suas experiências pessoais, seus dilemas e suas escolhas, seu engajamento político e o contexto histórico de repressão e resistência em que atuou, esta pesquisa não apenas preserva a trajetória de um militante singular, mas também demonstra como narrativas de vida constituem ferramentas essenciais para a análise crítica da memória coletiva, da construção de identidades e da formação de consciência social.

Ao projetar essas reflexões para o presente, as narrativas de vida oferecem fundamentos para futuras investigações sobre direitos humanos, justiça social, resistência a retrocessos políticos e fortalecimento de movimentos minoritários, mostrando que o estudo de experiências individuais, quando contextualizado e comparado com análises acadêmicas rigorosas, torna-se um instrumento vital para compreender e transformar a realidade contemporânea. Assim, a trajetória de Herbert Daniel se torna não apenas um objeto de estudo histórico, mas também um farol metodológico e ético para pesquisadores, ativistas e educadores, reafirmando que preservar e analisar memórias de militantes é um ato político e social de resistência, indispensável para a construção de sociedades mais justas, inclusivas e igualitárias.

Nesse percurso analítico, torna-se também pertinente explicitar o lugar a partir do qual esta pesquisa foi construída. Escrevo na condição de professor e pesquisador em formação, estudante de mestrado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com trajetória também vinculada ao campo do jornalismo e às discussões acadêmicas sobre diversidade e direitos sociais. Minha experiência acadêmica e social, situada no contexto do interior da Bahia, atravessa inevitavelmente o modo como leio e interpreto as narrativas

analisadas neste estudo. Nesse sentido, no quadro enunciativo mobilizado ao longo da pesquisa, reconheço-me como parte dessa rede de produção de sentidos, ocupando simultaneamente o lugar de sujeito destinatário, lector e, sobretudo, de sujeito interpretante. Assim, a leitura das narrativas de vida de Herbert Daniel e da biografia escrita por James Green constituem-se como uma interpretação situada, construída a partir do diálogo entre experiência acadêmica, análise teórica e reflexão crítica sobre os processos históricos e sociais que atravessam tais narrativas.

Em síntese, a análise da vida e obra de Herbert Daniel, em diálogo com James Green, reafirma que narrar é resistir. Sua trajetória nos lembra que as memórias de luta são também ferramentas de transformação e que a escrita, quando comprometida com a justiça social, é uma forma de ação política.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico Dilemas Da Subjetividade Contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Brasil registra queda de óbitos por aids, mas doença ainda mata mais pessoas negras do que brancas**. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/novembro/Brasil-registra-queda-de-obitos-por-aids-mas-doenca-ainda-mata-mais-pessoas-negras-do-que-brancas?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 26 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico HIV/Aids 2022**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2022/dezembro/01/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2022.pdf> . Acesso em: 11 abr. 2025.

BRASIL. **Comissão de Anistia**. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, Brasília, [2001]. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/comissao-de-anistia> . Acesso em: 12 ago. 2025.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **ADI 4275**. Disponível em: <http://www.stf.jus.br> . Acesso em: 27 mar. 2025.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CEDOC – Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott. **Lampião da Esquina** – Edição nº 1, 1978. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/0-ed-jornal-lampiao-da-esquina-abril-1978/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

CHARAUDEAU, Patrick. **O Sujeito Falante em Ciências da Linguagem**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2025.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Ana Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **Análise do discurso**: linguagem e discurso. Tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**: os mascaramentos do poder. Tradução de Mauro Wilton de Souza. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In.: CHARAUDEAU, Patrick. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo: Contexto, 2008. p. 59–95. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/273422164/Uma-Analise-Semiolinguistica-Do-Texto-e-Do-Discurso> . Acesso em: 28 jul. 2025.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

DANIEL, Herbert. **Passagem para o próximo sonho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DANIEL, H. **Meu corpo daria um romance**: narrativa desarmada. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. São Paulo: Ed. 1, Autêntica, 2014.

FERNANDES, Maria Clara. **Vida Escrita**: Reflexões Sobre o Gênero Biográfico. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalheite. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **A epidemia da Aids através do tempo**. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/aids20anos/linhadotempo.html?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 26 fev. 2025.

GREEN, James N.; LIMA, Andréa Moreira; MACHADO, Frederico Viana. Revolucionário e gay: identidades inconciliáveis? Entrevista com James Green. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, vol. 32, 12 p. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Dqt9M4Yz5jY7NzF9nz8szpd/?lang=pt> Acesso em: 28 jul. 2025.

GREEN, James N. A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina. **Cadernos AEL**, Campinas, v. 18/19, p. 13–39, 2003. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ael/article/view/2508/1918> . Acesso em: 28 jul. 2025.

GREEN, James N. Homossexualidades e a história: recuperando e entendendo o passado. **Revista Gênero**, Niterói, v. 12, n. 2, p. 65–76, 1. sem. 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/790941350/GREEN-J-N-Homossexualidades-e-a-Historia-Recuperando-e-Entendendo-o-Passado> . Acesso em: 28 jul. 2025.

GREEN, James N. **Revolucionário e Gay: A Vida Extraordinária de Herbert Daniel**. Rio de Janeiro. Ed. 1, Civilização Brasileira, 2018.

GRUPO GAY DA BAHIA – **Observatório de Mortes Violentas de LGBTQ+ no Brasil. Relatório 2024/2025**. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

HALPERIN, David M. **Saint Foucault: towards a gay hagiography**. New York: Oxford University Press, 1995.

LAVOISIER, Antoine Laurent de. **Tratado elementar de química**. Tradução de Vicente de Seabra. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008.

LIMA, Marcus Antônio Assis. **O estilo sui generis de vida gay**. Uberlândia, MG: O Sexo da Palavra, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MACHADO, Ida Lucia. **Reflexões sobre uma corrente de análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida**. Portugal: Grácio, 2016.

MACHADO, Ida Lucia. **Narrativas De Vida Saga Familiar e Sujeitos Transclasses**, Coimbra: Ed 1, Gráfico, 2020.

MACHADO, Ida Lucia. **Parodie et analyse du discours**. Paris: L'Harmattan, 2013, p.134.

MACHADO, Ida Lucia; MENDES, Emília. A análise semiolinguística: seu percurso e sua efetiva tropicalização. **Revista RALED**, v. 13, n. 2, p. 7-20, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/raled/article/view/33381>. Acesso em: 28 set. 2025.

MACHADO, Ida Lucia. O romance como materialidade discursiva. **Gráuks – Revista de Letras e Artes**, v. 22, n. 1, p. 4-64, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/362359034_romance_como_materialidade_discursiva . Acesso em: 28 jul. 2025.

MACHADO, Ida Lucia. A narrativa de vida como materialidade discursiva. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 2, p. 95-108, jul./dez. 2015. Disponível em:

<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1258>. Acesso em: 28 jul. 2025.

MACHADO, Ida Lucia. **Reflexões sobre uma corrente de análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida**. Portugal: Grácio, 2016.

MACRAE, Edward. **A Construção Da Igualdade Políticas e Identidade Homossexual no Brasil da “Abertura”**. Salvador: EDUFBA, 2018.

PRECIADO, Paulo B, **Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. Rio de Janeiro: Ed 1, ZAHAR, 2022.

SANTIAGO, Silviano. **O homossexual astucioso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.